



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO – CAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM

ANA PAULA CAMPOS LIMA

**O CIRCO-TEATRO DE DOM PANTERO:  
as aulas-espetáculo de Ariano Suassuna**

Recife

2024

ANA PAULA CAMPOS LIMA

**O CIRCO-TEATRO DE DOM PANTERO:  
as aulas-espetáculo de Ariano Suassuna**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Comunicação. Área de concentração: Comunicação.

Orientadora: Cristina Teixeira Vieira de Melo

Coorientador: Carlos Newton de Souza Lima Júnior

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Ana Paula Campos .

O circo-teatro de Dom Pantero: as aulas-espetáculo de Ariano Suassuna /  
Ana Paula Campos Lima. - Recife, 2024.

194 p. : il.

Orientador(a): Cristina Teixeira Vieira de Melo

Coorientador(a): Carlos Newton de Souza Lima Júnior

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Aula-espetáculo. 2. Ariano Suassuna. 3. humor. 4. Movimento  
Armorial. 5. Romance de Dom Pantero. I. Melo, Cristina Teixeira Vieira de .  
(Orientação). II. Lima Júnior, Carlos Newton de Souza. (Coorientação). IV. Título.

070 CDD (22.ed.)

ANA PAULA CAMPOS LIMA

**O CIRCO-TEATRO DE DOM PANTERO:  
as aulas-espetáculo de Ariano Suassuna**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Comunicação.

Aprovada em: 03/07/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristina Teixeira Vieira de Melo (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Isaltina Mello Gomes (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Rodrigo Octavio d'Azevedo Carreiro (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vera Borges de Sá (Examinadora Externa)  
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

---

Prof. Dr. Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

*Para Fabio, Bento, Dante e Leni.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Cristina Teixeira, por me acolher no PPGCOM, sendo paciente e serena na missão de ensinar. Dessa maneira me ajudou a enxergar o objeto a ser desvendado na tese e a organizar meus pensamentos.

A Carlos Newton Júnior, meu coorientador e uma fonte viva de pesquisa sobre Ariano Suassuna e seu universo. Obrigada por me dedicar parte de seu tempo, pelos empréstimos de materiais valiosos e por gentilmente partilhar comigo seu saber.

A Karla Patriota, amiga que tanto me ajudou na missão de realizar o doutorado.

Aos professores que aceitaram o convite para integrar a banca de defesa desta tese, contribuindo com o trabalho que realizei e que agora apresento e defendo.

Aos companheiros de doutorado Mirella Pessoa e Bruno Alves. A pandemia não permitiu abraços reais, mas não conseguiu impedir o apoio e o afeto entre nós.

A Roberta Bacelar Gonçalves de Melo, funcionária do PPGCOM, que com sua maneira solícita de ser tornou tudo mais leve e mais fácil.

À minha mãe, Leni, qualquer agradecimento será sempre pouco. Então sigo sendo grata por uma vida toda de dedicação e por um amor que não se mede.

Agradeço a Fabio, Bento e Dante, que souberam lidar com minha ausência, e até brincavam com palavras que me ouviam dizer repetidamente: “calma que eu tô terminando só mais uma linha”, ou “já já eu vou, prometo, só vou terminar essa ideia aqui”. As falas foram ditas tantas vezes que se tornaram piada interna, significando: “espere só mais um tiquinho, que eu não vou tão cedo aí”. Não sei se os meninos, quando crescerem, ao lerem as palavras aqui organizadas, acharão que valeu à pena tanta ausência de minha parte, mas espero que achem (oxalá que sim), pois tudo isso foi só para me “amostrar” para eles.

Minha gratidão aos pais que não são meus, mas que passaram a ser. Meus sogros Mary e Fausto. Ele, sempre alegre e orgulhoso da minha empreitada, foi o maior entusiasta deste trabalho.

A Ariano (*in memoriam*) deixo meu mais profundo agradecimento. Ele que deve estar contando suas histórias espetaculosas em outras dimensões, provavelmente ao lado da Compadecida, com quem sempre teve intimidade. Ele é a semente de tudo que aqui está.

“E com vocês... o maior espetáculo de Ariano Suassuna: Ariano Suassuna!”

(Pedro Bial, 1997).

Entremeando arte e vida,  
entretendo ao entreter-se,  
educava ao conceber-se  
pura emoção entretida.

Sem desdizer, entretanto,  
que a paixão é sol, guardada,  
e nos encanta à medida  
da beleza do seu canto.

Num entretecer de sonhos,  
rizoma ou rede estendida,  
trocava a luta renhida  
por um mundo mais risonho.

Ensinava com alegria,  
e revelou, a sonhar,  
na direção a trilhar  
uma outra e melhor via.  
(Newton Júnior, 2023).

## RESUMO

Tendo como objeto de estudo as aulas-espetáculo, criadas e proferidas pelo escritor Ariano Suassuna, buscamos compreendê-las investigando os elementos presentes nesse que foi o circo-teatro suassuniano. Para isso, realizamos uma pesquisa exploratória e inventariamos, a partir de um denso material coletado, as aulas-espetáculo disponíveis em audiovisual e completas. Para compreender seu contexto histórico, levantamos todas as matérias jornalísticas referentes aos espetáculos realizados pelo escritor paraibano, cruzando-as com as apresentações do literato. Durante as aulas-espetáculo eram apresentadas música, dança e o pensamento do escritor, presente em sua proposta de arte erudita brasileira inspirada na cultura popular. Todo ideário que preenche os espetáculos integra o Movimento Armorial, idealizado por Ariano. A partir daquilo que chamamos de “A espetaculosa Trilha das Aulas”, uma cronologia das aulas-espetáculo, descobrimos que as aulas precedem o período em que foram oficializadas (1995), e que, no caminho das aulas, arte e política estão entrelaçadas. Os espetáculos apresentavam cenários, música e dança, mas Suassuna era a figura central do espetáculo. No palco, ele era o palhaço e o dono de seu *Circo da Onça Malhada*, e nele o humor se sobressaía, alinhavando as apresentações do início ao fim. Houve uma transição das salas de aula para os palcos. Ao se aposentar como professor, Suassuna assume o papel de contador de histórias. Após elaborarmos “A Linha Armorial das Aulas-espetáculo”, traçamos o formato das aulas, bem como a performance de Suassuna no centro do picadeiro. Apesar de haver um roteiro pré-estabelecido, as histórias que o poeta contava nos palcos iam surgindo e guiando a aula. O educador se expressava também fazendo uso de gestual e de expressões faciais para alcançar o público. O espetáculo demonstrou ser mais complexo e completo do que uma aula. Sua obra póstuma, *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, é uma espécie de palco literário, e traz a estruturação, preparação e a descrição da grande aula-espetaculosa planejada e realizada pelo personagem principal da trama. O escritor caminha da literatura para os palcos, onde ele se descobre no ofício de palhaço-professor. As duas expressões de sua arte se entrelaçaram enquanto ele atua em seu próprio papel, trazendo o palco para seus livros. Durante a carreira, Ariano apresentava ressalvas quanto aos veículos de comunicação massivos. Esse quadro começa a se reverter quando algumas de suas obras literárias passam a ser adaptadas para a TV e para o cinema. Há então a popularização da figura do teatrólogo. Mas a reconciliação com a mídia aconteceu de fato a partir do espetáculo suassuniano. A potência das aulas se confirmou a partir da criação de um quadro televisivo protagonizado pelo dramaturgo, intitulado *O Canto de Ariano*. E mesmo após seu falecimento, em 2014, as apresentações serviram de mote para o filme *O Auto da Boa Mentira*, e a série televisiva *Histórias Quase Verdadeiras*. A arte de fazer rir, assim como a figura carismática de Suassuna, foram os responsáveis por imortalizar as apresentações. E elas imortalizaram Ariano.

**Palavras-chave:** Aula-espetáculo, Ariano Suassuna, humor, Movimento Armorial, Romance de Dom Pantero

## RESUMEN

Teniendo como objeto de estudio las clases-espectáculo, creadas por el escritor Ariano Suassuna, buscamos comprenderlas investigando los elementos presentes en lo que fue el circo-teatro suassuniano. Para esto, realizamos una investigación exploratoria e inventaríamos, a partir de un denso material recolectado, las clases escolares disponibles en audiovisual y completas. Para comprender su contexto histórico, planteamos todos los artículos periodísticos sobre los espectáculos dirigidos por Ariano Suassuna, cruzándolos con las presentaciones de Literati. Durante las clases-espectáculo había música, danza y el pensamiento del escritor, presentes en su propuesta de arte erudito brasileño inspirado en la cultura popular. Todas las ideas que llenan los espectáculos son parte del Movimiento Armorial, idealizado por Ariano. Por lo que llamamos "el espectacular rastro de clases", una cronología de las clases-espectáculo, descubrimos que las clases preceden al período en que fueron oficializadas (1995), y que, en el camino a las clases, el arte y la política están entrelazados. Las presentaciones contaron con escenografía, música y danza, siendo Suassuna la figura central del espectáculo. En el escenario era el payaso y dueño de su Circo del la Onza Atigrado. El humor fue el protagonista de las clases-espectáculo, impregnando las presentaciones de principio a fin. Ocurrió una transición de las aulas al escenario. Al retirarse como maestra, Suassuna asume el papel de contador de historias. Después de elaborar "la línea de armadura de las clases-espectáculo", detallamos el formato de las clases, así como la actuación de Suassuna en el centro de la arena. Aunque había un guión preestablecido, las historias que el poeta contaba en el escenario surgieron y guiaron la clase. El maestro también se expresó mediante el uso de gestos y expresiones faciales para llegar al público. El espectáculo resultó ser más complejo y completo que una clase. Su obra póstuma, *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, es una especie de escenario literario, y presenta la estructuración, preparación y descripción de la gran clase espectacular planeada y llevada a cabo por el personaje principal de la trama. El escritor camina de la literatura al escenario, donde se encuentra trabajando como profesor-payaso. Las dos expresiones de su arte se han entrelazado mientras él actúa en su propio papel, aportando escenario a sus libros. Durante su carrera, Ariano presentó advertencias sobre medios de comunicación masivos. Esta imagen comienza a revertirse cuando algunas de sus obras literarias se adaptan a la televisión y al cine. Entonces existe la popularización de la figura del teatrólogo. Pero la reconciliación con los medios de comunicación realmente sucedió desde el espectáculo de Suassuna. El poder de las clases fue confirmado por la creación de un programa de televisión protagonizado por el dramaturgo, titulado *O Canto de Ariano*. E incluso después de tu muerte en 2014, las clases-espectáculo sirvieron como inspiración para la película *O Auto da Boa Mentira* y la serie de televisión *Histórias Quase Verdadeiras*. El arte de hacer reír, así como la carismática figura de Suassuna, inmortalizaron las presentaciones, que eternaron a Ariano.

**Palabras Claven:** clases-espectáculo, Ariano Suassuna, humor, Movimento Armorial, Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ilumigravura Acauhan – A Malhada da Onça (Ariano Suassuna)

Figura 2 – Capa d'O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta

Figura 3 – Ilustração d'O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta

Figura 4 – Capa da obra Ferros do Cariri

Figura 5 – Abertura do programa de TV O Canto de Ariano

Figura 6 – Cena do programa de TV O Canto de Ariano

Figura 7 – Cartaz do filme O Auto da Compadecida

Figura 8 – Cena do filme O Auto da Compadecida

Figura 9 – Ariano Suassuna homenageado pela Escola de Samba Império Serrano, RJ

Figura 10 – Cartaz da série televisiva A Pedra do Reino

Figura 11 – Ariano Suassuna homenageado pela Escola de Samba Mancha Verde (SP)

Figura 12 – Ariano Suassuna homenageado do bloco carnavalesco Galo da Madrugada (PE)

Figura 13 – Iluminogravura “Abertura - Sob Pele de Ovelha” (Ariano Suassuna)

Figura 14 – Cartaz do filme O Auto da Boa Mentira

Figura 15 – Página no Instagram intitulada ariano.suassuna

Figura 16 – Publicação na página do Instagram intitulada ariano.suassuna

Figura 17 – Capa da obra O Movimento Armorial

Figura 18 – Capas dos dois LPs da Orquestra Armorial

Figura 19 – Capas dos quatro LPs do Quinteto Armorial

Figura 20 – Capas dos 2 CDs do Quarteto Romançal

Figura 21 – Grupo Grial de Dança

Figura 22 – Ariano Suassuna durante uma aula-espetáculo

Figura 23 – Gravura de Gilvan Samico, Dama da Noite

Figura 24 – Figurino de Francisco Brennand para o filme A Compadecida

Figura 25 – Pintura de Alúcio Braga, A Viagem de Lino

Figura 26 – Esculturas de Arnaldo Barbosa em São José do Belmonte-PE

Figura 27 – Litogravura de Zélia Suassuna, Sofia – A Sabedoria

Figura 28 – Figurino de Dantas Suassuna para o Grupo Grial de Dança

Figura 29 – Pintura de Romero de Andrade Lima

Figura 30 – Capa do Projeto Cultural Pernambuco – Brasil

Figura 31 – Aula-espetáculo, Quinteto Armorial e Ariano Suassuna

Figura 32 – Aula-espetáculo Tributo a Capiba

Figura 33 – Aula-espetáculo, Quinteto Armorial e Ariano Suassuna

Figura 34 – Aula-espetáculo, Quinteto Armorial e Ariano Suassuna

Figura 35 – Aula-espetáculo Tributo a Capiba

Figura 36 – Ariano Suassuna na Ilumiara Zumbi, com o Maracatu Piaba de Ouro

Figura 37 – Chico Science

Figura 38 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 39 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 40 – Plateia de uma aula-espetáculo

Figura 41 – Plateia de uma aula-espetáculo

Figura 42 – Ariano Suassuna no Circo da Onça Malhada

Figuras 43 – Ariano Suassuna com bailarinos e músicos, durante aula-espetáculo na Casa de Detenção Feminina

Figura 44 – Cronologia das aulas

Figura 45 – Cena do teatro brasileiro indígena

Figura 46 – Linha Armorial das aulas-espetáculo

Figura 47 – Gravura de Amaro Francisco

Figura 48 – Gravura de Gilvan Samico

Figura 49 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 50 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 51 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 52 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 53 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 54 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 55 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

Figura 56 – Ariano Suassuna durante aula-espetáculo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>20</b>
<b>3 A TRILHA E AS FACETAS DO PALHAÇO SERTANEJO.....</b>	<b>26</b>
<b>4 A BANDEIRA E O MOTE DO MOVIMENTO ARMORIAL .....</b>	<b>44</b>
<b>4.1 A poética da proposta cultural .....</b>	<b>44</b>
<b>4.2 Artistas, artes e cores armoriais .....</b>	<b>50</b>
<b>5 CIRCO DA ONÇA MALHADA: história e formato das aulas-espetáculo.....</b>	<b>60</b>
<b>6 DESCRIÇÃO DETALHADA DE AULAS-ESPETÁCULO .....</b>	<b>81</b>
<b>6.1 Aula-espetáculo Homenagem a Ariano Suassuna .....</b>	<b>82</b>
<b>6.2 Aula-espetáculo/Palestra com Ariano Suassuna .....</b>	<b>90</b>
<b>6.3 Aula-espetáculo Tributo a Capiba .....</b>	<b>95</b>
<b>7 ESTRUTURA E CONTEÚDO DAS AULAS-ESPETÁCULO .....</b>	<b>103</b>
<b>8 A ESTRATÉGIA DO HUMOR PERMEANDO AS AULAS-ESPETÁCULO .....</b>	<b>116</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS OU MADEIRA DE LEI QUE CUPIM NÃO RÓI .....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>142</b>
<b>Apêndice A – Palestra/Aula-espetáculo Uma visão do Brasil .....</b>	<b>142</b>
<b>Apêndice B – Palestra/Aula-espetáculo Raízes Populares da Cultura Brasileira_parte 1 .....</b>	<b>145</b>
<b>Apêndice C – Palestra/Aula-espetáculo Raízes Populares da Cultura Brasileira_parte 2 .....</b>	<b>147</b>
<b>Apêndice D – Aula-espetáculo Chamada ao piano.....</b>	<b>149</b>
<b>Apêndice E – Aula-espetáculo A Cadência, o castelo e a cantoria .....</b>	<b>151</b>
<b>Apêndice F – Palestra/Aula-espetáculo A riqueza e encantos da cultura Brasileira .....</b>	<b>152</b>
<b>Apêndice G – Palestra/Aula-espetáculo com Ariano Suassuna (TST) .....</b>	<b>155</b>

**Apêndice H – Compilação “Os Causos Engraçados de Ariano Suassuna” .... 157**

**ANEXO – Projeto Cultural Pernambuco - Brasil ..... 164**

## INTRODUÇÃO

Ao começar meu trabalho de escritor (em 7 de outubro de 1945), não digo que já tivesse clara consciência do que disse até aqui. Mas, “na noite criadora da vida pré-consciente do intelecto” (noite talvez mais clarividente do que a luz da razão puramente reflexiva), eu já acreditava que devia escrever como se a sorte do meu País, do meu Povo, da Rainha do Meio-Dia e até do Mundo dependessem do que eu fizesse. (Suassuna, 2017, p. 31).

O escritor paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) ocupou entre 1990 e 2014 a cadeira de número 32 na Academia Brasileira de Letras. O literato tem cerca de 32 obras publicadas entre romances, poemas e peças de teatro. Parte de sua literatura foi traduzida para cerca de 8 idiomas<sup>1</sup>. Vários de seus livros foram adaptados para o cinema e televisão. Além da literatura, Ariano se aventurou em outras artes e na política. Era múltiplo. Ele idealizou e liderou o Movimento Armorial<sup>2</sup>. Ocupou o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Recife (1975 a 1978) durante o mandato de Antônio Arruda de Farias, de Secretário da Cultura do Estado de Pernambuco no governo de Miguel Arraes (1995 a 1998) e de Secretário Especial de Cultura de Pernambuco no governo Eduardo Campos (2007 a 2014, nos dois mandatos da Campos). Por tudo isso, a vida e a obra de Ariano foram e continuam sendo muito debatidas.

Constam na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações 60 estudos sobre Ariano ou sua obra, sendo 45 dissertações de mestrado e 15 teses de doutorado<sup>3</sup>. A maior parte dos estudos se concentra nas áreas de teatro, literatura e história. Apenas dois dialogam com a área de Comunicação, mais especificamente com a folkcomunicação<sup>4</sup>. As consultas ao portal de periódicos da Capes mostram que

---

<sup>1</sup> Inglês, espanhol, alemão, italiano, holandês, polonês, francês e bretão.

<sup>2</sup> Movimento cultural criado por Suassuna, no final dos anos 1960, com o intuito de criar uma arte erudita brasileira que tivesse como ponto de inspiração elementos da cultura popular. Mais adiante, apresentamos a essência do Movimento, seus integrantes e suas respectivas produções em diversos campos das artes.

<sup>3</sup> Levantamento realizado em 2021.

<sup>4</sup> Não estão presentes no repositório da Biblioteca importantes trabalhos escritos em décadas anteriores, como os de Idelette Muzart Fonseca dos Santos (*Em Demanda da Poética Popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*, 1999) e Maria Aparecida Lopes Nogueira (*Ariano Suassuna: o Cabreiro Tresmalhado*, 2002).

nos 177 materiais ali registrados sobre Ariano tratam predominantemente sobre sua história e sua literatura<sup>5</sup>.

Além desses, importante citar algumas biografias relevantes sobre Ariano Suassuna: a de Carlos Newton Junior<sup>6</sup>, a assinada por Adriana Victor e Juliana Lins<sup>7</sup> e a de autoria de Braulio Tavares<sup>8</sup>. Todo esse material se mostrou fundamental para o desenvolvimento da presente tese.

Assistimos também a cinco documentários em vídeo<sup>9</sup> que tratam de aspectos diversos da vida e obra do escritor paraibano. A partir dessa varredura, nosso desafio foi buscar algo original sobre Ariano e sua produção artística. Aí chegamos às chamadas “aulas-espetáculo”.

As aulas-espetáculo foram oficializadas com esse nome na apresentação das propostas de ação de governo que Ariano desenvolveu para os 4 anos que ficou à frente da Secretaria de Cultura do Estado do governo Arraes. Para o escritor, uma secretaria de cultura estadual representava pouca verba, burocracia e desafios. Ele então tratou de iniciar o trabalho realizando algo que dependia apenas dele e que sabia fazer bem: ministrar aulas. Essas aulas costumavam ter até 1h30 de duração, assim como um espetáculo de teatro. As apresentações abordavam temas diversos relacionados à cultura brasileira e suas manifestações artísticas tanto as populares quanto as eruditas. A proposta era permeada por histórias vividas por Ariano e anedotas sempre contadas com o intuito de provocar o riso. Esse é um aspecto essencial das aulas. Ou seja, além da música e dança que ilustravam o conteúdo das aulas, um importante fio condutor desses eventos, como pretendemos demonstrar, era o humor.

Investigamos o caminho percorrido por Ariano da literatura para os palcos das aulas-espetáculo a fim de saber como eles se tornaram personagem principal de sua derradeira obra. Em seu livro póstumo, *Romance de Dom Pantero no Palco dos*

---

<sup>5</sup> Levantamento realizado em 2024.

<sup>6</sup> Carlos Newton Júnior é professor universitário, pesquisador, poeta e ensaísta. É um profundo conhecedor (arriscaria dizer que o maior) da vida e obra de Ariano Suassuna. Em 2008, Ariano declarou que Carlos Newton seria seu herdeiro literário, seu sucessor para dar continuidade às aulas-espetáculo (Veras, 2008). Desde a morte do escritor, Carlos Newton segue à frente da organização e revisão dos textos inéditos que vêm sendo publicados. Sua produção literária utilizada na tese consta nas Referências.

<sup>7</sup> Ariano Suassuna: um perfil biográfico (2007).

<sup>8</sup> ABC de Ariano Suassuna (2007).

<sup>9</sup> Todos estão catalogados nas Referências.

*Pecadores*, ele homenageia o ofício das aulas-espetáculo através do protagonista da ficção, que se apresenta e conduz o que no romance é denominada de ‘a grande aula-espetaculosa’. A escrita desse romance se deu em paralelo à gestão da cultura do Estado de Pernambuco e à realização das aulas pelo Brasil. Na obra literária, assim como seu espetáculo passou a ser espetaculoso, o espaço onde as aulas aconteciam – Circo da Onça Malhada – seriam no romance o Circo-teatro de Dom Pantero. Vem daí o título da nossa tese. O literato afirmava na época (2007) que esse seria o livro de sua vida, por fundir seu teatro, seu romance e sua poesia. (Suassuna apud Soares, 2007c).

O segundo volume dessa obra, *O Palhaço Tetrafônico*, gira em torno de uma aula-espetaculosa. Esse livro mostra a dimensão e importância das aulas-espetáculo para a vida e a obra de Suassuna<sup>10</sup>, que foram cada vez mais se entrelaçando, se influenciando mutuamente.

Nas aulas-espetáculo o dramaturgo desempenhava ao mesmo tempo os papéis de dono do circo, aquele que comanda o espetáculo, e do palhaço, o personagem que faz rir. Os espetáculos fizeram florescer sua faceta de comunicador e acentuaram o contador de histórias e humorista que ele era. No palco, Ariano seduzia e conquistava o público. As apresentações eram tão autorais quanto a própria produção literária do escritor e seu pensamento sobre arte e cultura, ambos formadores da essência do Movimento Armorial. O ideário armorial se fazia presente nos espetáculos suassunianos não de maneira direta, mas através dos argumentos presentes no discurso do escritor e da exemplificação do que era dito com músicas, cenários, figurinos e dança armoriais. Todos esses elementos juntos no picadeiro das aulas-espetáculo reforçavam as bandeiras levantadas por ele em 1970, de defesa da cultura popular e da importância dela para o povo brasileiro.

Nesse trabalho, passeamos pelo conjunto da produção artística do paraibano: iniciamos pela sua literatura até chegarmos ao homem dos palcos, fazedor de graça,

---

<sup>10</sup> *Dom Pantero* é um romance polifônico que dialoga com as novas mídias. No livro há ainda um QR code que leva o leitor a um compilado de imagens documentais, incluindo uma de suas aulas-espetáculo mais marcantes: a aula-espetáculo ministrada em 1999, na Universidade de Brasília – UnB, gravada e editada, para se tornar documentário. A proposta do então Ministro da Cultura Francisco Weffort era de distribuir o material em escolas por todo o Brasil.

contador de histórias e encantador plateias. Os capítulos estão organizados da seguinte forma:

**Capítulo 2 – Metodologia:** levantamento e seleção dos materiais para a investigação, os critérios de seleção e o caminho percorrido para chegar até eles.

**Capítulo 3 – A trilha e as facetas do palhaço sertanejo:** Revisitamos a infância e a carreira de Ariano Suassuna, apresentando fatos marcantes de sua trajetória, a fim de perceber nela o que haveria de elementos inspiradores para a criação das aulas-espetáculo.

**Capítulo 4 – A bandeira e o mote do Movimento Armorial:** trouxemos aqui a essência do movimento criado por Suassuna, os conceitos, objetivos, as fases, expressões e artistas que se inspiraram nos preceitos armoriais.

**Capítulo 5 – Circo da Onça Malhada: história e formato das aulas-espetáculo.** comparamos fases das aulas-espetáculo, se houve mudanças em seu formato, e a cobertura feita pela mídia das apresentações durante os períodos em que Ariano Suassuna foi Secretário de Cultura de Pernambuco.

**Capítulo 6 – Descrição detalhada de aulas-espetáculo:** discorreremos sobre três aulas-espetáculo que aconteceram em diferentes momentos e de formatos distintos em buscas de diferenças e semelhanças entre elas.

**Capítulo 7 – Estrutura e conteúdo das ações nas aulas-espetáculo:** investigamos a essência das apresentações, elencamos os temas abordados para descobrir se eles eram sequenciais, recorrentes, e ainda se a abordagem era sempre a mesma ou se costumava passar por mudanças.

**Considerações finais ou Madeira de Lei que Cupim Não Rói.**

## 2 METODOLOGIA

Suassuna afirmava que as aulas-espetáculo podiam acontecer em um dos três formatos: “completa” ou “plena” (Ariano ao lado de músicos e bailarinos), “reduzida” (Ariano acompanhado de dois músicos) e “reduzidíssima” (apenas ele a ocupar o palco). Esse último tipo servia de base para a realização das palestras, que eram apresentações sem vínculos com as atividades de secretário de cultura. Para a realização das palestras o dramaturgo recebia cachê. Havia entre os materiais audiovisuais completos que coletamos e que integraram nossa pesquisa, um número maior de palestras do escritor Ariano e uma quantidade menor de aulas-espetáculo do secretário de cultura Suassuna.

O *corpus* da nossa pesquisa foi composto por uma aula-espetáculo completa, duas do modelo de aula reduzida e seis palestras/aulas-espetáculo denominadas de ‘reduzidíssima’, além de um compilado com 15 recortes de momentos distintos das apresentações. Encerramos a seleção de vídeos ao percebermos que os conteúdos começaram a se repetir.

Nem todos os espetáculos/palestras tinham título ou nome. As aulas em que constam essa informação estão em negrito na lista abaixo. As apresentações estão em ordem cronológica:

1 – **Aula Magna**, [Modelo da aula: ‘reduzida’]. Universidade Federal da Paraíba, 1992. Livro.

2 - Aula-espetáculo **Homenagem a Ariano Suassuna**. Modelo da aula: ‘reduzida’. Universidade de Brasília, 1997. YouTube.

3 - Palestra/Aula-espetáculo: **Uma visão do Brasil: Encontro com o Barão - Acadêmico Ariano Suassuna**. Modelo da aula: ‘reduzidíssima’. Palácio do Itamaraty - Rio de Janeiro, 2007. YouTube.

4.1 - Palestra/Aula-espetáculo **Raízes Populares da Cultura Brasileira\_parte 1**. Modelo da aula: ‘reduzidíssima’. Theatro Municipal de Paulínia, São Paulo, 2009a. YouTube.

4.2 - Palestra/Aula-espetáculo **Raízes Populares da Cultura Brasileira\_parte 2**. Modelo da aula: ‘reduzidíssima’. Teatro Municipal de Paulínia, São Paulo, 2009b. YouTube.

5 - Aula-espetáculo **Chamada ao Piano**. Modelo da aula: ‘reduzidíssima’. Ginásio do Colégio Cardeal Arcoverde, Arcoverde – PE. Possível data: 2010. DVD.

6 - Aula-espetáculo **A Cadência, o Castelo e a Cantoria** (Sagração nº3). Modelo da aula: ‘reduzida’. Local: Ginásio (no município de Panelas – Pernambuco). Provável data: 2010a. DVD.

7 - Palestra/Aula-espetáculo com Ariano Suassuna. (**palestra sem título**). Modelo da aula: ‘reduzidíssima’. Local: Teatro do SESC Vila Mariana, São Paulo. 2011a. YouTube.

8 - Palestra/Aula-espetáculo **A riqueza e encantos da cultura brasileira**. Aula-espetáculo Modelo da aula: ‘reduzidíssima’. Sindicato dos Professores de São Paulo, 2011b. YouTube.

9 - Palestra/Aula-espetáculo no Tribunal Superior do Trabalho. (**palestra sem título**). Modelo da aula: ‘reduzidíssima’. Brasília, DF, 2012. YouTube.

10 - Aula-espetáculo **Tributo a Capiba**. Modelo da aula: ‘completa’. Local: Casa da Rabeca, Espaço Cultural Ilumiara Zumbi, Cidade Tabajara, Olinda – PE, 2014. YouTube.

11 - Compilado **Os Causos<sup>11</sup> Engraçados de Ariano Suassuna**. (sem modelo, local ou data). YouTube.

Buscamos os registros de aulas-espetáculo em diferentes suportes e fontes. Iniciamos os trabalhos por 3 DVDs cedidos pelo pesquisador Carlos Newton Júnior<sup>12</sup>. Como o material de um dos DVDs estava parcialmente desgastado, só foi possível assistir a duas aulas registradas neles: *Chamada ao Piano (2010)*, e *A Cadência, o*

---

<sup>11</sup> Ariano discordava do uso de uma linguagem errada com o intuito de aproximar-se ao linguajar do povo. Segundo ele, isso era uma tentativa de imitar a letra da linguagem popular, não o espírito dela. Especificamente sobre a expressão “contador de causos”, que, como no exemplo do compilado, era comumente utilizado para se referir ao escritor, ele esclarecia que o termo não cabia nem nas expressões utilizadas no Nordeste e sim no Sudeste. (Suassuna, 2007b).

<sup>12</sup> Pela deterioração física do suporte, só foi possível descrever o conteúdo de 2 dos 3 DVDs.

*Castelo e a Cantoria (Sagração nº 3) (2010)*. Ambas foram ministradas no período em que o escritor esteve à frente da Secretaria Especial de Cultura, durante o governo de Eduardo Campos. São da mesma fase outras seis apresentações que estavam disponíveis na plataforma digital Youtube.

Do período da secretaria de cultura estadual (1995-1998), há uma aula gravada e também disponível no YouTube. Trouxemos ainda uma aula que não foi assistida (pois não há registros dela em audiovisual), mas que foi lida por nós. Essa aula é uma aula magna e aconteceu em 1992. Por estar transcrita na íntegra em um livro, não foi preciso fazer a descrição dela como fizemos com as demais apresentações. Por fim, há um compilado que traz momentos marcantes de algumas das aulas-espetáculo, mas que, por se tratar de recortes que foram ali reunidos, não foi possível datar.

Ao digitar as palavras “Ariano Suassuna” na busca geral da plataforma de pesquisa Google, cerca de 181.000 foram conteúdos foram listados. Fazendo nova busca, agora por “aulas espetáculo” nos deparamos com o número de 31.800 conteúdos referentes ao tema digitado (dados coletados entre abril de 2021 e abril de 2024). Entre eles estavam os seguintes materiais: fotos, fotos com frases do escritor, documentários, entrevistas, aulas-espetáculo/palestras. Mas a maioria dos documentos que foram encontrados referentes às aulas-espetáculo apresentava apenas trechos e não espetáculos na íntegra.

As aulas que integram nossa tese aconteceram entre 1992 e 2014. Não encontramos registros audiovisuais de épocas anteriores. Os critérios para a escolha dos materiais da internet foram: apresentações de Ariano Suassuna que estivessem disponíveis na íntegra e que trouxessem os dados mínimos de identificação (local, data). Dessas, escolhemos as que na época da coleta eram os vídeos mais acessados na plataforma digital YouTube. Alguns desses materiais chegavam a ter 6,8 milhões de visualizações.<sup>13</sup> (última checagem dos dados citados realizada em abril de 2024).

Apesar de termos definido a seleção apenas de aulas completas e identificadas, nos deparamos com um compilado formado por trechos de aulas-espetáculo intitulado *Os Causos Engraçados de Ariano Suassuna*. O material em

---

<sup>13</sup> É o caso da palestra/aula-espetáculo disponível no YouTube, ministrada no TST e que está entre as que analisamos.

questão é composto por 15 momentos de diferentes aulas-espetáculo. Não foi possível mapear a origem dos trechos e das datas em que ocorreram as aulas. O vídeo tem duração total de 1h10min 14seg, aproximando-se do tempo de uma aula-espetáculo. Para essa escolha consideramos ainda os 4.968.243 de visualizações, e os 189 mil likes que o compilado recebeu até a data de 23 de abril de 2022. Nesse vídeo, há trechos de algumas histórias de humor que estão em aulas integrais assistidas por nós.

Das 11 apresentações que integram o *corpus* do nosso estudo, optamos por descrever integralmente três, uma de cada modelo de aula existente. A primeira, intitulada Homenagem a Ariano Suassuna, é uma aula do modelo reduzida; a segunda é uma palestra sem título e realizada no Teatro do Sesc/SP no ano de 2011, modelo reduzidíssima; e por último uma do modelo completa intitulada Tributo a Capiba, ocorrida em 2014 na Casa da Rabeca (Cidade Tabajara, Olinda-PE). Trazemos, a partir dos espetáculos selecionados, três públicos distintos: na UnB são universitários, no Sesc um público variado, e na Casa da Rabeca há amigos, familiares, admiradores e moradores do bairro que é berço de manifestações da cultura popular pernambucana como Maracatu de Baque Solto *Piaba de Ouro* e o Cavalo Marinho *Boi Matuto*.

Para complementar a pesquisa, assistimos quatro das entrevistas mais acessadas no Google e no Youtube cedidas por Ariano<sup>14</sup>. Todas registradas nas referências da tese. Também nos serviu como apoio o quadro semanal televisivo *O Canto de Ariano*, produzido e veiculado pela Rede Globo Nordeste entre 1999 e 2005 que integrava o telejornal NETV 1ª Edição. Nesse programa, Ariano costumava contar histórias que faziam parte das aulas. Dos 374 programas existentes, tivemos acesso apenas a 11 porque a emissora detentora do conteúdo cobrava um valor alto para a cessão de cada episódio. Os 11 programas que analisamos *d'O Canto* nos foram cedidos pelo pesquisador Carlos Newton Júnior.

Ainda entre as fontes de dados secundários da nossa pesquisa, estão as matérias de jornais que tratavam das aulas suassunianas. Utilizamos como fonte o acervo catalogado por Carlos Newton Júnior. De um total de 5 pastas repletas de

---

<sup>14</sup> O levantamento desse material digital ocorreu entre agosto de 2020 e agosto de 2022.

materiais, 55 matérias foram analisadas: 17 sobre o período em que Ariano esteve à frente da Secretaria de Cultura de Pernambuco (Governo Arraes), 16 do período como secretário especial (governado Eduardo Campos), 14 abordando a cultura de maneira geral, e 8 tratando da transição do período da Secretaria de Cultura de Pernambuco, em 1998.

Na seleção das matérias que versavam sobre as aulas-espetáculo, percebemos que alguns textos traziam títulos relevantes, que sinalizavam o caminho para discutir as apresentações suassunianas. Tais como: O missionário da cultura popular, Quixote da cultura brasileira, Suassuna leva ao delírio estudantes, Aula-espetáculo para acadêmicos, Salas são pequenas para aulas do professor, Banda Calypso fica surpresa com ataque de Ariano, Ariano vai levar circo para favelas, Nau é passaporte à liberdade, A volta emocionada de Ariano ao palco, Luzes para Ariano, Ariano leva sua aula para Casa da Rabeca, Ariano segue com gosto de gás.

Além disso, tive a oportunidade de conviver com Ariano quando ele ocupou o cargo de Secretário de Cultura (1995-1998), acompanhando presencialmente algumas das aulas ministradas na época. O primeiro contato com o dramaturgo foi para a realização de um trabalho acadêmico. Mas a curiosidade pela produção de Suassuna e por sua atuação como gestor de cultura do estado na época não cessou ao fim do primeiro trabalho que fiz.

Segui assistindo às apresentações, chegando a participar como aluna de um curso de curta duração ministrado pelo escritor de iniciação à estética, em 1997, no Teatro Arraial. O interesse pela proposta artística do Movimento Armorial me levou a realizar o trabalho de conclusão de curso *Armorial em Movimento* (1999) e posteriormente o documentário *A Música Armorial: do Experimental à fase Arraial* (2005)<sup>15</sup>. Ariano me concedeu várias entrevistas e emprestou materiais raros que tratam do movimento e da música armorial.

O filme *O Auto da Boa Mentira*, lançado em 2021, e adaptado em 2023 para o formato de série televisiva pela Rede Globo com o título *Histórias Quase Verdadeiras*,

---

<sup>15</sup> O documentário foi premiado no ano de 2005 nos seguintes festivais de cinema: Cine Pe – Festival do audiovisual 2005 (prêmio especial do público júri popular) e XII Festival de Vídeo de Teresina (melhor documentário).

também nos foi valioso porque teve como base inspiradora as aulas-espetáculo suassunianas.

Por fim, importante registrar que as imagens que ilustram a presente tese foram coletadas em publicações retiradas da internet, do catálogo da exposição itinerante comemorativa dos 50 anos do Movimento Armorial, além das que estavam disponíveis em nosso arquivo pessoal e no do professor Carlos Newton Júnior. As fotografias que não traziam os créditos contam apenas com as referências eletrônicas de origem e as datas das coletas.

A maioria das imagens que integram nossa tese foi pesquisada em um único dia na plataforma digital Google. Isso ocorreu no momento em que percebemos a necessidade de ilustrar a arte armorial e a realização de algumas das aulas-espetáculo, especialmente antes de serem chamadas assim, período de oficialização delas. Os registros fotográficos também traziam a presença de Ariano Suassuna no palco, seus gestos e expressões quase teatrais nas apresentações.

### 3 A TRILHA E AS FACETAS DO PALHAÇO SERTANEJO

O circo é, portanto, uma das imagens mais completas da estranha representação da vida, do estranho destino do homem sobre a terra. O Dono-do-Circo é Deus. A arena com seus cenários de madeira, cola e papel pintado, é o palco do mundo, e ali desfilam os rebanhos de cavalos e outros bichos, entre os quais ressalta o cortejo do rebanho humano – os reis, atores trágicos, dançarinas, mágicos, palhaços e saltimbancos que somos nós. (Suassuna, 2008),

Nascido em João Pessoa (na época chamada de cidade da Paraíba) em 16 de junho de 1927, o escritor Ariano Vilar Suassuna foi o oitavo de nove irmãos, filhos do casal Rita de Cássia Villar Suassuna e João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna. Seu pai era o governador da Paraíba. Em 1928 (fim do mandato de seu pai) a família vai morar no município de Sousa (hoje Aparecida), localizado no sertão do Estado, na fazenda Acauhan (imortalizada em uma de suas iluminogravuras).

O escritor deveria se chamar Pedro<sup>16</sup> (foi assim durante seus primeiros dias de vida) mas seu pai preferiu Ariano – nome de um santo desconhecido, um egípcio que se converteu ao cristianismo e por isso foi martirizado (por afogamento). O sobrenome Suassuna era o nome de um engenho em Pernambuco, de onde vem a família de seu bisavô:

Meu bisavô adotou como nome. [...] ele já batizou meu avô com o nome de Suassuna: Alexandrino Felício Suassuna. E o meu pai e os irmãos dele todos adotaram, e nós, conseqüentemente, adotamos também. (Suassuna apud Machado, 2015, p. 74).

Em 1930, seu pai foi assassinado a tiros no Centro do Rio de Janeiro por questões políticas quando exercia o cargo de deputado federal pela Paraíba. Na época Ariano tinha apenas 3 anos de idade. A ausência do pai marcou não apenas a vida do escritor, mas sua obra.

Posso dizer que, como escritor, sou aquele mesmo menino que, perdendo o Pai em 30, passou o resto da vida tentando protestar contra a sua morte através do que faz e do que escreve, oferecendo-lhe esta precária compensação por sua morte brutal e injusta, e, ao mesmo tempo, buscando recuperar sua imagem por meio da

---

<sup>16</sup> O escritor traz o nome que seria o seu para o personagem principal do *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*: Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna.

lembrança, dos depoimentos dos outros, das palavras que o pai deixou. (Suassuna, 2000, p. 6).

A morte do pai sempre foi para Suassuna um assunto espinhoso e difícil de ser tratado: “[...] tentei escrever uma biografia de meu pai, mas eu não consegui levar adiante [...] tentei fazer um longo poema sobre ele [cantar do potro castanho] mas também não consegui.” (Suassuna, 2015, p.85-86).

O escritor buscou o pai na biblioteca deixada por ele e em alguns de seus ideais, que o autor passou a carregar como bandeiras de justiça durante a vida<sup>17</sup>. Vem daí a ideia de que a representação política do meio rural seria a correta e justa, já os que defendiam o urbano estariam contra o povo. O massacre de Canudos e a existência de um Brasil oficial e um Brasil real, se completam no pensamento construído pelo literato.

Ariano tentou traduzir a angústia que sentia pela perda precoce do pai em um de seus poemas, escrito na década de 1970:

---

<sup>17</sup> O pai de Ariano era, nos anos 30, o representante político dos ruralistas paraibanos na disputa pelo poder contra João Pessoa (representante das forças urbanas). Esses estereótipos do urbano e rural ganharam força quando ele lê *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Há na obra uma denúncia histórica da invasão pelas tropas (urbanas) do governo para destruir um arraial do povo. Seu raciocínio ganhou ainda mais força quando ele conheceu o pensamento de Machado de Assis sobre o que seriam os 2 brasis: “Não é desprezo pelo que é nosso, não é desdém pelo meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores instintos. Mas país oficial, esse é caricato e burlesco.” (Assis, 1938). Anos depois o literato percebeu que em Canudos era uma elite urbana acabando com um arraial popular, e na disputa política na Paraíba eram privilegiados da cidade contra privilegiados do campo. Então o Brasil real estaria em Canudos e nas periferias urbanas. Isso o fez interromper a escrita por cerca de vinte anos. (Suassuna, 2002).

Figura 1 - Ilumgravura Acauhan – A Malhada da Onça (Ariano Suassuna)

**A Acauhan – A Malhada da Onça**  
[Com mote de Janice Japiassu]

Aqui morava um Rei quando eu menino:  
vestia ouro e Castanho no gibão.  
Pedra da sorte sobre o meu Destino  
pulsava, junto ao meu, seu Coração.

Para mim, seu Cantar era divino,  
quando, ao som da Viola e do bordão,  
cantava, com voz rouca, o Desatino,  
o sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia  
eu me vi como um Cego sem meu guia  
que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua Efigie me queima. Eu sou a Presa,  
Ele a Brasa que impele ao fogo, acesa,  
Espada de ouro em Pasto ensanguentado.  
(Suassuna, 1980).



Fonte: Catálogo (2023).

A morte por muito tempo compôs o universo literário suassuniano: em suas primeiras produções só havia tragédias. O autor contava que tinha uma visão trágica da vida, e que essa visão seria inevitável, bastando a morte para tornar a vida humana um fundamento trágico. Ele usou um episódio cômico de sua vida para ilustrar essa fase:

Meus irmãos mais velhos brincavam comigo dizendo que eu era um assassino terrível: no primeiro conto que eu escrevi aos 12 anos de idade, o sujeito voltava de uma guerra, encontrava a mulher com outro homem, matava os dois e se suicidava [risos]. Eu quando não sabia o que fazer com um personagem eu ia lá e matava. (Suassuna apud Roda Viva, 2002).

Em 1933 a família Suassuna foi para Taperoá (sertão da Paraíba), e em 1942 se mudou para o Recife. Mas nas férias escolares o autor voltava para o sertão, período essencial na sua formação, especialmente pela convivência com os tios Manuel Dantas Vilar (de perfil “meio ateu, republicano e anticlerical”) e Joaquim Duarte

Dantas (monarquista católico). (Suassuna, 2017, p. 988). Eles foram homenageados no *Romance da Pedra do Reino*, através dos personagens Clemente e Samuel, considerados os mestres literários do personagem principal, Dinis Quaderna.

A essa altura Ariano já tinha assistido ao primeiro desafio de viola e se iniciado na literatura, lendo de cordéis a clássicos que seriam fundamentais na sua produção artística. A literatura popular e a erudita provocavam nele um encantamento igual, sem grau hierárquico entre as manifestações artísticas.

Outro componente importante para a formação artística do escritor era o universo circense. O deslumbramento provocado pelo circo teria desencadeado dentro dele um “estado de tensão poética” (Victor; Lins, 2007). Suassuna explica que:

O circo representava para mim tudo o que havia de maravilhoso na arte. Aquela vida na cidadezinha sertaneja e das fazendas, de repente o ramerrame do cotidiano era interrompido pela chegada do circo, com aquelas moças maravilhosas que andavam em cima de arame e com os palhaços sobretudo. (Suassuna, 1979).

O escritor afirmava ter sido os tempos vividos em Taperoá o período decisivo para a criação do seu universo de escritor (Suassuna, 2000).

Na época em que estudava no Ginásio Pernambucano (1943), Ariano começou a se interessar pela música erudita e por pintura (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000). Ele se declarava encantado por todas as formas de arte, tentando produzir em todas elas, mas contava que com o passar do tempo percebeu que precisava escolher uma, a que de fato mais o tocasse, para se dedicar, então optou pela literatura (Suassuna apud Programa Autor por Autor, 2020). No entanto, ao longo da carreira não deixou de produzir em outros campos artísticos. É o caso de suas iluminogravuras, composições musicais (escrevendo letras para músicas do amigo Capiba<sup>18</sup>), e sua faceta de ator revelada nas aulas-espetáculo.

Suassuna se formou em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (1946-1950) e em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1960).

Enquanto estudante de Direito, Ariano se juntou ao colega Hermilo Borba Filho, proporcionando uma nova fase do Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP). A

---

<sup>18</sup> Nascido em Pernambuco, no ano de 1904, Lourenço da Fonseca Barbosa, Capiba, se tornou conhecido como compositor de frevo. No entanto ele também era músico e pianista. Suas composições eruditas fazem parte da música que integra o Movimento Armorial.

intenção era levar a arte do teatro a praças, centros operários, pátios de igrejas, ao público em geral, aproximando o espetáculo do povo, além de abordar temas para a criação dos textos que remetessem ou se inspirassem em espetáculos populares brasileiros (Victor; Lins, 2007). A proposta de uma tenda para espetáculos de teatro itinerante também foi um prenúncio de uma arte que era ensinada e apresentada, agora sob a tenda do *Circo da Onça Malhada*<sup>19</sup>, o derradeiro espaço das aulas-espetáculo.

Um marco importante na carreira de Ariano foi a primeira peça que escreveu, a tragédia *Uma Mulher Vestida de Sol* (1947). O texto recebeu o Prêmio Nicolau Carlos Magno (TEP) e já trazia duas marcas indeléveis do escritor: a inspiração no romanceiro popular e o perfeccionismo. A peça foi reescrita e permaneceu inédita por onze anos, quando ocorreu a edição pela Imprensa Universitária do Recife.

Ainda em 1947, Ariano começou o namoro com Zélia de Andrade Lima. É importante destacar sua relevância na vida do poeta: ela foi a responsável por despertar o ‘palhaço adormecido’ no escritor, sua faceta que se opunha ao trágico, até então prevaemente em sua produção literária. O riso e o talento para a comédia só ascenderam com a chegada solar de Zélia, o amor de toda a vida.

Depois que eu conheci Zélia eu passei a ter uma visão menos dolorosa do mundo, alguma coisa se desatou dentro de mim. Escrevi uma peça cômica para receber sua primeira visita [Torturas de um coração ou Em Boca Fechada Não Entra Mosquito, 1951] e pela primeira vez eu ri do meu teatro. (Suassuna apud Roda Viva, 2002).

O amor por Zélia era declarado em todas as oportunidades, publicamente, em aulas-espetáculo ou entrevistas. Foi por Zélia que ele se converteu ao catolicismo, que passa a ser tão presente em sua obra. Permeado por traços de realidade, o

---

<sup>19</sup> A denominação ‘Circo da Onça Malhada’ vem antes mesmo de Suassuna usar o termo oficialmente a partir de seu projeto das aulas-espetáculo à frente da Secretaria Especial de Cultura, durante o governo de Eduardo Campos. Antes o escritor chamava de Circo da Onça Castanha. O circo seria o lugar de celebração e de festa popular. E a figura da onça castanha representava o povo brasileiro. Durante alguns anos de reflexão sobre os conceitos que construiu, Ariano considera o termo ‘castanha’ um erro que ele cometia a partir da literatura produzida por Euclides da Cunha, que tanto o influenciou com sua obra. O professor então passa a se referir ao povo brasileiro como a onça malhada, por sua nuance de cores e não mais a onça castanha. (Newton Júnior, 2000).

catolicismo que preencheu sua fé o inspirou a criar o Catolicismo Sertanejo<sup>20</sup> tão bem descrito pelo personagem Quaderna, protagonista do *Romance da Pedra do Reino*.

Para mostrar sua possível grandeza e identidade única, esse catolicismo se veste de realeza, com tronos, coroas e cedros, além de grandes tragédias, mesclados aos demais elementos do sebastianismo e do messianismo. (Suassuna, 1976).

Em 1948, escreveu a peça *Cantam as Harpas de Sião*. Dez anos depois foi reescrita e se tornou *O Desertor de Princesa*) foi a primeira a ser encenada na chamada “Barraca do TEP”. A ideia era realizar um teatro itinerante, inspirado em *La Barraca*, de García Lorca<sup>21</sup>. Essa ideia, de levar arte a um público que não teria acesso a ela segue como um dos objetivos do romancista. E é com essa intenção que, em 2008, ele leva sua aula-espetáculo a uma casa de detenção feminina (episódio que abordaremos mais adiante, no Capítulo IV – Circo da onça malhada: história e formato das aulas-espetáculo).

Em 1952, recuperado da tuberculose que o levou para a temporada em Taperoá – PB, Ariano voltou para o Recife e passou a advogar no escritório do jurista Murilo Guimarães.

Em 1954, ministrou um curso de teatro no Colégio Estadual de Pernambuco.

O ano de 1955 é um marco por ser o da elaboração daquela que seria a peça mais conhecida de Suassuna: *O Auto da Compadecida*. A comédia, dividida em três atos, se baseia em folhetos populares nordestinos (*O Castigo da Soberba*, *O Dinheiro – do folheteiro Leandro Gomes de Barros – e História do Cavalo que Defecava Dinheiro*).

Em 1956, por sugestão de Brennand, Ariano escreveu seu primeiro romance: *A História do Amor de Fernando e Isaura* (inédito até 1994). *O Auto da Compadecida*

---

<sup>20</sup> Na *Pedra do Reino* é proposta pelo personagem principal, Quaderna, uma Igreja Sertaneja, que além de ressignificar elementos, substitui outros, por menos religiosos e mais profanos. Na citada Igreja Sertaneja, há uma estética muito definida: [...] os bichos que servem de insígnia ao Divino são todos rigorosamente brasileiros e sertanejos. [...] No meu Catolicismo Sertanejo, o Espírito Santo é um Gavião, bicho macho, sangrador, e não essa pombinha que sempre me pareceu suspeita”. (Suassuna, 1976, p. 141).

<sup>21</sup> A Barraca do TEP tinha como objetivo ser um palco desmontável, feito de lona e madeira, inspirado no teatro ambulante de García Lorca, *La Barraca*. No entanto, por ter sido construída por técnicos da Base Naval do Recife com vigas de ferro, a estrutura era pesada demais e de complicada montagem, não servia especificamente ao propósito do grupo, que era de levar seus espetáculos a diversos locais. Assim, A Barraca era fixa, no centro do Recife, no terreno do Parque 13 de Maio.

foi encenado no Rio de Janeiro e no Recife. A peça se consagrou sendo considerada uma obra prima do teatro brasileiro pela crítica nacional. O *Auto* recebeu a medalha de ouro no Primeiro Festival de Amadores Nacionais (RJ), sendo publicada no mesmo ano pela Editora Agir.

Ainda em 1956, o teatrólogo deixou a advocacia para se tornar professor de Estética na Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco), onde lecionou as disciplinas de Estética, História da Arte, Cultura Brasileira, Teoria do Teatro, entre outras, durante 32 anos. Também em 1956 passou a ser colunista no Diário de Pernambuco, escrevendo sobre teatro.

Em 19 de janeiro de 1957 (dia do aniversário de seu pai), O dramaturgo se casou com Zélia e com ela tem seis filhos: Joaquim, Maria, Manuel, Isabel, Mariana e Ana Rita.

Ariano seguiu escrevendo e tendo outras obras montadas em São Paulo, Recife e Rio de Janeiro, a exemplo de *O Santo e a Porca*, encenado pela Companhia Teatro Cacilda Becker e dirigida por Ziembinski, em 1958.

Em 1959, junto com Hermilo Borba Filho, Suassuna criou o Teatro Popular do Nordeste, dando seguimento ao que foi proposto anos antes por eles com o TEP, valorizando a poesia e a literatura popular nordestina (Victor; Lins, 2007).

Em 1967 o literato constituiu e se tornou um dos membros do Conselho Federal de Cultura.

1969 foi o ano em que romancista assumiu o cargo de Diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE. No mesmo ano Suassuna tem a primeira obra adaptada para o cinema: o filme *A Compadecida*, dirigido por George Jonas.

Em 1970 fundou o Movimento Armorial, com o intuito de realizar uma arte nacional erudita inspirada dos elementos da cultura popular brasileira (o Movimento será abordado detalhadamente mais adiante). Em 9 de outubro desse mesmo ano, aniversário da morte de seu pai, Ariano concluiu o *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, iniciado em 19 de julho de 1958 (data do aniversário de Zélia) (Victor; Lins, 2007). *A Pedra do Reino* é publicada no ano seguinte, assim como o drama *A Pena e a Lei*.

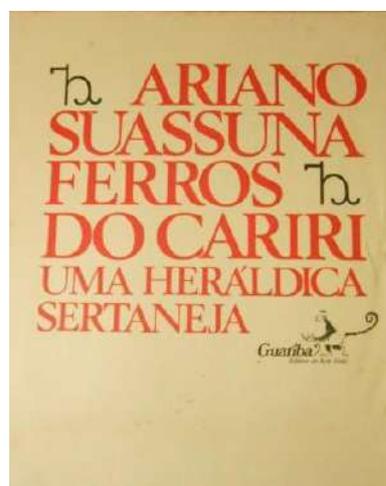
Figuras 2 e 3 - Capa ilustração d'O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta.



Fonte: Arquivo pessoal.

A década de 1970 foi marcada pelo grande número de obras publicadas. Além das duas já citadas, saem, em 1974, o ensaio intitulado *O Movimento Armorial*, e as comédias *Farsa da Boa Preguiça*, *O Santo e a Porca* e *O casamento Suspeitoso* (sendo as duas últimas em um só volume). No mesmo ano, Ariano publicou a obra *Ferros do Cariri – Uma Heráldica Sertaneja*.

Figura 4 - Capa da obra *Ferros do Cariri*.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 1975 foram publicados os livros *Iniciação à Estética e Seleta em Prosa e Verso* (que inclui as obras: *O Rico Avarento*, *O Castigo da Soberba*, *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*, além de *Torturas de um Coração*). O escritor seguiu publicando semanalmente no Diário de Pernambuco, como folhetins, a *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão*. Quando encerrou a obra no ano seguinte (1976), deu início a outra novela: *As Infâncias de Quaderna*, que se encerrou em 1977, ano de publicação da obra *Ao Sol da Onça Caetana* (essa que foi o primeiro volume da *História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão*).

Entre 1975 e 1978, Ariano ocupou o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Recife durante a gestão do prefeito Antônio Farias. Em paralelo, seguiu escrevendo e liderando o Movimento Armorial. Idealizou e desenvolveu ações culturais importantes como o lançamento do Balé Armorial do Nordeste (1976).

Em 1980 lançou o álbum de iluminogravuras: *Dez Sonetos com Mote Alheio*.

Em 1981, publicou uma carta/artigo, intitulado *Despedida*, no qual informava que se afastaria da vida literária (pela qual teria perdido o interesse) e dos holofotes de maneira geral, mantendo-se apenas no ofício de professor universitário. A despedida durou cerca de nove anos, quando a literatura e os palcos voltaram a fazer parte de sua carreira.

Em 1985, lançou outro álbum de iluminogravuras: os *Sonetos de Albano Servonegro*.

Em 1987, quando Ariano completou 60 anos, foi lançado o filme *Os Trapalhões no Auto da Compadecida* (direção de Roberto Farias). No mesmo ano ele escreveu a peça *As Conchambranças de Quaderna*, que estreou em 1988, no Teatro Valdemar de Oliveira.

1989 é o ano em que o docente se aposentou do cargo de professor da UFPE.

Em 9 de agosto de 1990 tomou posse na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 32<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Vale salientar que Suassuna também passou a integrar outras academias literárias: Academia Pernambucana de Letras (1993), Academia Paraibana de Letras (2000) e a Academia Taperoense de Poesia (1991). E, no ano de 1995, recebe o título de Cavaleiro da Pedra do Reino, durante uma cavalgada anual que acontece em São José do Belmonte – PE (há no município, desde 1993, a Associação Cultural Pedra do Reino).

Suassuna foi indicado pela primeira vez para a ABL em 1979. Ele afirmava que o título era uma honraria a qual ele aceitaria, mas não disputaria. E assim o fez, retirando seu nome quando soube que os colegas teriam que escolher entre ele e Otto Lara Resende, candidato à mesma vaga. Em 1985, Jorge Amado e João Cabral de Melo escreveram uma carta pública registrando a lacuna que Ariano deixaria não estando na Academia, pois sem “[...] o paraibano de Taperoá e nordestino universal, escritor maior que fez tudo o que fez; e, mesmo se decidir nada mais fazer, tem um cabedal que dará à Academia uma riqueza que ainda lhe falta.” (Amado, Melo Neto, 1985 apud Newton Júnior, 2018). O fardão acadêmico de Ariano não foi confeccionado pelo alfaiate tradicional da ABL, e sim pela costureira popular Edith Minervina de Lima, que fazia suas roupas do dia a dia.

Também em 1990 filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) (Tavares, 2007).

Em 1994, teve início, após anos de negociações e recusas por parte do autor, as adaptações de obras suas para a TV (Rede Globo): *Uma Mulher Vestida de Sol* (1994) e *Farsa da Boa Preguiça* (1995), ambas dirigidas por Luiz Fernando Carvalho. O trabalho de Carvalho como diretor geral da novela *Renascer* (1993) atraiu a simpatia do Ariano telespectador. A Rede Globo já detinha os direitos da comédia *O Santo e a Porca*, mas Luiz Fernando tinha a intenção de adaptar o texto trágico de *Uma Mulher Vestida de Sol*, que para ele teria uma “[...] perspectiva de mundo próximo por onde se orienta meu trabalho, do mundo lírico, poético, trágico também.” (Carvalho apud Moura, 1994). Paralelamente, quando Carvalho veio a Pernambuco para a gravação do especial *Folia Geral*, da Rede Globo, Ariano era um dos convidados e disse que percebeu ali o respeito que Carvalho tinha pela cultura popular (Moura, 1994).

Segundo Suassuna, Carvalho conseguiu passar para as telas na íntegra a sua proposta artística. O escritor paraibano considerava Luiz Fernando o melhor representante, na TV, dos preceitos do Movimento Armorial, já que ele inseriu traços da estética armorial até em trabalhos que não partiram de adaptação de obras suassunianas. Foi o caso do especial *Hoje é Dia de Maria – 1ª e 2ª jornadas*, exibida em 2005, ano da comemoração dos 40 anos da Rede Globo. Luiz Fernando, por sua vez, se definiu como um Armorial.

Em relação a tentativas de adaptação feitas nas décadas de 1960 e 1970, o teatrólogo afirmou:

Nunca tive nada contra a TV. Mas existe diferença muito grande de propostas anteriores que me foram feitas. As pessoas queriam que eu abrisse mão de coisas que são fundamentais na minha vida e no meu trabalho. E eu não me vendo por preço nenhum. (Suassuna apud Moura, 1994).

A respeito da primeira adaptação da obra de Suassuna para a TV, Paulo Sérgio Scarpa (1994) escreveu no Jornal do Commercio “Ariano aprova versão de sua peça para a TV”. O texto descreveu a ansiedade em torno da primeira adaptação de Suassuna para TV, destacando a presença não só de familiares, mas também da imprensa na casa do escritor, para acompanhar sua reação com a exibição. O escritor se declarou satisfeito ao extremo, elogiando o diretor, os atores (em especial Raul Cortez e Teresa Seiblit), a trilha sonora Armorial do músico Antonio Madureira, a fotografia de Dib Luft, além do figurino de Luciana Braga, ex-assistente de seu sobrinho, o artista plástico Romero de Andrade Lima. De acordo com Scarpa, Ariano afirmou que o especial o fez perder o medo da televisão, e que confiava seus textos a Carvalho e Guel Arraes.

A matéria do Jornal do Commercio intitulada “Ariano à luz da Globo” de João Luiz Vieira, começa com a seguinte frase: “O dramaturgo Ariano Suassuna, quem diria, entregou corpo e alma à televisão.” (Vieira, 1994). O jornalista afirmou que essa ‘rendição’ teria sido gradualmente, e que o escritor passou de telespectador seletivo a entrevistado de apresentadores e humoristas como foi o caso de Jô Soares. Mas, era sabido que Ariano participava ativamente das adaptações de suas obras para TV e cinema.

Em 1995, Ariano assumiu o cargo de Secretário de Cultura de Pernambuco, nomeado pelo governador Miguel Arraes.

Em 1996 concluiu a peça *A História do Amor de Romeu e Julieta*, encenada no mesmo ano pela *Trupe Romançal de Teatro* (dirigida por Romero de Andrade Lima) e publicada, em 1997, no jornal Folha de São Paulo.

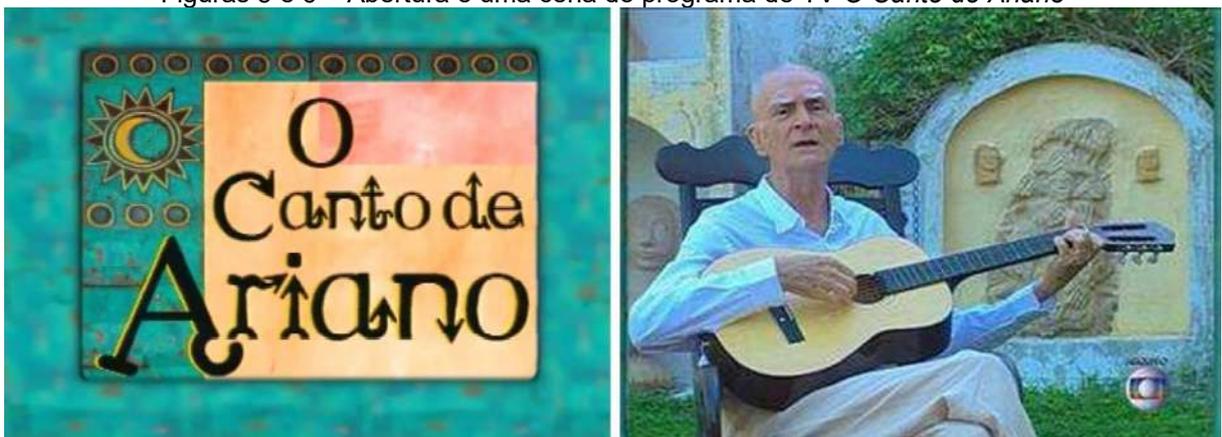
Em 1999, a comédia de maior sucesso de Ariano, *Auto da Compadecida*, foi adaptada para a TV e exibida em formato de microssérie de 4 capítulos, sob a direção

de Guel Arraes. A versão televisiva da obra suassuniana recebeu o título de *O Auto da Compadecida*. A autorização para a adaptação e exibição do *Auto da Compadecida* pela maior emissora comercial do Brasil se deve em parte a amizade antiga entre Ariano e Guel Arraes e a confiança pessoal que o escritor paraibano depositava em Guel<sup>23</sup>.

Seis meses depois do sucesso da exibição da minissérie *O Auto da Compadecida*, estreou o quadro televisivo *O Canto de Ariano*<sup>24</sup>. O programa era gravado na casa do escritor, tinha duração de dois a três minutos e era veiculado dentro do Jornal local NE TV, 1ª Edição (Rede Globo). Ariano gravava muitos episódios em um só dia, e os temas eram variados, pílulas semanais de seus espetáculos. Foram 374 programas no total, exibidos entre os anos de 1999 e 2005. No ano seguinte, o canal por assinatura Multishow passou a retransmiti-lo nacionalmente (Tavares, 2007).

No programa de TV *O Canto de Ariano* o escritor disseminava algumas ideias que fundamentaram a proposta do Movimento Armorial, além de contar inúmeras histórias do sertão de sua infância e da juventude vivida, além das anedotas e por vezes algum conteúdo didático. Eram pílulas do que se via nas aulas-espetáculo. Daí considerarmos o programa um desdobramento de suas apresentações.

Figuras 5 e 6 – Abertura e uma cena do programa de TV *O Canto de Ariano*



Fonte: Newton Júnior (2023a).

<sup>23</sup> A relação entre o diretor e o escritor vem dos tempos em que eram vizinhos no bairro de Casa Forte, em Recife. Miguel Arraes (pai de Guel), Maximiano Campos (escritor e cunhado de Guel) e Ariano Suassuna moravam na mesma rua e se formava ali um triângulo político, afetivo e cultural, muito relevante na formação de Guel Arraes.

Em 2000, a adaptação de Guel Arraes para *O Auto da Compadecida* foi reorganizada e ganha as telas do cinema, levando mais de 2 milhões de espectadores ao cinema. A peça primeiro foi adaptada para minissérie, depois se tornou filme e, nesta condição, voltou à televisão. Posteriormente, os dois produtos foram reunidos em DVD para comercialização. 20 anos depois a série foi reexibida na TV, alcançando um novo público.

Figuras 8 e 9 – Respectivamente, cartaz e cena do filme *O Auto da Compadecida*



Fontes: Figura 9: Arquivo pessoal, Figura 10 – No aniversário (2023).

A obra *O Santo e a Porca*, foi adaptada pelo diretor Mauricio para o especial *Brava Gente*, da Rede Globo (no ar entre 2000 e 2003) e foi ao ar em 26 de dezembro de 2000. Ariano havia se tornado uma personalidade midiática: popularizado não só pela adaptação de sua literatura para os meios massivos de comunicação, mas pela reverberação de suas aulas-espetáculo.

Em 2002, o escritor foi tema da escola de samba carioca Império Serrano com o enredo *Aclamação e Coroação do Imperador da Pedra do Reino Ariano Suassuna*. Ele desfilou com Zélia no último carro alegórico e pediu para ter ao seu lado dois representantes da arte popular, a sambista Dona Ivone Lara e o vaqueiro de São José do Belmonte, Zeca Miron. (Victor; Lins, 2007).

Figura 9 - Ariano Suassuna em carro alegórico sendo homenageado pela Escola de Samba Império Serrano (RJ)



Fonte: Guatelli (2023).

Em 2006, seus romances *A Pedra do Reino* e *História d'O Rei Degolado* foram adaptados para o teatro, sob a direção de Antunes Filho. O ano também marcou a inauguração do núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (NASEB) na Universidade Federal de Pernambuco, a instituição de ensino que foi durante anos seu ambiente de trabalho e seu palco para as aulas.

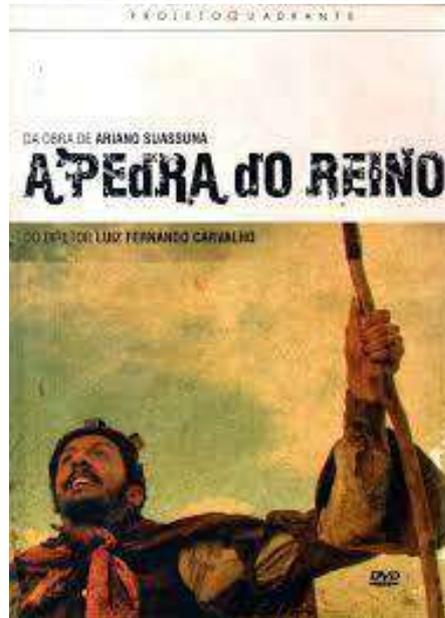
Em 2007 Suassuna completou 80 anos de vida e 50 anos de união com Zélia. Já cansado das implicações e sobrecarga de atividade que cargos de secretaria de Estado traziam, o poeta declinou do convite feito pelo governador Eduardo Campos (neto de Miguel Arraes) para novamente capitanear a Secretaria de Cultura de Pernambuco. Mas Campos decidiu então oferecer a ele uma Secretaria Especial de Cultura, para que ele tornasse suas aulas-espetáculo uma atividade itinerante, viajando pelo Estado, apresentando o circo Armorial. “[...] a visão do Circo é fundamental não só para entender o meu Teatro, mas toda a poética que se encontra por trás dele, do meu romance, da minha poesia e da minha vida.” (Suassuna apud Newton Júnior, 2018, p. 53).

Foi também no ano de 2007, que Luiz Fernando Carvalho levou para a TV o principal romance de Ariano, *A Pedra do Reino*. A adaptação integrou o Projeto Quadrante, da Rede Globo, que teve como objetivo transpor clássicos da literatura brasileira para a teledramaturgia. O formato foi de minissérie, com 5 capítulos e um total de 4 horas e 36 minutos de duração.

A ousadia do diretor na adaptação, porém, não se limitou a transpor o cenário e o figurino descritos no livro, mas compôs uma *mise-en-scène* audiovisual em que os personagens e acontecimentos narrados

emergem da tela como quadros barrocos, num fluxo imagético em que predomina o estabelecimento de um pacto sensorial com o espectador. (Figueirôa, 2010, p. 37).

Figura 10 - Cartaz da série televisiva A Pedra do Reino.



Fonte: Arquivo pessoal.

Das escolhas feitas por Luiz Fernando Carvalho, brotaram representações armoriais mais próximas da erudição proposta por Suassuna para a expressão artística brasileira com a qual sonhava.

Em 2008, Ariano voltou a ser homenageado por uma escola de samba, a Mancha Verde, de São Paulo.

Figura 11 - Ariano Suassuna em carro alegórico sendo homenageado pela Escola de Samba Mancha Verde (SP) ao lado de Zélia Suassuna



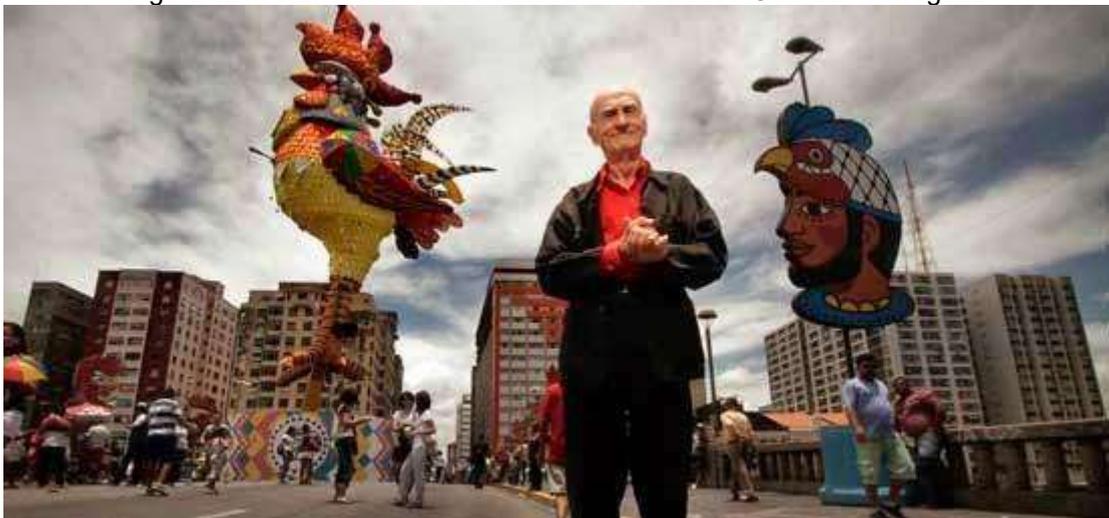
Fonte: Verpa (2023).

Em 2010, Ariano perdeu seu filho mais velho, Joaquim, aos 53 anos. No mesmo ano ele encerrou suas atividades à frente da Secretaria Especial de Cultura de Pernambuco.

No ano de 2013, o escritor sofreu um infarto e ficou hospitalizado durante 14 dias. Quando recebeu alta, ele seguiu se recuperando em casa.

Em 2014, Suassuna foi homenageado bloco pernambucano Galo da Madrugada.

Figura 12 - Ariano Suassuna no bloco carnavalesco Galo da Madrugada



Fonte: Morre (2023).

Em 23 de julho de 2014, Ariano Suassuna veio a falecer após um acidente vascular cerebral hemorrágico e, dois dias depois, uma parada cardíaca. Na ocasião, foram publicados em alguns jornais cadernos especiais sobre o falecimento do poeta.

Quem te escreve agora é o Cavalo do teu Grilo. Um dos cavalos do teu Grilo. Aquele que te sente todos os dias, nas ruas, nos bares, nas casas. Toda vez que alguém, homem, mulher, criança ou velho, me acena sorrindo e nos olhos contentes me salva da morte ao me ver Grilo. (Nachtergaele, 2014).

No sertão a morte é conhecida como a Moça Caetana (termo criado e comumente utilizado na Região Nordeste, para se referir a morte como uma mulher chamada Caetana). Ariano usou de sua liberdade poética para transformar a “moça” em “onça”, animal mitológico do Sertão, feroz e matador. Há no poema suassuniano *Abertura “Sob Pele de Ovelha”*, um trecho que diz:

Figura 13 - Iluminogravura Abertura “Sob Pele de Ovelha” (Ariano Suassuna)

[...] Por isso, não vou nunca envelhecer:  
com meu Cantar, supero o Desespero,  
sou contra a Morte e nunca hei de morrer  
(Suassuna, 1980).



Fonte: Catálogo (2023).

Quando a morte era assunto nas entrevistas, ele respondia: “Eu digo sempre que tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver.” (Suassuna, 2007a).

Em 2021 é lançado o filme *O Auto da Boa Mentira* e, em 2023, a série em streaming *Histórias Quase Verdadeiras*. As duas obras audiovisuais têm como matéria-prima histórias e anedotas contadas por Suassuna em suas aulas-espetáculo.

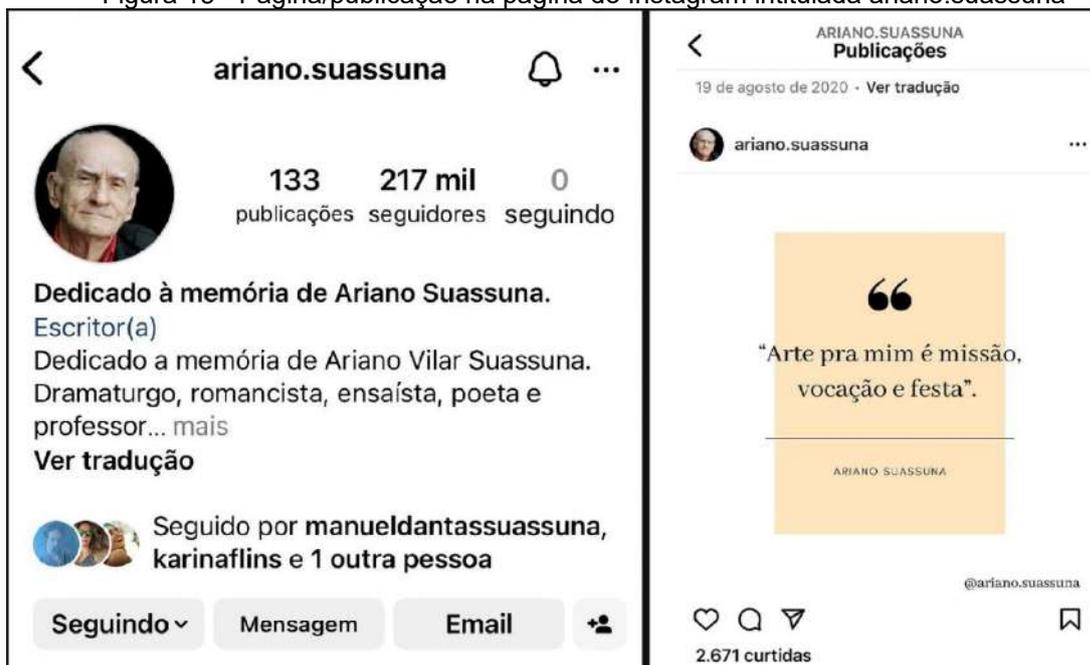
Figura 14 – Cartaz do filme O Auto da Boa Mentira



Fonte: Arquivo pessoal.

O legado de Ariano segue em suas obras literárias e em suas falas para entrevistas, palestras e aulas-espetáculo. Muitas de suas frases ilustram conteúdos nas redes sociais. E algumas delas marcaram por estarem em suas apresentações. O professor ainda hoje faz rir nas plataformas digitais, com seu humor afiado e seu carisma.

Figura 15 - Página/publicação na página do Instagram intitulada ariano.suassuna



Fonte: Ariano.suassuna (2024).

## 4 A BANDEIRA E O MOTE DO MOVIMENTO ARMORIAL

Comecei a dizer que tal poema ou tal estandarte de cavalhada era 'armorial', isto é, brilhava em esmaltes puros, festivos, nítidos, metálicos e coloridos como uma bandeira, um brasão ou um toque de clarim [...]. Descobri que o nome 'armorial' servia, ainda, para qualificar os 'cantares' do Romanceiro, os toques dos Cantadores – toques ásperos, arcaicos, acerados como gumes de faca-de-ponta, lembrando o clavicórdio e a viola-de-arco da nossa Música barroca do século XVIII. (Suassuna, 1977, p. 40).

### 4.1 A POÉTICA DA PROPOSTA CULTURAL

O Movimento Armorial surgiu em Pernambuco no final dos anos 60 e início dos anos 70. O teatro suassuniano já marcava presença nacional nos palcos e seus textos e peças já eram produzidas na linha do Movimento, mesmo antes dele se afirmar um movimento cultural.

O Armorial foi idealizado por Ariano Suassuna, que reuniu artistas das mais diversas áreas, como o artista plástico Gilvan Samico, o maestro Cussy de Almeida, o compositor Capiba, o escultor Arnaldo Barbosa, entre outros. A proposta foi realizar uma arte brasileira erudita a partir das raízes da cultura popular (Suassuna, 1974a). Essa é a definição chave do movimento e a proposta em questão rompeu paradigmas da época, como o que considerava as manifestações das culturas populares de menor valor que as demais.

Figura 17 - Capa da obra O Movimento Armorial



Fonte: Arquivo pessoal.

A palavra 'armorial' na língua portuguesa é um substantivo, representa o livro onde estão registrados os brasões, mas o idealizador do movimento passa a empregá-lo como adjetivo, por sua beleza e por estar ligado aos esmaltes da heráldica e inspirados no Barroco do século XVIII. Ele enxergava elementos armoriais nos mais variados campos das artes, inclusive na música.

Suassuna foi amadurecendo a definição do Armorial ao longo de suas aulas na universidade, e posteriormente por todos os lugares por onde passava com seu espetáculo. Nos palcos sua figura se destacava pela comunicação eficaz com públicos diversos, alternando histórias engraçadas, conteúdos sobre a arte em geral, até coroar com seu ideário armorial.

O movimento reuniu em torno de sua proposta representantes nas áreas da pintura, gravura, escultura, cerâmica, tapeçaria, literatura, cinema, teatro, dança e música, sendo esta última uma das áreas que mais repercutiu na trajetória do Armorial. Para a realização da proposta musical, o ponto de partida foi a realização de uma pesquisa sobre os ritmos tradicionais populares do Nordeste. A partir dessa inspiração, os músicos traduziam tais ritmos e elementos em uma música erudita, que tinha a intenção de ser universal e representar a complexidade da cultura popular.

Apesar de estar trabalhando com as influências formadoras da musicalidade nordestina, o escritor dizia que a arte Armorial poderia ser desenvolvida em qualquer lugar, desde que buscasse a fonte, a origem de tudo, as bases formadoras da cultura local, que em cada região se apresentava de formas diferentes, porém não menos ricas. Assim, seria possível alcançar o universal e criar uma arte genuinamente brasileira. O movimento seria então um laboratório, uma inspiração para outros artistas e movimentos.

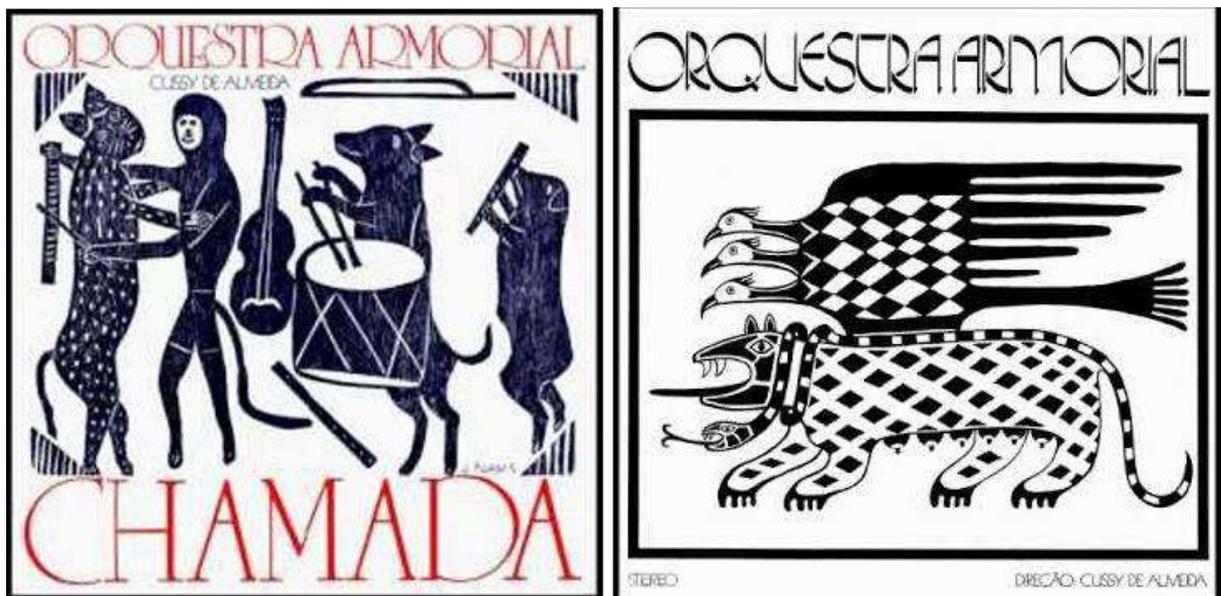
A história do Movimento Armorial pode ser dividida em quatro fases: Experimental, Romançal, Arraial e Ilumiara (nome colocado pelo pesquisador Carlos Newton Júnior, 2023a). Mas essa divisão não é consensual. Há quem diga que a demarcação de tempos entre as fases armoriais não se fazia necessária. Há também os que considerem a Fase Ilumiara como sendo parte da Fase Arraial.

Adotamos a divisão em 4 fases por considerarmos que elas acontecem durante o trabalho desenvolvido por Ariano à frente de algum cargo público. A primeira das

fases seria a Experimental. Ela acontece no período de lançamento oficial da proposta artística, 18 de outubro de 1970. Na ocasião, é organizado um evento na Igreja de São Pedro dos Clérigos, com o concerto *Três Séculos de Música Nordestina – do Barroco ao Armorial*, e uma exposição de artes plásticas. Tudo pensado a partir das ideias armoriais e sempre com o dramaturgo abrindo os eventos e ministrando uma aula (já nos moldes do que seriam as aulas-espetáculo) sobre a proposta da arte em questão.

No período do lançamento (a Fase Experimental do movimento), o escritor era diretor do Departamento de Extensão Cultural – DEC, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (desde 1969). Na música do movimento, notabilizaram-se Guerra Peixe, Cussy de Almeida, Jarbas Maciel e Capiba como os principais compositores e executores da proposta musical à frente da Orquestra Armorial (1970).

Figura 18- Capas dos dois LPs da Orquestra Armorial



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 1972, foi constituído o Quinteto Armorial (Lima, 2000). O Quinteto surgiu para executar a música erudita proposta pelo Movimento, utilizando também instrumentos populares. O então regente da Orquestra Armorial aceitava tocar composições que remetessem às tradições populares, mas não concordava com a presença dos instrumentos populares na execução de peças eruditas, em busca da

universalidade proposta pelo armorial. Um exemplo seria alternar o violino e a rabeca, flautas e pífanos, e percussão erudita com instrumentos como a zabumba.

O Quinteto Armorial, comandado pelo compositor Antonio Madureira, que tocava viola nordestina, era integrado também, na sua primeira formação, pelos músicos Antonio Nóbrega (violino e rabeca), Edilson Cabral (violão), Egildo Vieira (flauta e pífano) e Fernando Torres (marimbau). (Andrade, 2023).

O grupo lançou quatro discos: *Do Romance ao Galope Nordestino* (1974), *Aralume* (1976), *Quinteto Armorial* (1978) e *Sete Flechas* (1980).

Figura 19 - Capas dos quatro LPs do Quinteto Armorial



Fonte: Arquivo pessoal.

No universo literário, havia Marcus Accioly (poesia), Janice Japiassu (poesia), além do próprio Ariano com seus romances, poemas e também peças, entre elas *Auto da Compadecida*, publicada originalmente em 1957.

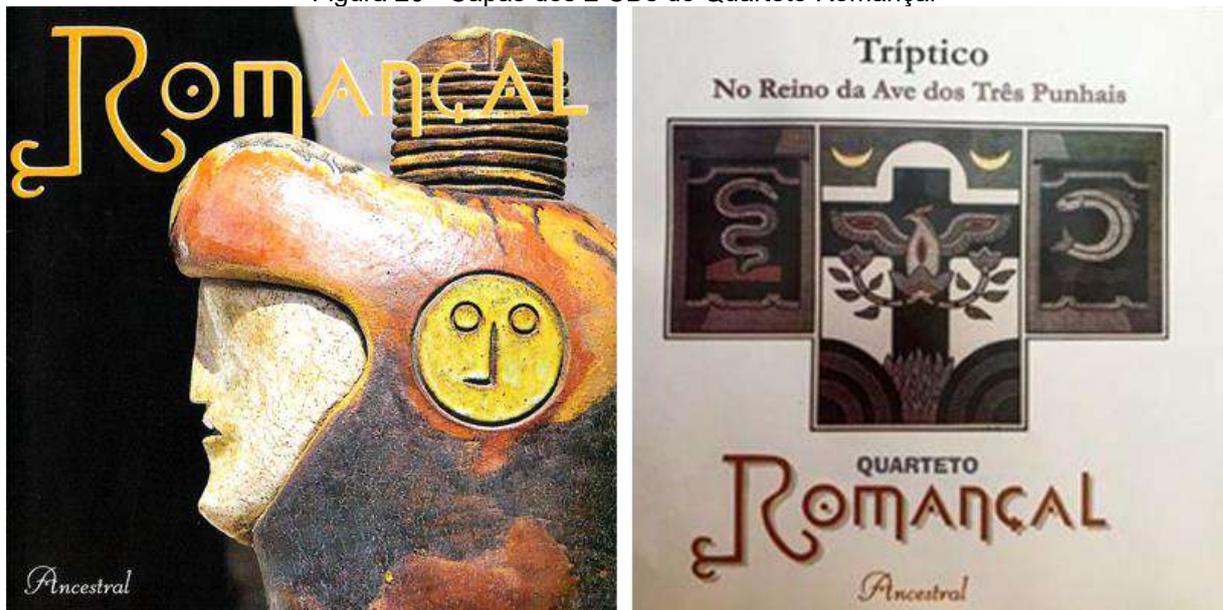
Os artistas aqui mencionados não eram necessariamente integrantes do Movimento Armorial, mas algumas de suas obras são importantes representações do Movimento em diferentes fases. São expressões artísticas que traduziam o que Suassuna considerava como representação da arte brasileira.

Suassuna seguia idealizando um conjunto de artes que ele sozinho, como escritor, não poderia produzir. A complexidade de seu ideário, gostos e crenças o fez construir primeiro sua literatura, depois um movimento cultural, e por fim, mas não menos importante, seu espetáculo em forma de aula, que, assim como o Armorial, era um verdadeiro coletivo artístico.

Quando o escritor deixa a direção do DEC (UFPE), ele assume pouco tempo depois a Secretaria de Educação e Cultura do Recife, (gestão do prefeito Antônio Farias, 1975-1978). Tem início a Fase Romançal do Armorial. O nome remete à romanço – o amálgama de dialetos do latim popular que originou a língua portuguesa. Do período em questão, a dança armorial é uma das vertentes que mais se destaca. Em 1976, é lançado o Balé Armorial do Nordeste, e, em 1977, Ariano criou, junto com o coreógrafo e encenador André Madureira, o Balé Popular do Recife, que tinha como inspiração os ritmos populares de Pernambuco. Foi ainda na fase Romançal que foi criada a Orquestra Romançal Brasileira, que projetou o músico Antúlio Madureira.

A terceira fase é a Arraial (em homenagem ao Arraial de Canudos e a Antonio Conselheiro). O nome dado à fase também faz alusão à celebração e festa, tendo início em 1995, com a presença de Ariano na Secretaria de Cultura de Pernambuco. O Movimento ganha novo impulso e revela artistas como o escultor Arnaldo Barbosa, artistas plásticos como Dantas e Zélia Suassuna (filho e esposa de Ariano), o Grupo Grial de Dança e o Quarteto Romançal (mais uma vez liderado por Antonio Madureira, músico presente na Fase Experimental).

Figura 20 - Capas dos 2 CDs do Quarteto Romançal



Fonte: Arquivo pessoal.

A partir das adaptações de obras suassunianas para TV e cinema, e da veiculação no telejornal NE TV (Rede Globo) do quadro semanal *O Canto de Ariano*, ocorreu uma popularização dos ideais armoriais. Grupos como Sa Grama (que fez parte da trilha sonora do *Auto da Compadecida*) e o carioca Gesta vêm desenvolvendo trabalhos musicais inspirados na proposta Armorial.

A quarta fase do Armorial, Ilumiara, aconteceu a partir de janeiro de 2007, quando tem início o primeiro de dois mandatos como secretário especial de cultura de Pernambuco. O dramaturgo realizava as aulas-espetáculo acompanhado de sua trupe de artistas, que cantava, tocava e dançava o Nordeste do olhar suassuniano.

Essa empreitada teve início oficialmente em 16 de março de 2007, com uma aula-espetáculo que contou com a Camerata Armorial (regida por Rafael Garcia) e com a dança híbrida de Gilson Santana (Mestre Meia Noite) e Maria Paula Costa Rego, bailarina e coordenadora do Grupo Grial de Dança, trupe que foi criada ainda na Fase Arraial do Armorial.

Figura 21 - Grupo Grial de Dança



Fonte: Lins (2023).

#### 4.2 ARTISTAS, ARTES E CORES ARMORIAIS

O Movimento Armorial tinha uma poética própria, apresentava um conceito artístico e um ideal de arte. Na análise daquele que pode ser chamado de circo-teatro suassuniano, é perceptível a presença desses elementos que integram a proposta do movimento no discurso apresentado por Ariano durante a realização das aulas-espetáculo. Isso fica comprovado a partir da análise das apresentações que integram nossa amostra de pesquisa (quatro aulas-espetáculo e seis palestras).

As expressões artísticas que compõem o movimento são de áreas diversas. Alguns artistas, em determinadas fases de suas carreiras, produziam obras que cabiam no conceito armorial (segundo o próprio mentor do Movimento, Ariano Suassuna). Esse teria sido o caso do artista plástico e ceramista Francisco Brennand (1927-2019).

Já o gravador Gilvan Samico (1928-2013) atendeu a um convite do amigo Ariano para produzir xilogravuras inspiradas nos elementos da cultura popular brasileira, a exemplo das capas dos cordéis. O dramaturgo paraibano elegia algumas manifestações de arte que ilustravam sua proposta de uma arte erudita Armorial, pois apresentavam inspiração em componentes das brincadeiras e tradições nacionais guardadas entre os brincantes.

Os representantes da poética Armorial buscavam aquilo que consideravam mais próximo de uma arte original nacional, a partir daquelas que podem ser

consideradas as primeiras expressões artísticas brasileiras. Dentro dessa visão, Suassuna seguiu focado em destacar tudo aquilo que, oriundo de outras tradições seculares, reforçava a teoria que considerava “jovem” a tradicional cultura brasileira. Ele cita como exemplo disso o romancero medieval:

Nós somos também um povo dilacerado. Ainda estamos marchando da contradição branca, negra e vermelha, para o castanho do futuro; ainda somos, por outro lado, um povo jovem, talvez o único povo que ainda tem, hoje, um romancero vivo; e, por outro lado, herdamos séculos de cultura mediterrânea, cultura que ainda não se reinventou aqui de modo total. [...] O Romancero nordestino, essa espécie de ponte de ligação entre a tradição mediterrânea e o Povo brasileiro de hoje, pode bem ser um caminho não só para a criação de uma legítima Literatura brasileira, como para criar uma unidade de contrastes e contradições, fazendo dos nossos dilaceramentos, como sucedeu com os espanhóis do Século de Ouro, um fator de enriquecimento literário e vital, e não um nó de impasse. (Suassuna apud Santos, 1999, p. 34).

Ariano afirma que jamais foi a intenção do Armorial resgatar os elementos e tradições da cultura popular, pois os artistas (e o escritor se inclui nesse grupo) podem construir sua obra sob a influência do popular não para resgatá-la, mas por gostarem e se identificarem com o que integra o universo da cultural local (Suassuna, 1994). Para o escritor, novas expressões artísticas surgiriam a partir de uma base fértil e rica que estaria presente também nas brincadeiras populares, o que fazia delas uma fonte de inspiração para tal processo.

A arte sonhada, proposta e defendida pelo literato não cabia em um simples conceito de pureza, mas sim no que ele enxergava como uma possível pluralidade presente nos elementos variados que integram a arte brasileira. A defesa de tal pensamento, que movia o próprio Ariano, estava presente nas explicações que proferia nas aulas. A ideia não regia só o romancista e o Movimento Armorial como também as aulas-espetáculo, pois, durante as apresentações, o professor trazia, entre os materiais de apoio que costumava utilizar, fotos da arte rupestre, do teatro indígena, e outras imagens que exemplificavam a ideia de valor da arte ancestral nacional.

Assim como a arte medieval, o Barroco também está nas bases do Movimento, mais especificamente nas formas de criação que permitem a passagem do popular ao erudito, uma recriação a partir do popular. (Suassuna apud Santos, 1999, p. 36).

Nas aulas-espetáculo Ariano encontra espaço para apresentar conceitos e ilustrá-los com expressões artísticas diversas. Observamos isso no momento em que o professor declama versos medievais portugueses, que na Idade Média eram considerados populares. Um exemplo disso pode ser visto na aula-espetáculo ministrada na UnB, a que consideramos ter um caráter um pouco mais didático. (Aula-espetáculo, 1997). Na aula, a proposta do armorial pode ser vista (e ouvida) com a apresentação dos músicos Aglaia Costa e Antonio Madureira. Esse último musicou o Romance da Bela Infanta, um dos declamados por Suassuna no auditório da UnB. Temos então uma música representante do Movimento Armorial.

A essência do que se identifica como arte Armorial muitas vezes foi considerada algo meramente regionalista, por prezar em suas temáticas questões também ligadas ao Nordeste. No entanto, o Movimento Armorial parte da pesquisa dos elementos tradicionais da cultura popular em busca de inspiração. Tal processo seria capaz de gerar frutos a partir da hibridização do popular com o erudito ou com o contemporâneo.

Quanto às características específicas de uma poética Armorial, no ponto de vista de Suassuna, está a ligação com o espírito e a forma do folheto do cordel, que sempre inspirou o escritor. O cordel traz três tipos de manifestações artísticas: na capa, uma obra ligada às artes plásticas; o poema está no campo literário; e os versos, pela possibilidade de serem cantados, cabem no campo musical.

A compreensão da proposta dos armoriais se dá a partir do que Ariano propõe em *O Movimento Armorial* (1977), e da observação das artes plásticas que traduziam a proposta suassuniana. Algumas expressões de arte já foram trazidas em outros momentos da tese, permeando a cronologia que construímos do poeta paraibano. Destacamos a seguir, de forma breve, alguns dos representantes (mesmo que em apenas uma fase de suas obras ou do próprio movimento) das artes armoriais, a começar pelo seu fundador:

- *Ariano Suassuna*: ilustra seus livros (representantes da proposta literária armorial) com desenhos em preto e branco criados por ele para seus textos. Essa produção artística do poeta muitas vezes remete às gravuras populares ou à arte rupestre. Os temas fazem alusão a elementos conservados no sertão nordestino e ligados às origens da colonização. Animais alados também povoam suas iluminogravuras

(manifestação artística criada pelo dramaturgo que une gravura e poesia). Consideramos a arte de atuar nas aulas-espetáculo uma expressão artística relevante na carreira de Ariano.

Figura 22 – Ariano Suassuna durante uma aula-espetáculo



Fonte: Tiengo (2024).

- *Gilvan Samico* (1928-2013): artista plástico e gravurista. Sua arte se encaixa na proposta da pintura e da gravura Armorial, e parte dela se inspira nas xilogravuras dos folhetos de cordel. A arte de Samico é vista nas capas dos primeiros discos do Quinteto Armorial e no segundo CD do Quarteto Romançal.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup>LP 1: Do Romance ao Galope Nordestino. Gravura intitulada Alenxandrino e o Pássaro de Fogo, 1962. LP 2: Aralume. Gravura intitulada O Triunfo da Virtude sobre o Demônio, 1964. Na terceira fase do movimento (a chamada Fase Arraial) a capa e a contracapa do segundo CD do quarteto representante da Música Armorial, o Quarteto Romançal, há um tríptico do artista. (título da gravura e do CD: No Reino da Ave dos Três Punhais).

Figura 23 - Gravura de Gilvan Samico. *Dama da Noite*, 1994, 90X49 cm



Fonte: Catálogo (2023).

- *Francisco Brennand (1927-2019)*: escultor, ceramista e artista plástico. Foi responsável pelo figurino da primeira adaptação de *Auto da Compadecida* para o cinema, em 1969 (filme: *A Compadecida*, direção: George Jonas). Na concepção do figurino d'*A Compadecida*, o artista plástico interpreta o universo Armorial de Ariano. A arte de Brennand se faz presente na Fase Arraial através da imagem de uma de suas esculturas em cerâmica para a capa do primeiro CD (homônimo) do Quarteto Romançal, em 1998.

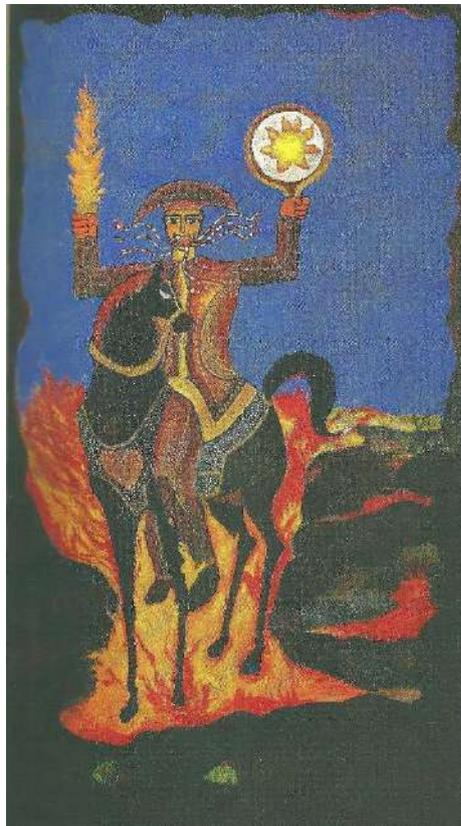
Figura 24 - Figurino de Francisco Brennand para o filme *A Compadecida* (1969)



Fonte: Catálogo (2023).

- *Alúísio Braga*: pintor (artista plástico). Durante a primeira fase do Movimento (Experimental) representou com as telas *A onça* e *A serpente* a pintura armorial idealizada por Suassuna. Os trabalhos ilustram a proposta estética contida em *O Movimento Armorial* (Suassuna, 1977).

Figura 25 - Pintura de Alúísio Braga *A Viagem de Lino*, 1972, óleo sobre aglomerado, 121,5X68,5 cm



Fonte: Catálogo (2023).

- *Arnaldo Barbosa*: escultor popular que deu vida à sua arte esculpindo em pedras. Alguns de seus trabalhos podem ser vistos nos jardins da residência de Suassuna. Os temas remetem a elementos do universo popular, como santos e figuras fantásticas. Barbosa foi responsável por esculpir murais em um anfiteatro na Cidade Tabajara, Olinda-Pernambuco, o Ilumiara Zumbi. O espaço é composto por sete painéis esculpidos em pedra-sabão, representando a cultura popular. Também são de Barbosa as esculturas em pedra que compõem a Ilumiara Pedra do Reino, localizada no município de São José do Belmonte, Pernambuco.<sup>26</sup>

Figura 26 - Esculturas de Arnaldo Barbosa em São José do Belmonte-PE (*Pedra do Reino*)



Fonte: Catálogo (2023).

- *Zélia Suassuna*: Os desenhos da artista começaram ilustrando as peças de Ariano Suassuna, tornaram-se esculturas em barro (presentes no jardim de sua casa), e hoje estampam pratos em cerâmica. A artista tem como estilo uma linearidade no traço. É possível identificar no trabalho de Zélia figuras femininas, mas o amor também é tema presente em suas tapeçarias, pinturas e litogravuras (gravuras feitas a partir de pedras litográficas).

Há na primeira fase do Armorial uma proposta de bordar em tapeçaria elementos e figuras desenhadas por Suassuna. E foi a tapeçaria recifense Casa Caiada a

---

<sup>26</sup> Os dois espaços são palcos gigantes e a céu aberto para a realização de espetáculos populares: na Ilumiara Zumbi ocorrem encontros de maracatu rural durante o carnaval, e de grupos de cavalo-marinho (outra brincadeira popular) tradicionalmente do Dia de Reis (6 de janeiro). Já na Ilumiara Pedra do Reino, acontece a Cavalgada da Pedra do Reino.

responsável por parte da produção Armorial. Na Fase Romançal, Zélia e Clívia (que foi esposa do primo de Ariano, Manelito) coordenavam uma cooperativa de tapeceiras em Taperoá, na Paraíba, que produziam os bordados armoriais.

Figura 27 - Litogravura de Zélia Suassuna, *Sofia – A Sabedoria*, 1996, 46X64 cm



Fonte: Catálogo (2023).

- *Manuel Dantas Suassuna*: O artista plástico tem na pintura rupestre uma fonte de influência. Dantas é responsável por cenários e figurinos de espetáculos de dança e teatro que marcaram as fases Arraial e Ilumiara do Movimento Armorial. Nas aulas-espetáculo, mais especificamente nas que integraram o *Circo da Onça Malhada*, criado por Ariano durante a sua gestão como Secretário Especial de Cultura (2007-2014), os cenários e figurinos (de músicos e bailarinos) de Dantas integravam as apresentações. Algumas das reedições mais recentes dos livros de Suassuna trazem pinturas dele nas capas das obras.

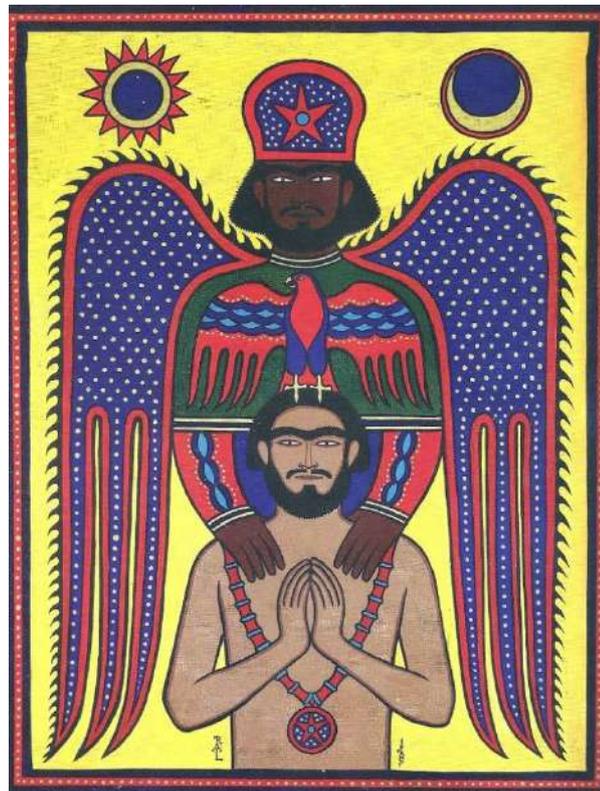
Figura 28 - Figurino de Dantas Suassuna para o Grupo Grial de Dança



Fonte: Lins (2023).

- *Romero de Andrade Lima*: recebeu influência de artistas como Gilvan Samico, Francisco Brennand, Gustav Klimt e Chagall. Suas pinturas trazem o encantamento pelo popular como inspiração em determinados momentos da carreira. O artista também produziu algumas pinturas e figurinos dentro das ideias armoriais.

Figura 29 - Pintura de Romero de Andrade Lima. 1985, óleo sobre aglomerado, 104X80 cm



. Fonte: Catálogo (2023).

- *Guilherme da Fonte*: autodidata, o artista responsável pelos mosaicos armoriais inspirados em desenhos de Suassuna (onças aladas, bodes e gaviões) e na arte popular. As obras (produzidas com granitos pernambucanos) estampam pisos do antigo Shopping Paço Alfândega<sup>27</sup> e também ocupam alguns muros do jardim da casa de Ariano.

Artes e artistas que apresentamos resumidamente aqui, representam parte do que propõe o Movimento Armorial. Ele se baseia, entre outras coisas, na retomada de uma iconografia presente no imaginário popular nordestino e suas origens. Essa concepção foi fundamental, por exemplo, para a adaptação do *Auto da Compadecida* para a TV.

---

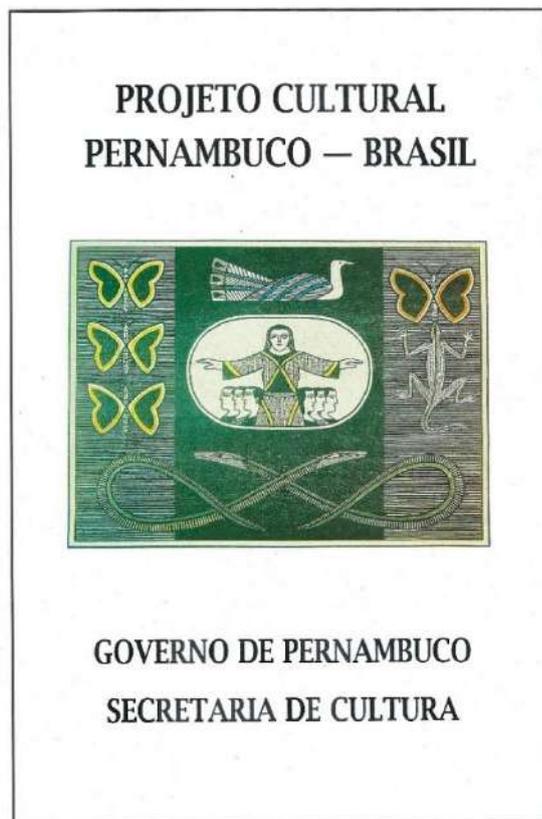
<sup>27</sup> O prédio do Shopping Paço Alfândega é a antiga Alfândega do Recife, uma construção iniciada em 1732 para abrigar os padres da Ordem de São Felipe Neri do Convento dos Oratorianos. Localizado às margens do Rio Capibaribe, onde funcionava, desde a ocupação holandesa, o Porto de Pernambuco. Esse que foi considerado no século XVIII o porto de maior movimentação das Américas. O Paço já foi considerado um importante centro de compras, cultura, lazer e gastronomia.

## 5 CIRCO DA ONÇA MALHADA: HISTÓRIA E FORMATO DAS AULAS- ESPETÁCULO

Para iniciar as atividades que, no Projeto [Cultural Pernambuco-Brasil], se ligam à Música e às Artes Cênicas, criou-se o Grupo Romançal, onde se reúnem músicos, atores e dançarinos. O grupo é responsável pelas aulas-espetáculo. (Suassuna, 1995a, p. 7).

As aulas-espetáculo foram oficializadas com esse nome na apresentação das propostas de ação de governo que Ariano desenvolveu para os 4 anos que ficou à frente da Secretaria de Cultura do Estado (1995-1998). Essas propostas estão registradas no Projeto Cultural Pernambuco – Brasil. (Suassuna, 1995a)<sup>28</sup>.

Figura 30 - Capa do Projeto Cultural Pernambuco – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>28</sup> A íntegra desse projeto consta no Anexo da tese.

No entanto, nossa pesquisa histórica indica que o formato das aulas-espetáculo que Ariano ministrava acompanhado de músicos e bailarinos começou a se constituir muito antes. Desde as primeiras apresentações, Ariano já subia nos palcos ao lado de artistas. O primeiro exemplo disso foi o encontro de cantadores que aconteceu no Teatro de Santa Isabel, em 1946, e contou com a presença de grandes nomes da cantoria, como Dimas, Lorival e Otacílio, os irmãos Batista do Pajeú. Ao apresentar os músicos, Ariano já realizava a performance que viria adotar posteriormente nas aulas-espetáculo. O escritor ainda não era o personagem principal dos eventos, mas já acompanhava músicos, nesse caso populares, explicando na ribalta o que era a cantoria e qual a sua importância. (Newton Júnior, 2023a)<sup>29</sup>.

Nossa afirmação ganha reforço na obra de Ariano que trata da preparação e realização de uma aula-espetáculo. No *Romance de Dom Antero no Palco dos Pecadores*, o poeta paraibano dá indicações de que as aulas-espetáculo começaram no evento de 1946. Um dos personagens do romance diz ao protagonista Dom Pantero:

Coevo, no dia 23 de setembro de 1946 vi você encantar o público ao apresentar 3 Cantadores e 1 Poeta popular no Palco do Teatro de Santa Isabel. Você pode ser incapaz de repetir um texto decorado; mas, improvisando, como fez naquela espécie de Aula-Espetaculosa, pode se tornar o Ator que sonha ser, até agora sem conseguir. (Suassuna, 2017).

A hipótese de que o formato das aulas-espetáculo tem sua gênese antes de 1995 é corroborada pelos registros fotográficos de apresentações do educador paraibano anteriores a essa década. As imagens da década de 1970 as quais tivemos acesso, provavelmente são da Fase Experimental do Movimento Armorial. Nesses registros fotográficos, Ariano está acompanhado do Quinteto Armorial, os representantes da música armorial na época. (A Música, 2005). A configuração cênica é a mesma das aulas-espetáculo que se iniciaram posteriormente durante o período como Secretário de Cultura de Pernambuco. Suassuna sempre ocupava o lado direito

---

<sup>29</sup> Na aula-espetáculo *A Cadência, o Castelo e a Cantoria*, ministrada em Panelas-PE, Ariano lembra de quando, aos 19 anos, organizou o citado encontro de cantadores.

de quem olha para o palco, do lado esquerdo estavam músicos e/ou bailarinos que ali se apresentavam.

Figura 31 - Aula-espetáculo, Quinteto Armorial e Ariano Suassuna [década de 1970]



Fonte: A erudição (2023).

Figura 32 - Aula-espetáculo Tributo a Capiba, 2014



Fonte: Amigos (2023).

A presença do Quinteto Armorial nos registros fotográficos em preto e branco sinaliza para a defesa das manifestações culturais populares e eruditas que ele preconizava, já que o estilo musical do Quinteto era inspirado nos ritmos populares.

Os músicos muitas vezes se apresentavam alternando instrumentos eruditos e populares: flauta ou pífano, violino ou rabeca, entre outros.

Figura 33 - Aula-espetáculo, Quinteto Armorial e Ariano Suassuna [década de 1970].



Fonte: Mostra (2023a).

Figura 34 - Aula-espetáculo, Quinteto Armorial e Ariano Suassuna [década de 1970].



Fonte: Mostra (2023b).

Figura 35 - Aula-espetáculo *Tributo a Capiba*, 2014

. Fonte: Obra (2017).

Temos o Ariano estudante de Direito que apresentou a arte da cantoria, o Ariano docente que ensinava sobre as artes popular e erudita, além do Ariano criador e entusiasta do Movimento Armorial. Surge então um Ariano que, ao se aposentar do ofício de professor, passou a se realizar sendo o contador de histórias. Para discutir essa transição das salas de aula para os palcos, consideramos também para a tese a Aula Magna que Ariano realizou em 1992, na Universidade Federal da Paraíba. Essa não foi uma aula assistida, e sim lida na íntegra, pois se trata de um livro que resultou de uma transcrição da aula-espetáculo. Mas como na época o escritor ainda não tinha sido secretário de cultura, a aula ainda não carregava no nome o termo espetáculo. Quem ministrou essa aula foi o professor aposentado, trazendo uma quantidade considerável de conhecimento acadêmico e demonstrando como era a sua performance em sala de aula, sempre entrecortada pelo humor e pela contação de histórias. É possível enxergar nela indícios daquilo que mais adiante se tornaria seu espetáculo.

Há na trilha de Suassuna um entrelace entre arte e política. Em todas as ocasiões que liderou a gestão de um órgão público de cultura, ele tomou por base os conceitos presentes no Movimento Armorial, com o intuito de propor a realização de uma arte nacional erudita inspirada nos elementos da cultura popular brasileira.

Na função de Secretário de Cultura de Pernambuco (1995 – 1998), quando tem início a terceira fase do Armorial (Fase Arraial), a prioridade de Ariano era dar oportunidades aos artistas populares, que costumavam receber menos apoio das iniciativas privadas (D'Oliveira, 1994). O Projeto Cultural Pernambuco – Brasil dividiu opiniões na época em que foi lançado. Mas a execução das aulas-espetáculo por Suassuna foi uma ação que ganhou adeptos a partir do sucesso e repercussão que alcançou.

O trabalho de Ariano Suassuna em Pernambuco é o mais vital, importante e cultural no Brasil de hoje. O secretário de cultura pernambucano apresenta seu projeto e seus conceitos em irresistíveis aulas-espetáculo. São palestras, recheadas de poesia, maracatu e muito carisma. (Bial apud Suassuna, 1997).

Quando o Projeto Cultural Pernambuco-Brasil foi lançado houve reações<sup>30</sup>. Alguns produtores, artistas e intelectuais<sup>31</sup> escreveram uma nota de repúdio contra o projeto por considerá-lo preconceituoso e ditatorial, considerando a proposta uma política cerceadora da liberdade de expressão que violava o preceito da pluralidade cultural presente na Constituição do Estado de Pernambuco (Pernambuco, 1989 apud Moura, 1995b).

No projeto o então secretário afirma não fazer distinção entre representações artísticas, fossem elas: arte “nacional”, “universal”, “erudita”, “popular”, “arcaica” ou “moderna”. A única restrição explanada no texto, que teria causado indignação em uma parcela da classe artística pernambucana, era bem específica. Dirigia-se aos que ele definia como sendo “servis e imitadores”, e que, na sua concepção confundiam inovação com renovação, se curvando diante do que vinha de fora, como se fosse algo de vanguarda (Suassuna, 1995a).

Contra as acusações de gestor ditatorial, Ariano costumava contra-argumentar dizendo que sua secretaria não tinha um único direcionamento na cultura. Por exemplo, na ocasião do V Festival de Inverno de Garanhuns de 1995, ele destacou

---

<sup>30</sup> O jornal Folha de São Paulo estampou a manchete: “Suassuna só quer saber de arte popular” (Nogueira, 1995).

<sup>31</sup> Assinaram o documento o escultor Abelardo da Hora, os maestros Geraldo Menucci e Duda, os artistas plásticos Sérgio Lemos, Tiago Amorim, Montez Magno, Jobson Figueiredo, o escritor Nelson Saldanha, o produtor Raimundo Campos e a cineasta Katia Mesel. (Moura, 1995b).

que estavam escaladas as bandas Paralamas do Sucesso, Mundo Livre S/A e Jorge Cabelleira. Além disso, o músico Chico Science teria sido convidado, mas estava em turnê no exterior durante a data do Festival. (Pereira, 1995). A figura de Chico Science<sup>32</sup> é emblemática pois ele era o principal expoente do Manguebeat, movimento que alimentava disputas com o Armorial<sup>33</sup>. O Movimento Armorial era uma escola hegemônica em Pernambuco, e nós jovens ficávamos incomodados com isso. (Fred 04, 2014).

Sobre a disputa entre o Armorial e o Manguebeat, vale lembrar que o Armorial primava pela cultura popular mesclando-a com o erudito a fim de valorizá-la e torná-la universal. Já para artistas do Manguebeat, a proposta era de misturar a cultura local com o rock e o hip hop. E Ariano repudiava a cultura americanizada e a luta contra ela é um dos preceitos armoriais. Na lógica apresentada por Suassuna, a cultura norte-americana trazia predominantemente a essência da cultura massiva, que produzia expressões artísticas em série, com a intenção de dominar e se sobrepor às demais culturas. O pensamento suassuniano já era esse quando ele criticou a Jovem Guarda e o Movimento Tropicalista algumas décadas antes.

No entanto, ressaltamos que para além das rivalidades alimentadas pela mídia local e pelos expoentes artísticos dos dois *fronts*, é preciso perceber a intersecção entre os dois movimentos: ambos valorizavam a cultura popular.

Hoje vejo que, embora aparentemente antológicas, esses movimentos [Armorial e Mangue Beat] tinham em comum o mesmo propósito de desenvolver o orgulho de ser nordestino, do simplório, do rústico. Ariano era um exemplo de cordialidade e civilidade num meio tão arrogante quanto o da política cultural pernambucana. (Fred 04, 2014).

O Manguebeat abriu espaço na mídia para que fossem revisitadas as artes produzidas pelos brincantes da cultura popular pernambucana<sup>34</sup> e pelos mestres de folguedos. São exemplos disso Mestre Salustiano (rabequeiro e mestre do maracatu

---

<sup>32</sup> O músico faleceu em 1997, vítima de um acidente de carro.

<sup>33</sup> Nosso material de arquivo mostra que a imprensa costumava relatar uma relação muito cheia de atritos entre Ariano e Chico Science, mas nos parece que essa relação era bem menos atribulada do que o jornalismo local manifestava. Chico Science chegou a se declarar um armorial. Sobre tal declaração, Ariano chegou a dizer em tom de brincadeira que Chico Science deveria mudar seu nome para 'Chico Ciência'.

<sup>34</sup> Dos dicionários ligados à música e ao folclore, apenas no *Dicionário Musical Brasileiro*, de Andrade (1989), há uma definição da palavra *brinquedo*, utilizado no Nordeste como sinônimo de canto e de danças dramáticas como pastoris, bois, congos e caboclinhos.

de baque solto *Piaba de Ouro*, 1945-2008), Lia de Itamaracá (cirandeira), Selma do Coco (1935-2015) e Cila do Amaro Branco (ambas coquistas).

Figuras 36 e 37 - Ariano Suassuna na Ilumiara Zumbi com o maracatu rural Piaba de Ouro, e Chico Science com chapéu de caboclo de lança, do caboclo de lança, personagem do maracatu rural.



Fontes: Figura 36 – Manteuffel (2023). Figura 37 – Soubhia (2023).

As polêmicas envolvendo o Ariano secretário de cultura continuaram durante todo o mandato. Por exemplo, sobre a apresentação da adaptação teatral feita por Romero de Andrade Lima (sobrinho da esposa de Ariano), do *Romance da Pedra do Reino* para o 1º Festival Recife do Teatro Nacional (1997), há o seguinte registro:

Os dois [Ariano e Romero] foram estrondosamente vaiados por quase 30 minutos após o espetáculo. Tiveram que ouvir, além das vaias, coisas do tipo: 'Isso é abuso de poder!', 'Teatro não é isso!', 'É uso do dinheiro público!', 'Quero meu dinheiro de volta!'. Em sua defesa, uma parte da plateia rebateu: 'Vocês não podem fazer isso!', 'Estão intimidando as pessoas!', 'Tenho orgulho de ser pernambucana por causa de Ariano!' [no caso vale lembrar que o escritor era paraibano]. De volta, a tréplica: 'Esse é o nosso espaço!', 'Vocês são omissos!'. E os fãs: 'É Ariano! É Ariano! É Ariano!'. 'A obra de Ariano é indiscutível, mas este trabalho é um profundo desrespeito com o público', fechou o presidente do Sindicato dos Artistas, George Meireles. (Vieira, 1997).<sup>35</sup>

Em meio às polêmicas, as aulas-espetáculo ganharam uma dimensão que ultrapassou as expectativas de Suassuna. Um fato que ajudou na visibilidade das

<sup>35</sup> Esse episódio está representado no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*.

aulas (e da obra de Ariano) foi a popularidade gerada a partir da adaptação de seus textos para a TV<sup>36</sup>.

Após essa breve digressão sobre a política cultural do secretário Ariano, voltemos à constituição histórica das aulas. As primeiras aulas-espetáculo ministradas durante o Governo Arraes contavam com o suporte artístico da violinista Clarice Amazonas e da bailarina clássica Marisa Queiroga, ambas davam aulas a crianças carentes (Castello, 1995). É nesse momento que as aulas se tornam espetáculo e passam a ser chamadas oficialmente de aulas-espetáculo.

A denominação 'aula-espetáculo', com hífen, é um neologismo criado por Suassuna para indicar que suas apresentações não eram apenas aulas, tampouco só espetáculos. A mesma ideia pode ser vista no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*. Na obra literária o teatrólogo chama o espaço das apresentações de circo-teatro, termo esse que compõe o título da nossa tese. Nas apresentações Ariano atuava como o palhaço.

Seus materiais para ilustrar o conteúdo apresentado nos espetáculos poderiam ser bandeiras, instrumento musicais, fotografias, cartazes, matérias de jornal ou vídeos com trechos de apresentações de bailarinos armoriais. No Projeto Cultural Pernambuco-Brasil é o documento que oficializa não só as apresentações o circo-teatro de Ariano, como também como funcionariam as aulas-espetáculo do então secretário estadual de cultura para dar às apresentações dinamicidade, significando representações concretas das ideias regentes de seu mandato de secretário. Suassuna explica que as aulas-espetáculo “[...] podem ser ministradas apenas com a presença de um explanador e um músico. Se pudermos juntar a eles um projetor e um vídeo, a custo muito baixo, serão exibidas imagens imóveis ou animadas [...]”. (Suassuna, 1995a, p. 32).

Mas contar com artistas no palco era uma possibilidade que só à frente das secretarias (com verbas para pagar pelo trabalho de músicos e bailarinos) era possível. O uso de recursos de apoio ou mesmo apresentações complementares às

---

<sup>36</sup> Mais adiante falamos sobre essas adaptações.

aulas com artistas tinha a função de ilustrar o conteúdo de seu discurso, reforçando-o e unindo tudo ao final da aula-espetáculo.

Figuras 38 e 39 - Ariano Suassuna durante aulas-espetáculo distintas.



Fontes: figura 38 – Ariano (2023); figura 39 -.Mostra (2023b).

As fotografias do professor ilustram duas fases das aulas-espetáculo, dois marcos na construção desse projeto suassuniano de realizar seu circo-teatro e nele expor e defender seus pontos de vista. A Figura 45 é da Fase Arraial do Movimento Armorial, momento em que ele lançou oficialmente as aulas-espetáculo e passou a ministrá-las como Secretário de Cultura de Pernambuco. As duas fotografias que ele exhibe são, respectivamente, de pinturas rupestres nordestinas, e a que está na outra mão é a obra *Vegetação Sobre Rochas*, de Paul Klee, pintor suíço do século XIX. Nossa afirmação sobre o período da fotografia do escritor, se baseia no fato de que as duas imagens que ele exhibe estão registradas no Projeto Cultural Pernambuco - Brasil, (ver Anexo).

Já a Figura 46 data do secretariado de cultura especial do estado, Fase Ilumiara do Armorial, e período em que Ariano já se apresenta em seu Circo-teatro da Onça Malhada. O que endossa nossa informação é o jornal que ele empunha, que foi apresentado em aulas-espetáculo entre 2009 e 2014. Temos no trabalho a menção e o uso do jornal em questão na palestra/Aula-espetáculo *Raízes Populares da Cultura Brasileira*\_parte 2 (2009b) e na Aula-espetáculo *Tributo a Capiba* (2014).

A matéria que é alvo de sua crítica é a que gerou polêmica e fez com que a opinião do escritor repercutisse bastante. O autor do texto é o produtor musical Carlos Eduardo Miranda (1962-2018). O título da matéria é “Preferência nacional”, e trata de

enaltecer a banda paraense Calypso, que no texto é considerada pelo produtor musical ‘a cara do Brasil’ (frase causadora da indignação do poeta paraibano e gancho para o humor).

Suassuna realizou uma palestra durante um encontro nacional de design na UFPE, em julho de 1995. O evento contou com a presença de estudantes universitários de todo o país. A jornalista Ângela Lacerda, do periódico O Poti (Natal-RN), esteve em Recife para cobrir o evento, e trouxe como título de sua matéria: “Suassuna leva ao delírio estudantes”. Ela relatou que alguns dos espectadores ali presentes se disseram emocionados com a explanação e a defesa feitas pelo escritor da beleza presente na cultura popular brasileira e em suas manifestações artísticas. “Eu estou chocada por descobrir a riqueza de uma cultura que é nossa e que eu desconhecia.” (Mariana Rodrigues, RJ), “Ana Grafira, de Maceió, chorava enquanto pedia o autógrafo de Suassuna”. (Lacerda, 1995).

Em 1996 (durante o período em que foi secretário de cultura), Ariano deu início às chamadas “palestras”. O projeto intitulado Itinerância Romançal foi promovido pela Fundação Roberto Marinho. O primeiro dos espetáculos aconteceu na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. O espetáculo abordava temas como o trágico, o dramático e o cômico da cultura brasileira, a partir do ponto de vista de Ariano.

O repórter Nelson de Sá, na época jornal Folha de São Paulo, acompanhou, no dia 27 de novembro de 1996, uma das últimas apresentações da turnê de aulas-espetáculo do projeto Itinerância Romançal na região Sudeste. Ele relatou que ao final da apresentação Suassuna entoou o hino do Bloco Madeira do Rosarinho, de autoria do compositor *Lourenço da Fonseca Barbosa, Capiba*<sup>37</sup>. Nelson de Sá (1996) destacou o visível cansaço do literato e a voz que em alguns momentos chega a falhar, em consequência da exaustão causada pelo número de apresentações do projeto.

O jornalista afirmou que faltou ao poeta o viço sebastianista do início da empreitada e se queixou do tema da aula (teatro), de seu formato e de já ter ouvido algumas das histórias em outras apresentações, além de que o público parecia mais

---

<sup>37</sup> “Madeira que Cupim Não Rói” é o título de um frevo de bloco. Capiba escreveu a letra como forma de desabafo, pelo fato de o bloco carnavalesco Madeira de Rosarinho ter perdido o concurso de blocos líricos, em 1963, para o bloco Batutas de São José. A música foi cantada e popularizada por Suassuna. Ele a entoou em aulas-espetáculo, entrevistas, e até mesmo em um episódio *d’O Canto de Ariano*. O dramaturgo deu à canção um novo sentido, tornando-a símbolo de resistência do povo e da cultura brasileira.

de fãs do que de meros espectadores. A despeito disso, concluiu a matéria com a seguinte frase: “Ariano Suassuna, não tem jeito, é sempre novo.” (Sá, 1996). Mesmo enxergando o espetáculo suassuniano com ressalvas e tendo pontos de vista que divergiam das opiniões de Ariano, era comum que a popularidade dos eventos levasse ao reconhecimento da importância deles. As plateias sempre lotadas de admiradores do escritor que estava lá para ouvi-lo contar histórias repletas de humor e defender seu ideário armorial, era um reforço quanto ao êxito das aulas-espetáculo.

Figura 40 - Plateia de uma aulas-espetáculo.



Fonte: Soares (2024).

Figura 41 - Plateia de uma aulas-espetáculo.



Fonte: AULA-espetáculo (2012).

Ao final da primeira jornada de 4 anos como secretário do Estado (1995-1998), o balanço feito pela jornalista Ivana Moura, do Diário de Pernambuco, é de que “[...] A política do estado de Pernambuco vai ficar para a história como antes e depois de Ariano Suassuna.” (Moura, 1998). Até então nenhum outro secretário da pasta no estado teria apresentado uma política definida, ainda que seu projeto estivesse longe de agradar a todos. O teatrólogo percorreu o estado de Pernambuco e mais de 10 estados brasileiros, se apresentando nas aulas-espetáculo em sua cruzada cultural (Moura, 1998).

José Mário Rodrigues, integrante da União Brasileira de Escritores, ao escrever para o Jornal do Commercio (PE), no ano de 1999, destaca quão inesquecíveis foram as aulas-espetáculo ministradas pelo literato. Nelas foi possível conhecer o que Pernambuco tinha de melhor em termos de manifestações culturais. “Não é demais lembrar que Ariano é maior do que qualquer cargo. Seu poder pessoal ninguém toma” (Rodrigues, 1999).

Carolina Leão e Renato L, do Jornal do Commercio, comentam que quando Ariano aceitou o convite do Governador Eduardo Campos para uma Secretaria Especial de Cultura (2007), ele passou a percorrer os municípios de Pernambuco com suas aulas-espetáculo. A apresentação das diretrizes do projeto aconteceu durante uma entrevista coletiva que “[...] por pouco não se transformou numa aula-espetáculo. Ariano Suassuna prendeu a atenção dos jornalistas durante quase uma hora.” (Leão; L, 2007).

Se em 1995 as apresentações ganham o nome, é em 2007, quando assume o cargo de Secretário Especial de Cultura que Suassuna dá um passo importante no universo das aulas: elas passam a funcionar de maneira itinerante, percorrendo os municípios de Pernambuco, como uma caravana circense. O desejo de infância que Ariano tinha era de um dia poder ser o dono do circo e ser também o palhaço no picadeiro. É nesse momento que nasce seu *Circo da Onça Malhada*.

Figura 42 - Ariano Suassuna no Circo da Onça Malhada (aula-espetáculo Tributo a Capiba).



Fonte: Última (2014).

Para compor a trupe de seu circo-teatro armorial, Suassuna montou um time de assessores-artistas que incluía os parceiros Carlos Newton Júnior, Antonio Madureira, Maria Paula Costa Rêgo, Pedro Salustiano e Jafelis Nascimento, (alguns deles estiveram com o literato durante sua gestão no governo Arraes). Havia também nomes novos como o dançarino Gilson Santana (mestre Meia Noite) e Isaar França (cantora e instrumentista, ex-integrante do grupo feminino Comadre Florzinha, contemporâneo do Movimento Manguebeat). (Veras, 2007). Nessa que foi a Fase Ilumiara (a última do armorial), o literato alcançou sua realização ao unir bailarinos ligados às brincadeiras populares nacionais, bailarinas clássica e contemporânea, para a realização de uma dança híbrida, tudo isso em seu *Circo da Onça Malhada*.

Na nova jornada como secretário, as aulas-espetáculo passaram a ter título. Ao todo foram quatro aulas. A primeira delas, O Reino da Pedra Verde – sagração nº 1, estreou no Teatro Santa Isabel. Estar lá era muito significativo, pois foi no palco do Santa Isabel que, em 1946, Suassuna apresentou aquela que consideramos a fagulha da aula-espetáculo. Nessa nova apresentação, Ariano estava acompanhado dos maestros Clóvis Pereira, Jarbas Maciel, Rafael Garcia e a Camerata Armorial. Durante o evento chegou a acontecer ainda uma sessão de autógrafos improvisada. (Teles, 2007).

Suassuna dizia não se sentir uma celebridade e sim o velho sertanejo que sempre foi. O poeta conta que, enquanto dava autógrafos em uma universidade em São Paulo, foi questionado o quanto esse assédio seria trabalhoso, e respondeu que se a alternativa fosse a indiferença ou a hostilidade ele preferia o carinho trabalhoso. “Estou descobrindo que o povo brasileiro começou a descobrir que eu gosto dele e está começando a corresponder.” (Suassuna, 2007a).

Em 7 de maio de 2007, Ariano ministrou no Palácio do Itamaraty (RJ)<sup>38</sup> a Palestra/Aula-espetáculo Uma visão do Brasil: Encontro com o Barão - Acadêmico Ariano Suassuna. No início da apresentação, o escritor comentou que por conta de sua rouquidão teria tentado, no dia do presente evento, poupar a voz para a aula, mas alguns embaixadores foram ao seu encontro mais cedo e não paravam de elogiá-lo. O escritor se viu em uma situação delicada, queria retribuir e desenvolver a conversa, no entanto precisava poupar a voz. Foi aí que um deles teria dito que pararia de fazer elogios, pois o literato provavelmente estaria cansado de ouvir isso de todos sempre. Então, Suassuna disparou:

Eu não estou cansado de ouvir isso não. Mas era só o que faltava: os equivocados<sup>39</sup> não se incomodam de tacar o pau em cima de mim, agora os meus amigos não vão me elogiar para não ferir meu pudor? Não senhor! Passe meu elogio para cá! (Suassuna apud Palestra/Aula-espetáculo, 2007).

Na entrevista coletiva já mencionada, referente à apresentação do projeto das diretrizes de seu secretariado houve um tumulto entre os que tentavam entrar no teatro para assistir ao lançamento do novo projeto do escritor. Entre os presentes estavam convidados, fãs e opositores. Foi o caso de um espectador que chegou a chamar o escritor de simplista, após ele criticar uma letra de música da banda paraense Calypso (considerada do estilo musical brega-pop). Assuntos um tanto provocativos como esse preenchiam parte das aulas, sempre com um tom humorístico.

Acontecimentos assim também eram mencionados por Ariano nas entrevistas. Eles garantiam o êxito dos textos jornalísticos por mesclar um tom irônico com opiniões polêmicas do dramaturgo. Suassuna concedeu uma entrevista ao jornalista

---

<sup>38</sup> A construção do Palácio do Itamaraty do Rio de Janeiro data de 1855. O lugar foi sede do Governo Republicano e posteriormente do Ministério das Relações Exteriores.

<sup>39</sup> Ariano Suassuna, sempre em tom de brincadeira, declarava que a humanidade era dividida em dois grupos: os que concordavam com ele e os equivocados.

Ubiratan Brasil da Agência Estado (matéria, “Ariano segue com gosto de gás”, publicada no Jornal do Commercio em 21 abr. 2014). O teatrólogo mencionou a genialidade do gravador Gilvan Samico e comentou, comparativamente, que tal adjetivo às vezes é mal-empregado pela imprensa, citando como exemplo o fato de um jornalista ter se referido ao guitarrista Ximbinha, da já citada banda Calypso, como um músico genial. O literato então questionou como então se referir a Beethoven, Bach, Vivaldi e Mozart? (Eis a faceta do Ariano irônico). (Brasil, 2014).

A segunda aula-espetáculo de Suassuna do projeto da Secretaria Especial, *A Cadência, o Castelo e a Cantoria*, aconteceu durante o encerramento da 18ª edição do Festival de Inverno de Garanhuns. Uma nota publicada na Folha de Pernambuco a respeito do evento considerou que o escritor passou o tempo da aula “repetindo seus dogmas armoriais”.

Mas há, na mesma matéria, o reconhecimento de que o público que lotou o espaço “[...] teria dado boas risadas com a postura cômica revestida de polêmica de Ariano, especialmente enquanto contava seus causos.” (Nova, 2008). Na matéria já mencionada de Nelson de Sá (1996), durante a cobertura da aula-espetáculo do Projeto Itinerância Romançal, ele tece críticas a apresentação em questão, mas encerra o texto reconhecendo que Ariano era “sempre novo”. Os dois relatos jornalísticos convergem quanto à aprovação dos espectadores das aulas-espetáculo.

A terceira aula-espetáculo chamava-se Nau (uma das mais completas do Projeto *Circo da Onça Malhada*) foi apresentada na Colônia Penal Feminina do Recife no dia 31 de julho de 2008, e contou com um público de 570 reeducandas (Cavani, 2008). Algumas detentas puderam ler para o escritor poemas escritos por elas e que foram destaque em um concurso de poesia promovido pela casa de detenção. Na ocasião, o então secretário de cultura comentou o quanto as mulheres seriam melhores que os homens, além de ter destacado que muito da graça e da beleza da mulher brasileira viria da negritude presente nelas. Os relatos jornalísticos descrevem que as reeducandas o ovacionaram neste momento.

As falas proferidas por Ariano foram planejadas para homenagear o público do local, formado por mulheres. A aula foi dedicada à esposa Zélia e à mãe, Dona Rita. Mesmo repetindo em apresentações distintas suas histórias e anedotas, o conteúdo montado para cada espetáculo se tornava único, a partir da condução que Ariano dava

às aulas. O discurso era planejado, mas a emoção que suas falas provocavam costumava ser um retorno tomado pelo encantamento que a figura de Suassuna provocava.

A apresentação de dança da bailarina popular Ana Paula Santana contagiou a todas que estavam na plateia, ao dançar ao som do ritmo maxixe. A jornalista do Jornal do Commercio Olívia Mindêlo (2008), que cobria o evento, deu à sua matéria o seguinte título: “Nau é passaporte à liberdade”.

Ao dividir o palco com alguns artistas de sua trupe que tinham suas origens no universo da cultura popular, o poeta acertou na direção escolhida para conduzir essa aula-espetáculo. As reeducandas se encantaram com os bailarinos Ana Paula Ferreira, Jafelis Nascimento, Mestre Meia-Noite Gilson Santana e Pedro Salustiano e com a cantora e compositora Isaar. Segundo o relato de Mindêlo, era perceptível a identificação das detentas com a bailarina negra. Ao final, o então secretário recebeu emocionado e chorando, uma homenagem da detenta Maria Eugênia Rocha Meira.

Na saída do presídio, [Ariano] deu autógrafos e foi assediado como uma celebridade. Teve detenta dando seus bebês para ele beijar e dizendo se sentir livre naquela noite. Mais do que contente, Ariano Suassuna saiu de alma lavada, com a sensação de dever cumprido. (Mindêlo, 2008).

Figura 43 – Ariano Suassuna, reeducandas, bailarinos e músicos durante a aula-espetáculo *Nau*, realizada na Casa de Detenção Feminina do Recife (PE).



Fonte: Gondim (2008).

A emoção que perpassa a matéria anterior também se faz presente na cobertura do mesmo evento feita por Júlio Cavani do Diário de Pernambuco. Ele traduz sua impressão da aula-espetáculo já no título de seu texto: “Um homem vestido de sol”.

Durante uma noite, a Colônia Penal Feminina do Recife [...] se transformou em um reino de esperança. O que se viu [...] foi uma demonstração de como uma trupe de artistas pode provocar sentimentos de transformação em qualquer tipo de comunidade. Vibração, alegria e comoção foram as respostas dadas ao secretário de cultura de Pernambuco, Ariano Suassuna, e o Grupo Arraial, que, com o espetáculo *Nau*, levaram música, dança, literatura e artes plásticas às mulheres da penitenciária. (Cavani, 2008).

O jornalista também chama a atenção para a emoção que tomou o lugar: “No fim, todos choravam ou seguravam as lágrimas, inclusive o escritor”. (Cavani, 2008). A aula realizada no presídio feminino se mostrou, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram presentes, uma das mais importantes apresentações do teatrólogo. Infelizmente não encontramos nenhum registro dela em vídeo.

É na aula-espetáculo Chamada ao Piano, que aconteceu no município de Arcoverde, onde o literato relembrou o sonho de ser palhaço, pois esse é o artista que espalha alegria por onde passa. Destacou ainda que desde pequeno era apaixonado pelo circo e diz que o espetáculo que idealizou como aula-espetáculo era na verdade seu próprio picadeiro, e que com ele viaja por Pernambuco e pelo Brasil, levando a arte e o riso (Aula-espetáculo, 2010b).

Mas o mesmo Ariano que sonhava com o palco por vezes sentia medo de subir na ribalta e não ser compreendido nem aceito pelo público mais jovem, que muitas vezes admirava o que ele combatia com ideário sobre arte:

[...] Ainda me restava um impedimento para levar adiante as Aulas-Espetaculosas: continuava a ter medo do Palco e precisava de uma garantia de sucesso perante o público; especialmente por ser um Velho, diante dos Jovens que por acaso fossem ao Teatro. (Suassuna, 2017, p. 101).

Na aula magna que realizou na UFPB, o dramaturgo comenta do desconforto e do quanto se sentia intimidado diante de um auditório lotado (Suassuna, 1992). A fala é de 1992, de um professor aposentado que, entre um conhecimento e outro,

contava histórias engraçadas e anedotas para cativar os espectadores. O riso era espontâneo, assim como a maneira de fazer humor do dramaturgo.

Suassuna conhecia profundamente as teorias do riso, pois elas eram parte do conteúdo didático que ele ministrava durante os anos de docência. O professor usava o recurso do humor como ferramenta pedagógica, sempre foi um contador de histórias. Mas conhecer as técnicas e o caminho que o humor deve percorrer para alcançar o riso não era suficiente para alcançar o êxito no ofício. Era essencial ter o talento para atuar como palhaço.

Após quatro meses afastado do picadeiro, onde vinha apresentando suas aulas-espetáculo, Ariano retornou com o espetáculo *Tributo a Capiba*, no Teatro Beberibe. A volta foi permeada de muita emoção, pois se deu depois do literato sofrer um infarto em agosto de 2013.

A grande intenção do literato com o tema escolhido para a aula em questão foi de mostrar a arte do compositor Capiba, mais conhecido por seus frevos.

Capiba é muito conhecido como compositor de frevo, mas foi muito além. Foi um dos primeiros a aderir ao Movimento Armorial e também escreveu muita música erudita. [...] Queria tornar esse Capiba conhecido. (Suassuna apud Herold, 2013).

Mesmo diante das dificuldades impostas pela idade avançada e por questões graves que comprometiam sua saúde, Ariano disse em tom de brincadeira que a Onça Caetana ainda teria que suar muito para conseguir levá-lo.

A aula-espetáculo *Tributo a Capiba* é apresentada novamente, em março de 2014 (ela é uma das que compõe nossa amostra). Ariano levou sua aula para o espaço de cultura popular Casa da Rabeca, na Cidade Tabajara, localizada em Olinda. A apresentação trazia um tom de despedida e foi permeada pela emoção. Nos chamou a atenção o quanto o escritor estava visivelmente cansado e debilitado, com a voz fraca. A idade e a saúde frágil se destacavam e nos apresentava um Ariano diferente do sujeito vigoroso e disposto de tempos anteriores. Mas nada havia mudado na essência armorial de Suassuna.

O picadeiro de Suassuna foi sua principal obra. Ele afirmava que, se pudesse escolher, preferia morrer no palco. Ariano montou pela última vez a tenda de seu circo no XXIV Festival de Inverno de Garanhuns, em 18 de julho de 2014. Em sua derradeira

aula, a fila para assistir à apresentação dava a volta no Teatro Luiz Souto Dourado. O escritor se despediu ali de sua missão. Aos 88 anos, no dia 23 de julho de 2014, o homem-espetáculo se encantou e saiu de cena para ‘espetacularizar’ em outras dimensões.

Buscamos nessa etapa perceber como, a partir de sua oficialização em 1995, as aulas foram retratadas pela mídia impressa. A cronologia abaixo destaca os principais acontecimentos dessa história.

Figura 44 - Cronologia das aulas



## A espetaculosa trilha das aulas

**1946** – Fez parte da organização, junto com o Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, de um encontro de cantadores no Teatro Santa Isabel, em 26 de setembro. Consideramos que Ariano apresentou ali sua primeira aula-espetáculo.

**1970** – Suassuna, à frente da Direção do Departamento de Extensão Cultural (DEC) da UFPE, lança o Movimento Armorial apresentando uma aula-espetáculo acompanhado da Orquestra Armorial.

**1972** – A partir da formação do Quinteto armorial, ele passa a acompanhar o grupo em apresentações, divulgando seu ideário.

**1990** – Recebe o título de imortal da Academia Brasileira de Letras e se destaca pelas vestes e pelo discurso na linha das aulas-espetáculo.

**1995** – Assume a Secretaria de Cultura de Pernambuco e lança o Projeto Cultural Pernambuco-Brasil propondo e desenvolvendo apresentações ao lado de músicos e bailarinos com intuito de divulgar elementos da cultura popular brasileira. Neste momento, as aulas passam a ser chamadas de aulas-espetáculo.

**1996** – As apresentações se tornam ainda mais relevantes com a formação do Quarteto Romançal. Ocorre a “Grande Cantoria Louro do Pajeú”, aula-espetáculo comemorativa com repentistas.

**1997** – O Ministério da Cultura lança o vídeo Aula-Espetáculo, editado de uma aula realizada na UnB.

**1998** – Ariano cria roteiros para dois espetáculos de dança, coreografados por Maria Paula Rêgo, que acompanham as apresentações suassunianas.

**1999** – Estreia na Rede Globo Nordeste (Programa NETV) o quadro semanal O Canto de Ariano.

**2006** – Ministra a aula-espetáculo de abertura do ano acadêmico da Academia Brasileira de Letras e encerra o quadro televisivo O Canto de Ariano.

**2007** – Assume a Secretaria Especial de Cultura. A pasta foi criada para que Suassuna viajasse pelo estado apresentando as aulas-espetáculo com sua trupe de músicos e bailarinos em seu Circo da Onça Malhada. As apresentações passam a ter temas específicos.

**2011** – O livro O Decifrador é lançado com fotos a partir da itinerância das aulas-espetáculo.

**2014** – Ministra em Garanhuns sua última aula-espetáculo e falece no dia 23 de julho, de parada cardíaca. espetáculo e falece no dia 23 de julho, de parada cardíaca.

**2017** – É lançada sua obra póstuma Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores que descreve a preparação e realização de uma aula-espetáculo ficcional.

 As aulas-espetáculo seguem nas plataformas digitais, como o youtube, nas redes sociais (facebook e instagram), além de TV, cinema e streaming.

Fonte: A autora (2024).

## 6 DESCRIÇÃO DETALHADA DE AULAS-ESPETÁCULO

[...] assim seria com a Ilumiara, que deveria ser composta como se as sessões do Simpósio fossem variações tecidas e bordadas na Tela de uma grande Tapeçaria e reunidas em torno de vários temas. (Suassuna, p. 568, 2017).

Nesse capítulo descrevemos duas aulas-espetáculo e uma palestra dos dez materiais assistidos que formam o *corpus* da pesquisa. Nem todas as apresentações costumavam ter um título. No caso das que selecionamos, a palestra não traz essa informação e a aula-espetáculo ministrada em 1997, não tem exatamente um título, mas esse material audiovisual, mesmo sendo uma aula, foi dirigida e passou por edição. Essa apresentação traz em sua abertura o título *Homenagem a Ariano Suassuna*. Em ordem cronológica, temos os seguintes espetáculos assistidos por nós na íntegra:

1 - Aula-espetáculo *Homenagem a Ariano Suassuna*. Modelo da aula: 'reduzida'. Universidade de Brasília, 1997.

2 - Palestra/Aula-espetáculo com Ariano Suassuna (sem título). Modelo da aula: 'reduzidíssima'. Teatro do SESC Vila Mariana – SP, 2011a.

3 - Aula-espetáculo *Tributo a Capiba*. Modelo da aula: 'completa'. Espaço Cultural Ilumiara Zumbi, Olinda – PE, 2014.

Entre os critérios para a seleção das aulas-espetáculo a serem descritas no presente capítulo, como já anunciado, estavam o de trazer apresentações de períodos diferentes e uma de cada formato nomeado por Suassuna: temos aqui uma aula-espetáculo do modelo completa (2014), uma reduzida (1997) e uma aula reduzidíssima (2011), sendo essa última o modelo das palestras que encontramos para construir a amostra da pesquisa.

A escolha da aula reduzida apresentada na UnB é de grande importância, pois é uma das primeiras registradas e editadas com a função educativa, para ser

distribuída pelo Ministério da Cultura do Brasil em instituições de ensino. É possível notar que seu conteúdo há um caráter mais didático (que nos remete à fase de docente de Ariano na UFPE).

A aula-espetáculo reduzidíssima escolhida é uma das palestras. Com ela comprovamos que tal formato servia para a apresentação de Suassuna em aulas solo, durante eventos sem vínculo com os cargos de secretário que ele exerceu. Na palestra em questão, há uma predominância de informações sobre o próprio dramaturgo: fala do sentido de suas vestes, declara seu amor à esposa Zélia, e também fala de si, como quem descreve um personagem, “[...] um velho trabalhoso que atende pelo nome de Ariano Suassuna”. (Suassuna apud Palestra/Aula-espetáculo, 2011).

Entre as apresentações chamadas de completa, optamos por uma das últimas que o professor realizou durante a Fase Ilumiara de seu Movimento Armorial (entre 2007 e 2014). Nesse momento, os espetáculos suassunianos já itineravam como um circo que se tornaram e que o dramaturgo chamou de *Circo da Onça Malhada*.

Nesta aula-espetáculo Tributo a Capiba (Aula-espetáculo, 2014) é perceptível o peso da idade para o dramaturgo. Em todas as apresentações assistidas o humor se faz presente, mas em Tributo a Capiba as histórias contadas e as tiradas engraçadas são predominantes, o que nos faz levantar a hipótese de que o riso, com o tempo, foi dominando as aulas.

## **6.1 Aula-espetáculo Homenagem a Ariano Suassuna**

### **Palestra no formato de aula-espetáculo ‘reduzida’**

Ariano Suassuna (70 anos) Músicos Antonio Madureira (violonista) e Aglaia Costa (violinista e rabequeira).

Período de atuação do escritor como Secretário de Cultura de Pernambuco, 7 de maio de 1997. Direção: Vladimir Carvalho. Local: Universidade de Brasília – UnB, Brasília.

Duração: 45min.

Canal Pantero, 248 inscritos, 1.113 visualizações, 54 likes.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VBgMPRGzs5s>. Acesso em: 15 abr. 2022.

Essa aula-espetáculo, ministrada na UnB em 1997, é uma apresentação de forte simbologia, pois realizou-se enquanto Suassuna estava à frente da Secretaria de Cultura do estado, período em que as aulas-espetáculo já se destacavam no cenário cultural. Ela foi dirigida e gravada a pedido do então ministro da Cultura do Brasil, Francisco Weffort. O objetivo era de que cópias dela fossem distribuídas em instituições de ensino do país. Essa mesma aula pode ser acessada em um *QR Code* presente na obra literária *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*. O vídeo, por ter sido filmado e editado para se tornar uma espécie de documentário, apresenta uma abertura antes de iniciar as imagens da aula-espetáculo propriamente dita: Nelas, Ariano aparece caminhando no jardim de sua casa e no interior dela, lendo e contemplando obras de arte ao som da música armorial.

Por ser um material audiovisual produzido para um fim específico e possivelmente precisar por uma edição das imagens captadas, o escritor já inicia a apresentação se desculpando, pois como a aula estava sendo gravada, talvez fosse necessário repetir alguns momentos da apresentação caso alguma cena não ficasse boa o suficiente para compor o material que estava sendo produzido. Isso já é utilizado por ele como gancho para descontrair a fala inicial, ao contar que não era ator e certa vez um amigo cineasta pediu para que ele falasse umas poucas palavras, em seguida o orientou a como fazer. O professor brinca:

[...] olhe, a desgraça foi essa. Se ele tivesse deixado eu inventar era melhor. Aí eu disse [o que ele pediu] e como era de se esperar saiu ruim. Aí ele pediu para fazer de novo. Então eu disse: você pensa que vai sair melhor? Vai sair pior! Cada vez que você pedir vai piorar. (Suassuna apud Aula-espetáculo, 1997).

Como exemplo ele comenta um encontro entre ele e o educador Paulo Freire. Os dois teriam se abraçado e os jornalistas que estavam no local disseram que não tinham registrado a cena, e por isso pediram para que eles repetissem o abraço. O escritor respondeu que não saberia 'representar' um novo abraço em Freire, pois não

sabia repetir uma ação que era espontânea, e demonstrava o carinho e a amizade entre eles. O público presente se divertiu com a história vivida e contada pelo literato.

Aborda, ainda que sem aprofundar, um conteúdo didático ao citar Tobias Barreto (escritor e filósofo, 1839-1889), que liderou o Movimento filosófico da Escola do Recife<sup>40</sup>. Ariano conta que Tobias Barreto fez concurso por três vezes para a Faculdade de Direito, tirava primeiro lugar e nomeavam outro candidato. Na terceira vez, os alunos, que gostavam muito dele, teriam feito pressão e ele foi nomeado para o cargo. Ele ficou ressentido com os colegas da instituição de ensino, e comentava que os professores lá eram tão rotineiros, que um dia um deles foi dar uma aula e contou uma anedota para ilustrar a aula, os alunos riram, menos um, que ao ser questionado por não ter achado graça, afirmou ser repetente, portando já teria rido da mesma anedota no semestre anterior (risos).

Suassuna emenda fazendo graça da própria figura (mais uma vez), ao contar que, de tanto repetir a história, já estava igual ao professor repetitivo. O público segue se divertindo. Brinca ainda que os espectadores que estão em pé ao fundo do auditório (pois não conseguiram lugar para sentar) tinham sorte, pois se a aula começasse a ficar tediosa poderiam sair discretamente. Conta que conferência só vai as dele, pois não tem outro jeito. A mesma piada está na Aula Magna ministrada na Paraíba (Suassuna, 1992). O público demonstra estar se divertindo.

Só aos 5min 89seg. o escritor explica que a aula que tentará apresentar ali tem duas ideias gerais que seriam o núcleo orientador da aula: a comparação entre cultura erudita e cultura popular, e por outro lado uma consideração sobre o tempo. Explica que pensou em refletir ao lado dos estudantes ali presentes a formação da cultura brasileira, a partir da formação da cultura ibérica. Esse tipo de explicação didática sobre o que seria a aula-espetáculo não vimos em nenhuma das aulas que tenhamos assistido para a construção da tese. Dá a impressão de algo que remete ainda aos tempos de professor universitário.

---

<sup>40</sup> Movimento filosófico da Escola do Recife aconteceu na década de 1870, na Faculdade de Direito do Recife (que hoje integra a Universidade Federal de Pernambuco). Trata-se de um movimento sociocultural com o intuito de introduzir a razão científica nos estudos jurídicos e Evolucionismo darwinista na produção do pensamento social.

Suassuna conta que fala muito sobre as culturas negra, ibérica e indígena, e que não faz distinção entre cultura erudita e cultura popular brasileira, mas fala mais da segunda por considerar que ela era mais abandonada. Quando questionado sobre o que fazer para que a cultura popular não morresse, respondeu que ela não estava ameaçada, pois quem a produzia e a protegia era o povo. Mas poderíamos tentar impedir que a matassem. Queriam matar, mas ela teria uma capacidade de resistência que ele nunca tinha visto nada igual. E para ilustrar o que diz, conta uma piada de uma mulher que era casada com um sujeito horroroso (palavra usada por ele). Ela o alerta de que teria um piolho na gola de sua camisa. O marido limpa a gola disfarçadamente e diz que era uma formiga. Ela insiste que era piolho, ele nega e diz que se ela insistir ele lhe daria uma surra. No que ela insiste, ele ameaça matá-la. Ela não retira a fala e ele amarra as mãos dela e começa a afogá-la em um poço, quanto mais ele a colocava na água, mais ela repetia ser piolho. Ao ficar só com as mãos amarradas fora da água ela faz o gesto de quem mata piolho.

Ariano compara a cultura popular à mulher que é personagem na anedota do piolho. A intenção foi de mostrar a capacidade de resistência presente tanto na cultura popular como na personagem da piada. No entanto essa é uma situação que teria sido retirada do repertório suassuniano. (Newton Júnior, 2023c). De fato, ela não foi vista em nenhuma outra aula ou trechos de aulas mais recentes aos quais tivemos acesso. A questão é que a anedota fala de um homem que mata a esposa. Nos dias atuais uma história como essa remete a uma situação na qual a principal ação é a morte de uma mulher causada pelo próprio marido, um caso de feminicídio. Portanto, se fosse contada hoje, a história chamaria menos atenção pela graça e mais pela desgraça. A mesma piada foi interpretada por Renato Aragão (Didi) em um episódio do programa humorístico Os Trapalhães<sup>41</sup>. Mas nesse caso, o comediante citado faz o papel da pessoa teimosa, e a reação do riso continuaria a funcionar, ao contrário de quando a mulher é a personagem que personifica a teimosia e resistência.

A anedota da mulher do piolho também deixa claro o conhecimento que o professor trouxe das salas de aula. As teorias que tratam do riso faziam parte do conteúdo de uma das disciplinas que o poeta ministrava e que deu origem a um de

---

<sup>41</sup> O programa humorístico da Rede Globo, apresentado semanalmente entre os anos de 1974 e 1995. O trecho do episódio dos Trapalhães que citamos tem duração de 1min 47seg e está disponível no YouTube: <https://www.dailymotion.com/video/x2wq7fg>. Acesso em: 31 maio 2024.

seus livros: *Iniciação à Estética*. Na obra Ariano aborda o conceito do risível de situações. Entre as possibilidades existentes no tema, há a situação cômica da repetição. Ela se dá quando se constrói uma série de acontecimentos que se repetem, vão e voltam à cena, sugerindo aquilo que seria uma “teimosia mecanizada”. (Suassuna, 1996b).

Na sequência da apresentação, Suassuna conta que 67% da música ouvida pelos brasileiros era música nacional, apesar de todo o esforço para que fosse diferente. Revela que trouxe com ele dois músicos para tocar o que ele define como música ‘refinada, de primeira categoria, mesmo sem ser vibrante’. Então diz duvidar que o público não vá gostar do que veria. Antes dos músicos eruditos se apresentarem no palco, ele declama poemas medievais portugueses, explicando que eles eram considerados popular: o primeiro deles é o *Romance da Bela Infanta*, que tem um fim trágico. Ao final é aplaudido.

O romancista segue apresentando as características de um poema do romanceiro popular: eles apresentam repetições e rima única (ponto didático da aula). O outro poema é *A Donzela que foi à Guerra*, que é da primeira fase da Idade Média portuguesa e teria inspirado Guimarães Rosa na escrita da obra *Grande Sertão Veredas*. É visível a felicidade e satisfação de Ariano com os aplausos demorados que recebe. Segue então cantando o *Romance da Bela Infanta*, que havia declamado. Conta ainda que o cantava durante sua infância.

Os músicos então tocam os romances que foram musicados pelo violonista ali presente, Antonio Madureira. O fato tem uma forte representação da proposta artística do Movimento Armorial: um romance escrito na Idade Média que serviu como inspiração para a música proposta pelo armorial. E, entre aplausos, ele explica que a novela da Idade Média era a novela de cavalaria (épica) enquanto a novela da renascença era novela picaresca (cômica). Nela, o personagem ao invés de ser uma figura aristocrática, era um personagem popular. Novamente Ariano traz conteúdo didático para a sua aula-espetáculo.

O professor ensina que o personagem principal da novela picaresca era a fome, pelas astúcias que o personagem pratica, sempre pela comida que não tinha. Essa novela migra para o Brasil e aqui é recriada pelo povo brasileiro. O formato da novela

picaresca lhe serviu de inspiração para a escrita do Auto da Compadecida. O pícaro ibérico no Brasil é chamado de ‘quengo’ (sujeito que tem boa cabeça para ser astuto).

Ele conta que uma professora de literatura americana que estudava sua obra veio ao Brasil. Suassuna fez rir quando imitou o sotaque norte-americano da professora e fez uso de expressões faciais para divertir a todos. Ao entrevistá-lo, ela perguntou se, além dos personagens pícaros/quengos, haveria as pícaras/quengas. O literato se apressa em alertar à professora para que não falasse isso no Brasil, pois tinha outro significado. Explica ainda aos brasilienses que o termo ‘quenga’ no Nordeste é usado para se referir às “mulheres generosas”.

Ao apresentar o cartaz de uma exposição realizada no Masp – Museu de Arte de São Paulo, que celebrava a arte no Brasil, Ariano mostra que o cartaz dava a entender que a arte brasileira só teve início quando os portugueses chegaram no país. O então secretário de cultura demonstra indignação com a informação. Em seguida, ele explica que já havia arte no país muito antes da colonização. Apresenta como argumento para a sua fala, fotografias de arte rupestre na Pedra do Ingá (PB). São figuras esculpidas em baixo relevo. Como esta aula-espetáculo de 1997, foi registrada em uma espécie de documentário, enquanto o poeta explica a pintura rupestre, aparecem imagens do local onde está localizada a Pedra do Ingá. Em uma das fotografias que exhibe, há o desenho de um cervo. Ele brinca que alguém pode achar que a imagem seria apenas de um animal mal desenhado (o público ri) e ele explica que aquilo era algo muito bem feito, enaltecendo o que ele considerava uma representação de arte brasileira ancestral.

A fala sobre a beleza da pintura rupestre e sua originalidade no campo da estética conduz o literato a contar uma história que envolve o pintor francês Matisse. Ele seria um sujeito engraçado. Durante uma de suas exposições o pintor viu uma pessoa rindo diante de uma de suas obras, que representava uma mulher. A pessoa explicou que ria pelo fato daquela figura feminina ter a barriga verde. O artista retrucou afirmando que não se tratava de uma mulher real, mas de um quadro. Um pintor que pintasse um cachorro igual ao real não teria feito um quadro, apenas um cachorro a mais no mundo.

Ao abordar a história do teatro brasileiro, Suassuna mostra esta fotografia que seria do teatro indígena.

Figura 45 – Cena de teatro brasileiro indígena.



Fonte: Projeto Cultural Pernambuco – Brasil (1995a).

O intuito de exibir a imagem foi de comprovar o equívoco dos manuais de teatro, pois eles informam que o teatro nasceu na Grécia ou que o teatro brasileiro teria começado com a chegada dos portugueses. Ele afirma que o teatro grego nasceu na Grécia. Ao afirmar isso, faz uma pausa estratégica em sua fala, acompanhada de uma expressão facial de espanto. Ele aguarda o riso da plateia, que logo vem. Conta que o teatro japonês não teria nascido na Grécia, muito menos o teatro chinês (aplausos). Enaltece a beleza do maracatu rural (Projeto Cultural Pernambuco – Brasil. Anexo), contando que ele é uma fusão do teatro indígena, negro e ibérico. Comenta que a arte popular do Japão influenciou cineastas como Akira Kurosawa, (aplaude junto com a plateia).

Após se declarar um devedor da cultura popular, pois a grande maioria do que escreveu teve influência do popular, dada a sua força, o educador ilustra a beleza de manifestações artísticas popular e erudita com uma xilogravura (*A Chegada da Prostituta no Céu*) de J. Borges (poeta e gravador pernambucano), outra de Gilvan Samico, além de imagens de fachadas de casas populares, coloridas e com figuras geométricas. Todas as imagens que acabamos de citar integram o Projeto Cultural Pernambuco – Brasil (Anexo). Isso comprova a coerência do que foi proposto no início

do mandato de secretário de cultura, do conteúdo das aulas-espetáculo, e conseqüentemente do que era proposto desde os anos 1970 pelo Movimento Armorial de Ariano.

Ao contar que certa vez um crítico de arte brasileiro, ao ver fotografias do casario dos municípios nordestinos, declarou que as fachadas das casas com desenhos geométricos e cores vivas, davam a impressão de que os mestres de obra do Nordeste teriam recebido influência dos artistas plásticos Volpi (1896-1988) e Mondrian (1872-1944). Ariano faz uma cara de espanto e passa a simular um diálogo entre um crítico de arte e um mestre de obra que, ofendido pela pergunta do crítico, olha 'atravessado' para ele e dá-lhe uma facada (ou, como se costuma dizer no Nordeste, puxa a peixeira para furar-lhe o bucho). Mais uma vez os espectadores se divertem com a teatralização que o dramaturgo produz para, de um fato vivido, provocar o riso.

O poeta avisa que está finalizando e esclarece que o fato de festejar a cultura brasileira não significava não gostar de outras culturas. Conta que não era um ufanista, pois não era por alguém ser brasileiro que ele admiraria esse alguém. Ele gostava de tudo que era bom. Mas quanto à cultura massificada que era imposta como modelo, contra isso ele teria muita coisa, por ela 'não prestar'.

Quando questionado por um jornalista se seria contra o fim da desigualdade social, para que a cultura popular não acabasse. Ele se mostrou indignado com a pergunta, e respondeu que se fosse essa a condição ele concordava certamente.

Ao ouvir que a arte popular nacional seria algo primitivo, ele protesta e diz que podia provar o contrário. Então declama uma estrofe popular brasileira e diz que até o poeta francês Mallarmé (1842-1898) os assinaria, de tão bonito que é a estrofe.

No tempo em que os ventos suis,  
faziam estragos gerais,  
fiz barrocas nos quintais,  
semeei cravos azuis.  
Nasceram esses tafuis,  
amarelos como cidro.  
Prometi a Santo Izidro,  
com muito jeito e amor,  
leva-los quando lá for,  
em uma taça de vidro. (Suassuna apud Aula-espetáculo, 1997).

Ariano é interrompido pelas palmas do público quando dá uma pausa no recitar da estrofe para brincar dizendo que não existem cravos azuis, mas que agora existiam.

O mesmo jornalista teria perguntado ao literato se não seria bom para os violeiros assistir televisão. Ele, entre risos, afirma que cantadores e violeiros veem TV, e que também costuma assistir, mas isso não os faz perder o senso crítico. Pois os artistas populares transformam tudo que os rodeia em arte.

O teatrólogo pergunta como é possível deixar de lado uma cultura como essa, que era expressão do país e que essa era uma missão de todos. Pede para que os jovens não deixem cair a chama da cultura. Isso não significava nem exclusivismo nem chauvinismo da parte dele. Seu desejo era fortalecer a cultura brasileira. Finaliza agradecendo e proferindo a seguinte frase: “Desculpem o desarrumado das minhas palavras.”

## **6.2 Palestra/Aula-espetáculo com Ariano Suassuna**

### **Palestra no formato de aula-espetáculo ‘reduzidíssima’**

Vídeo da Aula-espetáculo com Ariano Suassuna (84 anos). Local: Teatro do SESC Vila Mariana, com transmissão ao vivo pelo Portal SESC-SP. 30 de abril de 2011a. Duração: 1h26min 45seg.

Canal Instrumental Sesc Brasil, com 239 mil inscritos. 471.937 visualizações, 7,6 mil likes. YouTube.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IjmKDvQ4knA>. Acesso em: 3 maio 2022.

Ariano começa externando seu espanto ao ver o espaço completamente lotado para a sua aula-espetáculo. Ele brinca dizendo que em um sábado à tarde como aquele, estaria era em casa lendo um bom livro e não teria saído de casa para ver um velho de 84 anos em um teatro. Ri de si mesmo e descontraí os espectadores. Essa

era uma ação de abertura utilizada pelo educador para dar início ao espetáculo. Na aula-espetáculo anterior (1997), não há esse momento inicial, mas nas demais assistidas sim. Ele aproveita ainda para aplaudir e agradecer a presença de três pessoas amigas na plateia e no ensejo homenageia e pede aplausos para a esposa Zélia, a que chama carinhosamente de beldade, e que estaria ali representando a região Nordeste.

O poeta brincava ao dizer que carregava consigo duas pessoas: uma era ele e a outra era um velho trabalhoso, que atendia pelo nome de Ariano Suassuna. Essa é uma fala presente em outras apresentações. Ela representa a consciência do escritor, de que a faceta do humor nunca foi algo casual. Ele era o palhaço de seu próprio circo.

Havia por parte do personagem Ariano Suassuna um significado para cada elemento presente nas aulas-espetáculo. E cada um deles que era dito, costumava carregar significados que o autor tinha a intenção de transmitir. Com seus trajes não era diferente. Em uma declaração retirada de uma de suas aulas, o escritor traz uma fala emblemática, que reforça a tese do personagem Ariano, composto por histórias vividas, saberes construídos e muitas convicções.

Quando ele fala de sua roupa, o dramaturgo explica que “De uns tempos para cá, eu resolvi me vestir de Ariano Suassuna (com a camisa vermelha, calça e blazer pretos, sua versão para o traje “esporte fino”<sup>42</sup>). Quem está aqui não sou eu não, é Ariano Suassuna”. A afirmação provoca risos na plateia. Ao explicar o sentido de seu traje, o literato conta que, em 1981, ao ler um artigo de Mahatma Gandhi no qual ele afirmava que um indiano pertencente a uma classe privilegiada que amasse seu país e seu povo, nunca usaria uma roupa feita pelos ingleses<sup>43</sup>, pois isso significaria se tornar cúmplice dos invasores e tirar o trabalho das mulheres da Índia que viviam da

---

<sup>42</sup> As roupas de Ariano eram sempre brancas, cáquis, azul claro ou uma combinação de peças vermelhas e pretas. O então presidente de Portugal, Mário Soares, esteve em Recife para entregar ao dramaturgo uma condecoração, (a Medalha Infante Dom Henrique). Como o convite do evento dizia que os convidados deveriam usar o traje ‘esporte fino’, o professor teve a ideia de adequar o nome da roupa às suas convicções. Então, o que antes era ‘esporte fino’, passou a ser ‘Sport fino’. Com o novo nome era possível homenagear seu time do coração: o Sport Clube do Recife.

<sup>43</sup> A ideologia pregada por Gandhi se devia à indignação por conta do processo de colonização inglesa ocorrido na Índia. O fato aconteceu por conta das riquezas naturais locais, e conseqüentemente por interesses econômicos da Inglaterra no território em questão. A consequência foi a opressão cultural dos ingleses para com os indianos.

costura. Desde então o paraibano não usou mais gravata e passou a encomendar suas roupas (feitas com tecido nacional) à costureira popular Edith Minervina de Lima (ele costumava citá-la nominalmente em suas apresentações sempre que mencionava o tema).

O professor volta a falar de suas personalidades (da dele e da do tal Ariano Suassuna), de como sentia que tinha uma missão com o povo brasileiro e usava a sua didática de professor para cumprir essa missão. Afirma que em outros tempos os brasileiros não enxergavam seu próprio valor, se achavam um povo de quarta categoria, mas na verdade era um dos mais maravilhosos, assim como o Brasil e sua língua. Conta ainda que agradece todos os dias por ter nascido no Brasil, pois se tivesse nascido na Alemanha ele seria mudo, já que considerava o alemão uma língua rosnada e não falada (antes de brincar ele se adianta em se desculpar com algum alemão que esteja presente na plateia). Tanto a exposição do que ele considerava a sua missão, quanto a piada feita com o idioma alemão (com o intuito de enaltecer a língua portuguesa), são falas proferidas em outras apresentações.

Na sequência Suassuna traz o conteúdo didático da aula, que justificaria a introdução permeada pelo humor e que servia de gancho para elementos estéticos que algumas vezes eram exemplificados pela arte erudita. Assim, ao enaltecer a língua portuguesa, fazia uma explanação sobre poesia e sua estrutura. Exemplifica recitando um poema lírico de Camões. Como de costume, ele pede que a plateia lhe dê um sinal caso goste dos versos. Ao final recebe aplausos e aplaude junto sorrindo e vibrando com a sensação de ter alcançado os ouvintes.

Enquanto segue mostrando a métrica do poema e como os poetas populares do Nordeste seriam brilhantes na arte de improvisar, ele explica a diferença entre décimas e sextilhas na arte de criar versos. Para exemplificar o conceito proposto, declama e enaltece poesia e poetas populares. Sua memória aos 84 anos é espantosa: Ariano declama no trecho em questão ao menos cinco versos, sempre citando os autores de cada poema.

O escritor retorna à sua infância para explicar a paixão pelo teatro de mamulengo (se preocupando antes em descobrir como se chamava o teatro de luvas em São Paulo. Ouviu de alguém da plateia que seriam os fantoches). Aconteceu um

episódio semelhante durante a Aula-espetáculo (1997) apresentada UnB, em Brasília. Sua narrativa segue descrevendo um personagem negro de uma peça assistida por ele, chamado Benedito, um sujeito gaiato, que teria sido marcante ao ponto de se tornar personagem de peça *A Pena e a Lei*. No raciocínio traçado, ele usa esse fato para mostrar a relação entre o universo da cultura popular brasileira e as teorias do riso. O dramaturgo justifica seu pensamento usando a teoria do filósofo francês do século XX, Henri Bergson, que trata da mecânica do riso. Ela explica o riso e que ele resultaria de uma mecanização de ato. Mais um conteúdo didático.

Suassuna declara, como em outras apresentações, o amor por Zélia. Era esse sujeito da vida real, que pedia licença ao Ariano mambembe para usar seu palco e nele se declarar para a esposa.

O teatrólogo enxerga a casa como um castelo, com todas as representações do povo brasileiro, um lugar de resistência contra a arte massificada que estaria sendo imposta aos brasileiros. Já a estrada para ele significava o caminho de um circo.

Ele trata com humor seu desprazer em viajar de avião e do quanto gosta de estar em casa com a família, mas que sua missão exige as viagens. Em seguida, conta da emoção de uma idosa ao assistir a aula-espetáculo apresentada em uma praça pública no município pernambucano de Belém do São Francisco (conteúdo presente no compilado “Causos engraçados de Ariano Suassuna”). O poeta critica a proposta feita por parte dos jovens de renovar a dança brasileira com *street dance*, que é inspirada nos dançarinos de rua de Chicago (EUA). Como contraponto apresenta um vídeo dos bailarinos armoriais, e a plateia reage junto com ele com demoradas palmas.

Enquanto enaltece as culturas dos povos originários indígena e negro, após a exibição da dança, Suassuna diz que só sairia do Brasil se fosse expulso. Pois se sair do Brasil, onde ele vai achar pão? Diz que Brasília também é muito triste, igual a Suíça, parecem lugares que levaram um susto e não tem cor em nada. Ele conta a história de um amigo que morava na Suíça e esperou dar meia noite para atravessar um sinal de trânsito fechado, só para parar de cumprir tantas regras, e uma vizinha o teria visto e gritou que chamaria a polícia. O escritor conclui: “Ô país de dedo duro!”. Muitos risos ecoam da plateia.

O romancista emenda dizendo que não sabe se a plateia mente, mas ele mente, mas não para prejudicar ninguém. Por ser muito ocupado, não tem tempo de responder a todas as cartas que recebe, mas mente para quem pergunta se ele recebeu: “Não só recebi como respondi.” A pessoa sabia que é mentira, ele sabia que a pessoa sabia, a pessoa sabia que ele sabia que ela sabia, mas a intenção era dizer que gostava da pessoa, mesmo sem ter respondido a carta.

A defesa feita por Ariano daquele mentiroso que mente não prejudica ninguém com suas mentiras se tornou argumento para o filme *O Auto da Boa Mentira* (2021). A obra cinematográfica foi adaptada para a TV, sendo desmembrada em quatro histórias que compõem a série *Histórias Quase Verdadeiras* (2023). Tudo se desenvolve a partir de uma história do humorista contada nas aulas, e que surtia um grande efeito no público: o riso. Ariano conta que sempre simpatizou e se identificou com mentiroso, mas só com aquele que mente sem prejudicar ninguém, apenas por amor à arte de mentir.

Há duas raças de gente com as quais simpatizo: mentiroso e doido, porque eles são primos legítimos dos escritores. O que é um mentiroso? É um camarada que não se conforma com o universo comum e inventa outro. Ora, isso é um escritor. Eu também sou assim. Na minha vida não acontece nada, se eu não mentir, o que é que eu vou contar? (Suassuna apud Victor; Lins. 2007, p. 122).

Quando foi chamado de secretário figurativo por um vereador recifense, o então gestor público afirma ter ficado indignado, pois vivia viajando pelo estado de Pernambuco, desenvolvendo seu trabalho com músicos e bailarinos pela Secretaria Especial que capitaneava. Mas ele brinca que esperou o momento para se vingar. Em um evento na cidade, o vereador veio cumprimentá-lo (segundo ele, como um Judas) e disse: “querido Ariano, como vai?”, ele respondeu: “figurando”.

Encerra com um galanteio ao público, dizendo que foi tratado pela plateia com muito carinho. É aplaudido demoradamente de pé por todos e retribui com um gesto recorrente em suas apresentações: soltando beijos, retribuindo os aplausos e abraçando a si mesmo como quem abraça ao público ali presente.

### 6.3 Aula-espetáculo Tributo a Capiba

## **Aula-espetáculo no formato ‘completa’**

Ariano Suassuna (87 anos) Grupo Arraial dança e música.

Período final da participação do escritor nos trabalhos na Secretaria Especial de Cultura de Pernambuco (dentro da Secretaria da Casa Civil), governo de Eduardo Campos. 28 de março de 2014. Direção: Cláudio Brito. Local: Casa da Rabeca, Espaço Cultural Ilumiara Zumbi, Cidade Tabajara, Olinda – PE. Duração: 2h03min 13seg.

Canal TVIFPB, com 11,4 mil inscritos. 1.210.151 visualizações. 3.484 visualizações até 12 ago. de 2019.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s4wvJEysMbk>. Acesso em: 2 mar. 2024.

No vídeo, é possível acompanhar a montagem do *Circo da Onça Malhada*, a preparação do palco e dos artistas, até o momento da chegada dos espectadores. Os figurinos e cenários foram criados pelo artista plástico Dantas Suassuna. A arte de seu filho também representava o Movimento Armorial durante as fases Arraial e Ilumiara, e já foi tema de um episódio d’O *Canto de Ariano*. No programa ele enaltece a produção artística de Dantas, considerando-o um dos principais elementos do *Circo de Suassuna*.

A aula teve um tom de despedida, pois nela o dramaturgo fez uma prestação de contas dos anos de Secretaria Especial de Cultura (governo de Eduardo Campos). A sensação para quem assiste é mesmo de uma despedida.

A abertura da aula é uma apresentação do *Cavalo Marinho Boi Matuto*, formado pela família do rabequeiro Mestre Salustiano. Eles apresentam a Dança dos Arcos, que é parte de uma brincadeira popular conhecida como Cavalo Marinho<sup>44</sup>. A ação do comunicador é de trazer para as pessoas da Cidade Tabajara (Olinda) algo com o

---

<sup>44</sup> O Cavalo Marinho é uma brincadeira popular que geralmente acontece no Dia de Reis (6 de janeiro) e é composta por teatro, música e dança, e tem origem na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco e Sul da Paraíba. É uma variante do Bumba-meu-boi, e costuma ser integrada apenas por homens (que interpretam até as personagens femininas). (da Fonte Filho, 1999). A brincadeira pode atravessar a noite e durar até 12 horas. A parte musical é chamada de ‘Banco’, que se refere ao lugar onde eles sentam para tocar a rabeca e os instrumentos de percussão (pandeiro, ganzá e reco-reco). Ao todo são 76 personagens divididos em 3 categorias: humanos, animais e fantásticos.

qual se identifiquem e se reconheçam. Dessa forma, o escritor enaltece a cultura popular, sem precisar usar as palavras para isso.

Na época com 87 anos, o cansaço por conta da idade mostra um Ariano com dificuldades para ‘espetacularizar’ como fazia antes. Seu caminhar é mais lento, sempre acompanhado de perto pelo assessor Felipe Santiago. Já no início da aula, ele brinca que quando se depara com um degrau de escada “chega dá um desgosto”. No palco passou a ser necessário o uso de dois microfones para que Suassuna se fizesse ouvir.

O escritor começa o espetáculo falando dele mesmo e zombando de si. Ele assim já provoca o riso ao afirmar que não sabia como o público ali presente ainda o aguentava, e conta que estaria a ponto de romper consigo mesmo: “eu só venho porque sou eu mesmo”. Ele usa o humor até para transformar um problema grave de saúde pelo qual teria passado pouco tempo antes da referida aula em mais uma história perpassada pela graça.

O artista conta que, na época da apresentação, teria participado de um congresso de cardiologia que abordava o tema “pressão arterial”. Ao compor uma mesa redonda ladeado apenas por cardiologistas, ele abriu sua fala no evento afirmando que não sabia porque estaria ali, pois nem como paciente ele servia, já que desde de adolescente sua pressão arterial era a mesma. “Pois bem” (era sempre com essas palavras que ele trazia o desfecho para o fato contado), uma semana após o evento o teatrólogo sofreu um infarto. Segundo Suassuna, os médicos o rogaram uma praga e por isso ele infartou. Depois se desculpou com os eventuais profissionais da saúde que pudessem estar presentes. Um ato de gentileza que ele fazia com frequência nas apresentações.

Seu problema de saúde foi algo grave e recente na época, mas rapidamente se tornou história engraçada para compor o repertório das apresentações. Na sequência, ele afirma que morrer não estava em seus planos. Alguém da plateia grita que ele é imortal, e prontamente Ariano sai com a seguinte frase: “infelizmente o título de imortal dado pela Academia Brasileira de Letras não resolve essa questão, eu preferia mesmo era ser ‘imorrível’”. Aqui fica nítida a sua capacidade de improvisação,

ao fazer piada com um tema espinhoso como a morte, imediatamente após uma intervenção inesperada de um espectador ali presente.

No episódio *O Farsante*, da série *Histórias Quase Verdadeiras*, há um encontro indesejado com a moça Caetana, a figura que seria a personificação da morte. Ela, que seria bela e sedutora na visão do poeta, é também assim retratada na ficção que se baseia em falas de aulas-espetáculo. Caetana por pouco não leva consigo um mentiroso inocente, pelo mal-entendido causado por uma mentira contada pelo personagem.

A fala do então secretário caminha para a emoção ao contar que aquela aula fechava um ciclo, iniciado por ele em 1995. O escritor tinha como uma das missões no cargo criar centros culturais, mas o dramaturgo afirma que em muitas gestões o dinheiro era gasto e a obra era algo 'imposto' à população do local, que provavelmente não teria verba muito menos condições para manter o lugar.

Sua ideia então foi de pesquisar lugares que precisassem desses centros de arte. Quando conheceu o lugar da Cidade Tabajara, em Olinda, e soube que lá havia dois grupos de brincantes populares, começou a criar espaços autossustentáveis e que servissem ao povo. E foi com esse pensamento que ele criou o espaço Ilumiara Zumbi. Um anfiteatro em pedras esculpidas por Arnaldo Barbosa, e palco para as apresentações de grupos populares. O local se tornou espaço para o encontro de Maracatu Rural durante a segunda-feira de carnaval.

Entre as missões abraçadas por Ariano, enquanto gestor público, estava a de dar oportunidades aos que mais precisavam de apoio para desenvolver suas artes. Assim, ele concedeu incentivos a diversos grupos ligados às manifestações culturais populares. Paralelamente, as aulas-espetáculo representavam o palco no qual o Ariano-espetáculo se realizava. Elas também se tornaram espaços para a defesa dos brincantes e de suas tradições. No *Romance de Dom Pantero*, o protagonista traz uma fala que é do autor da obra. Ela foi dita inúmeras vezes em suas apresentações e entrevistas:

Quanto a mim, minha alma só arde quando, no Palco, por meio do 'Riso a Cavallo' e do 'Galope do Sonho', consigo vencer a tristeza, as humilhações, o desordenado e as injustiças do Mundo, armando-me como Cavaleiro capaz de criar a Beleza e, ao mesmo tempo, de lutar,

com as armas de que disponho, em favor dos desvalidos e infortunados desta Vida. (Suassuna, 2017, p. 753).

O professor volta a falar do estresse que foi ser o Secretário de Cultura de Pernambuco, pois acabou se indispondo com muita gente que dizia o que ele deveria fazer durante a sua gestão. Usa o exemplo (já mencionado) de pessoas que iam até o portão de sua casa para ‘perturbar’ com essas opiniões, e lembra que ele não perturbava na porta de ninguém. A plateia ria com satisfação e ele ainda mais, demonstrando a alegria em contar uma história e provocar o riso que sempre antecedia os aplausos.

Ele fala da crítica que sofreu de que seria ele um escritor falastrão, como eram seus personagens, ao contrário de Graciliano Ramos, que seria um escritor nordestino de verdade. O imortal conta então que Graciliano era um sujeito amargo, ao contrário dele, que se considerava extrovertido, falastrão (como diz a crítica) e alegre. Para confirmar o que dizia, lembrou da história de que certa vez, em uma Reunião da Academia Brasileira de Letras, ao receber um bom dia do escritor Álvaro Moreira, Graciliano perguntou: “bom dia para quem?”. Moreira então, tentando ser agradável com o colega, concordou e complementou em tom de brincadeira que realmente, a situação estava tão ruim que logo logo eles todos estariam pedindo esmola. Graciliano então respondeu: “pedindo esmola a quem?” Suassuna, para relatar a história, incorpora um sujeito carrancudo ao interpretar as falas de Graciliano Ramos, e faz pausas e caras engraçadas ao olhar para os espectadores. Muitas risadas brotam do público ali presente.

Suassuna diz que sempre promete a si mesmo que vai falar pouco, mas que gosta tanto de conversar que já conversou mais do devia. Nesse momento, ele convida os músicos que participaram da aula, os elogia e puxa os aplausos para eles. Em tom de brincadeira, conta que teria inventado esse ‘negócio’ de aula-espetáculo para quando ele começasse a perceber que sua aula estava já ficando chata, dizer: ‘e agora vamos ouvir a música...’. Novamente o humor produz o riso.

Ao apresentar os componentes de sua trupe circense contanto um pouco da história e da formação de cada um deles, o professor prepara os espectadores para o

espetáculo em homenagem a Capiba. Ele novamente faz uso do humor para contar que a música e a dança que a plateia iria conhecer era de uma riqueza imensa, dando orgulho a todo povo brasileiro. Ele faz uma comparação com um estilo de música muito valorizada e sem qualidade, e exemplifica citando a banda *Rolling Stones*. Com esse mote, ele arranca gargalhadas ao dizer que eles são ídolos de jovens, mas os integrantes da banda, de jovens não tinham nada. O grupo era composto por uns velhos horrorosos feito ele. Nesse momento, ele faz uso de um gestual imitando os rockeiros ingleses. Ao imitar as expressões faciais do vocalista Mick Jagger, as caras e bocas de Suassuna fazem rir os que o prestigiam ali.

A crítica à banda inglesa é o gancho para o professor enaltecer as vozes dos cantores que o acompanham durante o espetáculo. Ariano brinca ao afirmar que se tivesse uma voz maravilhosa como a deles, não cumprimentaria mais ninguém de tão metido que seria. Mas diz que Deus deu a ele uma voz rouca e feia já sabendo como ele se comportaria. Feitas as apresentações dos músicos e bailarinos, chega a hora do espetáculo que ilustra a arte Armorial suassuniana.

Enaltece o Brasil e seu povo, valoriza a língua portuguesa, destacando a riqueza presente nela e considerando o idioma inglês pobre na sua essência. Para comprovar o que diz, lança mão de um exemplo já visto, ao mostrar o copo de vidro que está na sua mesa dizendo que em inglês o objeto se chama “*glass* de *glass*”. O riso domina a cena. Ele conta da felicidade que foi montar seu próprio circo, um sonho de infância.

Com essa introdução permeada pela graça, Ariano traz um conhecimento formal aos que o assistem. Explica que o compositor pernambucano Capiba, muito conhecido por seus frevos, tinha um leque musical bem maior, incluindo aí músicas eruditas. Ariano também foi parceiro de Capiba escrevendo algumas letras para músicas do amigo. Justificou ainda que, em homenagem a ele, que era torcedor do time Santa Cruz, tanto o cenário quanto o figurino de seus parceiros no palco, eram nas cores do time tricolor pernambucano. Mas o educador não deixa de dizer que discordava do amigo, pois Suassuna era torcedor do Sport Clube do Recife.

As músicas apresentadas, executadas pelos músicos e acompanhadas pelo Grupo Grial de Dança, são aplaudidas demoradamente. Ariano em todas as suas

aulas costumava se comunicar com o público, buscando a aprovação de tudo que apresentava a ele. Ao criticar uma banda como a paraense Calypso, o paraibano puxava então um fio que conduzia seu discurso para mostrar o que ele considerava uma arte genuína e rica criada pelo povo brasileiro. A lógica era sempre essa, e a dinâmica surtia efeito ao conquistar a atenção dos que ouviam seus pensamentos e opiniões durante as apresentações.

O professor declama poemas de poetas eruditos e versos populares para enaltecer esses artistas. Um dos poemas o faz lembrar de todas estripulias que fez na vida, sempre para chamar a atenção de sua esposa Zélia. Um fato já dito em outras ocasiões, era a vergonha que ele sentia quando ia contar algumas histórias nos palcos, pois como Zélia o acompanhava em todas as aulas, ele costumava desviar o olhar dela, por ficar encabulado ao apresentar os mesmos casos sempre. Mas a esposa dizia a ele que cada vez que abordava um tema era sempre de maneira diferente.

Falando do encantamento que sente ao ver os bailarinos do Grial se apresentando, Ariano diz que ele sente até vontade de levantar e dançar. Só não o faz para não atrapalhar os dançarinos e não sair soltando pedaços de seus ossos pelo palco. A velhice era abordada em várias aulas-espetáculo e em desdobramentos delas, como no caso do programa de TV *O Canto de Ariano*. O assunto se fez presente em um dos episódios quando ele falou a respeito da gafe que cometeu em seu discurso de posse na ABL, sobre lá só ter gente feia, mas esqueceu das integrantes mulheres.

Suassuna conta que o dançarino e mestre de capoeira Meia Noite o encantava com sua dança, e que certa vez, um professor francês assistiu a uma de suas aulas e disse que tinha gostado muito do que ouviu de Ariano. No entanto discordava das críticas feitas a Michael Jackson, pois ele era um grande bailarino. Suassuna, indignado com a afirmação, disse ao francês que ele teria que escolher: ou gostava das suas aulas-espetáculo ou de Michael Jackson, pois gostar das duas coisas não seria possível. (risos).

Fato é que o educador chamava atenção pela maneira gentil de se apresentar nos espetáculos. Mas isso não o impedia de criticar personalidades ou artistas para justificar os conceitos que defendia e o modelo de arte no qual acreditava.

O humor estava intercalado na estrutura das aulas-espetáculo e era o que mais chamava atenção no seu auto-personagem e seus pensamentos.

Ao fim do espetáculo, enquanto é aplaudido de pé, seus bailarinos e músicos o abraçam como quem agradece o momento da despedida de uma jornada que se encerra.

A princípio, como um espaço de aula-espetáculo, Suassuna começa trazendo a experiência que ele tinha enquanto docente. Com isso, muito conteúdo – como as teorias e conceitos formais – povoam suas apresentações, e ele faz uso do humor para prender a atenção enquanto ensina, trazendo piadas, casos e histórias que formavam seu repertório. O riso era provocado entre a explanação de um tema e outro.

Isso é visto na aula de 1997, uma das primeiras aulas-espetáculo que foi gravada na íntegra. Ali o então secretário de cultura apresenta várias teorias e exemplos delas, explica temas como métrica de rimas e versos, diferenças históricas, filósofos... e, entre um ensinamento e outro, ele produz o humor. Nessa aula é possível ver um Ariano que, apesar de engraçado, traz muito conhecimento formal/teórico.

E na aula de 2014 (realizada quatro meses antes dele falecer), quem se apresentou na ribalta foi um Ariano que se permitiu ser mais o palhaço do que qualquer outra coisa, no picadeiro do *Circo da Onça Malhada*. Ele aí traz com mais força, algo que começou no Armorial, que é a proposta de defender e ilustrar a cultura popular apresentando-a ao povo brasileiro.

Essa ideia se mostra simbolicamente quando ele encerra o ciclo de mestre das aulas-espetáculo em um espaço de cultura popular: a Casa da Rabeca. Lugar que ele fomentou desde sua primeira gestão como secretário de cultura. Ali ele se permite ainda mais atuar como um humorista, como quem se despede do ofício, acentuando o que lhe fazia feliz: o ato de fazer rir e rir ao mesmo tempo. Tudo isso sem perder o foco daquilo que considerava ser sua missão diante das manifestações culturais e as

riquezas que ele enxergava em seus elementos, mostrando-as como fontes de inspiração para qualquer tipo de arte, inclusive a erudita.

## 7 ESTRUTURA E CONTEÚDO DAS AULAS-ESPETÁCULO

Quando eu vejo que eu estou me levando excessivamente a sério, o palhaço que tem dentro mim dá uma cambalhota e eu faço uma careta para o rei. E por aí, pelo humor, eu procuro me livrar daquela carga excessivamente pesada do profeta e do rei. (Suassuna, 2015, p. 92).

Após descrevermos um modelo de cada aula-espetáculo/palestra, construímos uma análise dos materiais citados em busca do que seria a essência do espetáculo, retirando deles aquilo que integra a sua estrutura orgânica de funcionamento. Isso só foi possível assistindo na íntegra a todas as apresentações que conseguimos coletar e que tivessem alguns dados de identificação. Ao menos o modelo da aula, local e ano de realização. A informação de quando teria acontecido a apresentação se mostrou essencial pois tornou possível perceber se ao longo dos anos elas teriam sofrido algum tipo de mudança.

As aulas-espetáculo seguiam um roteiro semiestruturado que servia de base para a sua condução. Havia um planejamento do que seria explanado em cada evento, mas a ordem do que seria apresentado costumava variar. A ideia de construir algo que guiasse as apresentações provavelmente tem origem no hábito de organizar as aulas enquanto docente, e assim controlar o tempo para expor o conteúdo programático. O conhecimento acadêmico das teorias da estética e do riso permitiam que Suassuna utilizasse sua veia cômica e capacidade de improvisar nos palcos para costurar suas histórias com seu conhecimento formal e anedotas, que perpassavam as aulas-espetáculo em sua totalidade.

No universo literário do escritor o risível está presente. Um exemplo disso é a interferência, uma das situações cômicas que pode ser vista nas comédias suassunianas. Na peça *Auto da Compadecida*, há uma cena em que os personagens Major Antonio Moraes e o padre desenvolvem um diálogo que leva a um quiproquó: os personagens se referem a dois acontecimentos distintos que se cruzam na história contada. No entanto, uma falha na comunicação faz com que o diálogo dê a cada um dos envolvidos a ideia de que o assunto de um é o mesmo do outro. No caso, enquanto

o major se refere a doença de sua esposa o padre considera que a cadela do major era quem estaria doente.

Os periódicos apresentados por Ariano serviam de suporte para as suas críticas, que eram comumente permeadas pelo humor. O teatrólogo lia matérias jornalísticas, além de letras de músicas e bandas que não gostava. Essa leitura contava com pausas estratégicas, que vinham acompanhadas de expressões faciais para fazer rir. Ao fazer o recorte e a crítica no palco, sem o contra argumento, implicitamente ele estaria enaltecendo e reforçando seu ponto de vista. O palco era dele, e ali só era possível ouvir o seu pensamento.

Nossa análise revela que as aulas-espetáculo geralmente costumavam começar e terminar da mesma forma: Ariano abria suas aulas se autodepreciando e as encerrava celebrando com a arte armorial (música e/ou dança), que vinha acompanhado por um discurso fervoroso em defesa da cultura brasileira. A exemplo disso, na aula-espetáculo Homenagem a Ariano Suassuna (1997), o professor, ao avisar que estaria finalizando a apresentação, perguntou como era possível deixar de lado uma cultura como a brasileira, que seria a expressão do país. Ele concluiu sua fala declarando que essa era uma missão de todos. Pediu ainda para que os jovens não deixassem cair a chama da cultura. E assim emocionou a plateia e foi aplaudido de pé. (Aula-Espectáculo, 1997).

Conseguimos enxergar e elencar temas recorrentes. Mas apesar disso, as aulas não se repetiam, nenhuma era igual à outra. Para cada assunto havia várias histórias possíveis para ilustrá-las. Apesar de um roteiro pré-estabelecido, as histórias contadas por Ariano nos palcos iam surgindo e sendo amarradas umas às outras, construindo uma nova trilha para cada espetáculo. Assim, mesmo com a repetição de alguns conteúdos, cada aula-espetáculo se mostrava única. Pois, como dizia Zélia Suassuna, cada vez que ele contava uma história, fazia isso de uma maneira diferente.

Assistindo às diversas aulas, entrevistas e ao compilado, percebemos que as falas das aulas eram bem pensadas e planejadas previamente, mas a maneira despojada como o professor contava suas histórias e anedotas não deixava transparecer, durante um primeiro olhar, a preparação dos espetáculos. Os conteúdos

eram reorganizados para cada apresentação, a depender do objetivo de Suassuna e do público que assistiria à apresentação.

Ariano Suassuna é enfático. As palavras saem de sua boca como um texto já copidescado e revisado. Mas não se trata de uma fala formal, ao contrário. As entonações e a espontaneidade de suas frases exaltam a paixão de quem vê nas manifestações populares a afirmação do que o Brasil tem de melhor. (Portari, Rodrigues, 2011).

Já a ordem dos conteúdos era mais fluante. Foi possível identificar algumas recorrências temáticas e discursivas presentes nos espetáculos suassunianos. No *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, o protagonista explica que era comum que em suas 'aulas-espetaculosas' "[...] determinados versos, textos, citações e mesmo algumas 'frases literárias' aparecessem, desaparecessem e depois reaparecessem, para acentuar a importância do significado que carregavam." (Suassuna, 2017, p. 568).

No material audiovisual que integrou a amostra de aulas-espetáculo com a qual trabalhamos na construção da tese, eram realizadas sempre as seguintes ações: se autodepreciar de maneira cômica, criticar a cultura massiva, enaltecer a cultura popular, explanar a respeito da arte erudita, valorizar a língua portuguesa, se autodefender de críticas veiculadas na mídia, e apresentar a arte armorial.

Para dar uma ideia da dinâmica das aulas-espetáculo, elaboramos o que estamos chamando de 'linha armorial das aulas-espetáculo'. Foi possível mapear os assuntos e, através da imagem que criamos, demonstrar o que consideramos ser a estrutura orgânica das aulas, destacando como o humor se faz presente durante todo o espetáculo.

Figura 46 – A linha armorial das aulas-espetáculo

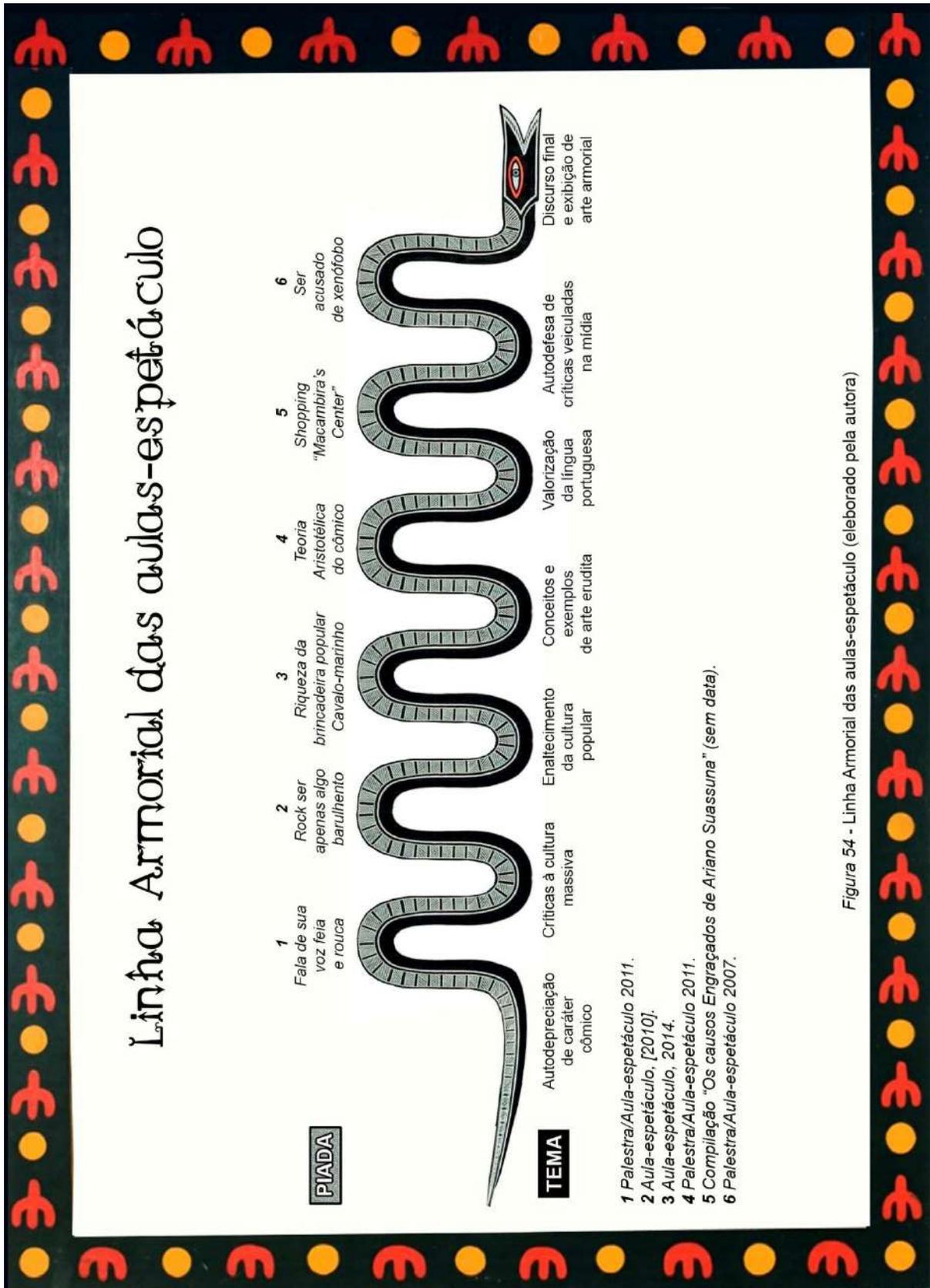


Figura 54 - Linha Armorial das aulas-espetáculo (elaborado pela autora)

Fonte: A autora (2024).

Estruturando os tópicos comumente presentes nas aulas-espetáculo, propusemos, para que eles fossem melhor compreendidos, exemplificações relacionadas a cada um deles. As exemplificações foram retiradas das apresentações (e do compilado) aos quais tivemos acesso:

**1) Abrir o espetáculo se colocando como alguém não merecedor de tanta atenção e carinho dos presentes. Em seguida, fazer pouco de si de maneira bem-humorada. Esses momentos podem ser exemplificados com os seguintes conteúdos:**

- Comentar que sua voz era rouca e feia, emendando com a semelhança com a voz do amigo e na época governador de Pernambuco, Miguel Arraes. Eles pigarreavam igual e as pessoas deviam estar achando que ele queria imitar o chefe. (Palestra/Aula-espetáculo 2007).
- Dizer que não entendia as pessoas se deslocarem de suas casas para ouvir um velho como ele, argumentando que ele próprio preferiria estar lendo um bom livro. (Palestra/Aula-espetáculo 2011).
- Brincar dizendo que quem começasse a achar sua aula enfadonha podia sair de fininho que ele entenderia e ia fingir que nem estava vendo. (Suassuna apud Sá, 1996).
- Comentar que não sabia como o público ali presente ainda o aguentava, e conta que estaria a ponto de romper consigo mesmo: “eu só venho porque sou eu mesmo”. (Aula-espetáculo, 2014).
- Afirmar que sua imagem, que seria uma caricatura por si só, a exemplo da seguinte citação:

É difícil caricaturar uma mulher bonita, por exemplo. Já um cabra comprido, careca, narigudo e com sobrelhas de taturana, é outra coisa. Eu sou uma caricatura. [...] já passei por uma humilhação por parte da minha própria filha que, quando pequena, atrevida que era, ao ver uma caricatura minha publicada, disse que não era caricatura, mas o meu próprio retrato. (Suassuna apud Brasil, 2014).

Assistindo aos espetáculos gravados, a ideia de fazer pouco da própria figura era um humor servia como estratégia para se apresentar aos espectadores ali

presentes, descontraindo o ambiente e fazendo dessa primeira comunicação com a plateia um termômetro para o riso.

Entre os que teorizaram na busca por compreender e esclarecer o que seria o risível, Henri Bergson é um dos principais autores trabalhados por Suassuna na obra *Iniciação à Estética* (Suassuna, 1996b). A piada que Ariano faz sobre o fato de suas feições parecerem uma caricatura remete ao que Bergson trata como o risível de formas. Um dos exemplos seria a ideia de que traços e fisionomia mais risíveis são as que transmitem a ideia de uma careta endurecida de maneira definitiva em um único trejeito, que seria o caso de um rosto que remete a uma caricatura, que costuma apresentar características acentuadas de alguém para provocar o riso de quem a vê.

## **2) Criticar artistas nacionais e internacionais representantes da cultura massiva.**

Nomes internacionais como Michael Jackson, Madonna, Lady Gaga, Beatles, Elton John e Rolling Stones, eram sempre ganchos para o literato apresentar suas opiniões a respeito do que eles produziam. Os artistas criticados tinham propostas divergentes da de Ariano. Ele imitava tanto o roqueiro Mick Jagger dançando no palco, quanto as pessoas que, ao irem embora da Disney, choravam pelo personagem Mickey (a que Suassuna chamava de Mickey Mouse, que seria o 'nome completo' do personagem, pois não tinha intimidade com o boneco em questão). Há ainda a encenação do comediante declamando versos de uma música da Banda paraense Calypso. As opiniões polêmicas eram trazidas sempre como uma preparação de terreno, antecedendo exemplos de artistas eruditos e populares. Na sequência, Ariano enaltecia a grandeza e originalidade deles e das expressões de arte que criavam.

Esse era um dos momentos em que o escritor se desculpava de antemão pela fala ou brincadeira que iria fazer com determinado tema ou pessoa famosa. O humor na crítica provocava o riso, e faz da crítica uma piada. Essa maneira gentil bem característica do escritor, garantia uma plateia desarmada. Exemplo disso está na aula descrita, intitulada *Tributo a Capiba*. Ele afirma que ouviu de uma pessoa que teria assistido a uma das aulas-espetáculo e gostou bastante da apresentação, mas que discordava das críticas que o dramaturgo teria feito a Michael Jackson, pois

considerava o pop star um grande bailarino. Ariano afirma que respondeu: “Olhe, ou você gosta das minhas aulas ou de Michael Jackson. As duas coisas, não dá.” (Suassuna apud Aula-espetáculo, 2014).

O foco desse momento de fazer humor mencionando artistas ligados à cultura de massa também funcionava com suas falas sobre o quanto era ruim o som de uma guitarra, que para ele representava um símbolo das tentativas dos Estados Unidos para tentar dominar outros países. A crítica ao instrumento aparecia em entrevistas e aulas-espetáculo nas quais ele comentasse sobre a demora para permitir que obras literárias suas fossem adaptadas para a TV, pois uma de suas exigências era de que a trilha sonora utilizasse instrumentos populares como a rabeca e a viola. (Moura, 1995a). As ressalvas ao Movimento Mangue Beat também se baseavam nas influências de ritmos e instrumentos (como a guitarra) norte-americanos.

### **3) Enaltecer a riqueza da arte popular, festejando manifestações artísticas diversas, mestres e brincantes que realizam os espetáculos populares.**

- Para enaltecer a arte popular brasileira mencionava festas como o maracatu rural, guerreiro, cavalo marinho, além de mestres e brincantes de folguedos e danças. É o caso de Mestre Salustiano, Nascimento do Passo e Mestre Meia Noite. Quando a apresentação era do modelo de aula ‘completa’, convidava ao palco músicos e bailarinos. Quando a aula era do modelo ‘reduzidíssima’, fazia uso de materiais ilustrativos (fotografias, cartazes ou vídeos com apresentações de sua trupe de artistas). Costumava mostrar fotos de arte rupestre, ou do casario colorido das cidades interioranas, mostrando a semelhança entre elas e as pinturas dos artistas plásticos Alfredo Volpi e Piet Mondrian.

Ariano se dizia um defensor das representações artísticas do povo, daqueles que formavam o Brasil real machadiano que ele costumava citar nas aulas. E afirmava que esse posicionamento não significava desconsiderar as demais manifestações culturais, mas, por serem os artistas populares os menos contemplados por órgãos como as secretarias de cultura de um modo geral, ele priorizava o apoio e a divulgação da arte produzida pelos brincantes locais. Essa fala era uma justificativa recorrente durante seu mandato como Secretário de Cultura de Pernambuco.

**4) Apresentar conceitos e exemplos da arte erudita sempre valorizando-a e exemplificando suas falas e opiniões com o pensamento de filósofos, autores de obras clássicas da literatura, escultores, pintores, compositores e cineastas.**

- Nesse momento era recorrente citar nomes como Fernando Pessoa, Mathias Aires, Camus, Platão, Miguel de Cervantes, Gaudí, Villa Lobos, Rudolf Nureyev, Beethoven, Tchaikovsky, Dostoievsky, Bergson, Platão, Akira Kurosawa, Volpi, Mondrian, entre outros. Sua memória impressionava, pois ele declamava longos versos ao mencionar um determinado poeta.

Nesse ponto da aula-espetáculo costumava ser feita aqui uma relação com o tópico anterior: ao festejar a riqueza e originalidade dos elementos culturais com origem no universo das tradições populares brasileiras, Suassuna já apresentava nomes de pensadores e criadores de expressões de arte que representassem o erudito. A intenção era mostrar quão inspiradora poderia ser a cultura local guardada nas brincadeiras populares e nas tradições que passavam de uma geração para outra através dos mestres de ritmos e folguedos presentes na cultura de cada país. Sempre destacando que, para ele, tanto a arte popular quanto a erudita tinham o mesmo valor.

O reforço a essa afirmação estava em falas cheias de entusiasmo. Um exemplo disso está na aula-espetáculo realizada na UnB, quando o ele comenta que certamente Volpi se encantaria e assumiria a autoria das formas geométricas presentes em fachadas de casas populares de municípios do Nordeste. Ou quando declamava versos populares e, ao final, perguntava à plateia se um poeta como o francês Mallarmé não se orgulharia de versos como aqueles que havia recitado. (Aula-espetáculo, 1997).

A depender do público para o qual estivesse falando, Ariano usava uma linguagem simples e trazia o humor ao abordar esse tópico. Na aula-espetáculo *Tributo a Capiba* (2014), a última da nossa descrição, o tema é o compositor Capiba, mas a intenção foi de apresentar a produção de música erudita dele. Parte delas está em discos de grupos armorias. É o caso da *Missa Armorial*, cantada em latim e executada pela Orquestra Armorial durante a primeira fase do movimento (a Experimental).

Até para trazer um conteúdo como esse o escritor brinca com a amizade que existia entre eles e traz uma história engraçada de quando discutiram por causa de futebol. Conta que depois de uma dessas discussões, cada um foi para casa chateado. Mas um tempo depois, Suassuna refletiu e viu que nenhum time de futebol valia o desentendimento com um amigo. E, ao chegar na casa de Capiba para se desculpar, soube que ele não estava, pois tinha ido para a casa de Ariano para se desculpar. (Aula-espetáculo, 2014). Eram histórias assim que tornava qualquer tema mais palatável, provocava o riso e conquistava a atenção da plateia.

##### **5) Enaltecer a língua portuguesa e, para isso, fazer piada de outros idiomas (principalmente da língua inglesa).**

- Dizer que o inglês era um idioma pobre, com poucas variações, e exemplifica com a história (engraçada) de que em inglês um copo de vidro seria um *glass* de *glass*. (Palestra/Aula-espetáculo, 2007; Aula-espetáculo, 2014);
- Brincar com o nome de um centro comercial localizado em uma cidade do interior, chamado *Macambira's Center*. (Compilação, 2022);
- A popularização de nomes próprios americanizados (como a história das admiradoras que pedem um autógrafo do escritor. Elas eram irmãs e se chamavam Whedyja e Whemytda). (Compilação, 2022); (O Auto, 2021); (Histórias, 2023);
- Afirmar que o alemão era uma língua 'rosnada' e não falada. Diz que se tivesse nascido na Alemanha seria mudo. (Palestra/Aula-espetáculo, 2011).

Essa defesa da língua portuguesa e da musicalidade que ela teria, também se faz pelo riso. O público costumava vibrar quando ele declamava versos, e ele demonstrava alegria com a aprovação das pessoas. É como se parte da missão que ele mesmo criou para si fosse alcançada, ele foi ouvido e recebeu a aprovação que geralmente vinha através dos aplausos.

##### **6) Defender-se de críticas feitas por jornalistas que costumavam ser veiculadas na mídia.**

- Ariano já foi questionado se ele era contra o fim da desigualdade social para que a cultura popular não acabasse. Indignado com o questionamento, respondeu que se fosse essa a condição ele logicamente seria a favor. (Aula-espetáculo, 1997);
- Questionado por um jornalista se não seria bom para os violeiros assistir TV, ele se divertiu com a pergunta e ressalta que eles veem televisão, assim como o próprio dramaturgo, mas sem perder o senso crítico. (Aula-espetáculo, 1997);
- Foi chamado de xenófobo e, durante uma das aulas argumentou ter o direito de defender, enaltecer e se encantar com a própria cultura. E ainda por cima considerar uma falsa ideia de modernidade de outros países como algo superior comparado com o que se vê no Brasil. (Palestra/Aula-espetáculo, 2007);
- Ao ser acusado de nepotismo (cenários de seus espetáculos foram feitos por seu filho, artista plástico Dantas Suassuna), explica que a linha estética da arte de Dantas dialoga com sua proposta artística. (Aula-espetáculo, 2010b);
- O escritor já foi chamado de Dom Quixote arcaico, considerando que Ariano travava uma luta inútil contra os moinhos da globalização. (Palestra/Aula-espetáculo, 2011b);
- Suassuna foi taxado de secretário de cultura figurativo por um vereador recifense, pois viajava pelo estado de Pernambuco, desenvolvendo seu trabalho com músicos e bailarinos pela Secretaria Especial de Cultura. (Suassuna apud Palestra/Aula-espetáculo, 2011a), (Palestra/Aula-espetáculo, 2012);
- Um jornalista se referiu a ele como ‘o último nordestino vivo arcaico e nefasto, pois os outros já tinham morrido (Lampião, Padre Cícero e Antônio Conselheiro). E ele afirmou ter sido uma honra ser comparado a um guerreiro, um padre e um profeta. (Palestra/Aula-espetáculo, 2012);
- Foi acusado de ser um escritor falastrão, como eram seus personagens, enquanto Graciliano Ramos era um escritor nordestino de verdade. (Aula-espetáculo, 2014).

As críticas tinham como espaço as matérias de jornal. E foi no espaço das aulas-espetáculo que Suassuna passou a realizar seu direito de defesa e rebater o que era dito sobre ele (nefasto, falastrão, secretário de cultura figurativo, arcaico, alguém que fazia nepotismo, entre outras acusações). Suas respostas poderiam ter um tom de indignação ou mesmo de ironia. Isso quando ele não unia as duas coisas.

Assistindo às aulas-espetáculo que formaram nossa amostra, a indignação aparece quando é questionado sobre qual seria seu posicionamento quanto ao fim da desigualdade social, ou ao ser criticado por, na sua visão, valorizar a cultura popular brasileira. Ter que explicar as razões por trazer para seu espetáculo figurinos e cenários do filho Dantas, assim como ser considerado um gestor público que não cumpria com seu ofício também o deixavam inconformado, pois eram falas que colocavam em dúvida seu caráter.

O literato ria e fazia rir quando relatava opiniões de jornalistas que imaginavam o estar criticando quando comparavam o professor a personagens como Dom Quixote ou personalidades como Antonio Conselheiro, Lampião e Padre Cícero. Se dizia honrado com as comparações feitas e apresentava seus argumentos a fim de esclarecer seus posicionamentos que teriam levado a tais críticas.

Quando comparado a Graciliano Ramos, sendo Ariano um falastrão e Graciliano um escritor de qualidade, o teatrólogo traz uma história engraçada sobre quão amargo era o alagoano, e conclui afirmando preferir ser como era: extrovertido falastrão e alegre.

## **7) O discurso final e apresentação da arte armorial.**

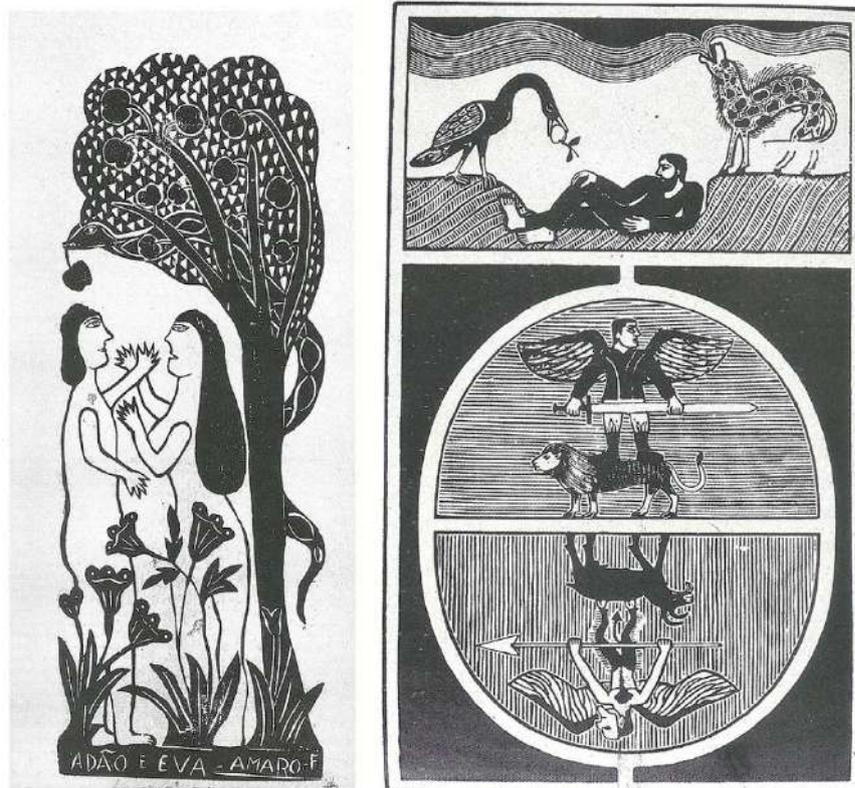
- No ato final o professor sempre traz a música, a dança ou exemplos das artes plásticas do universo armorial. São cenários e figurinos dos espetáculos criados por Dantas Suassuna, imagens de obras do gravador Gilvan Samico, apresentações de dança do Grupo Grial de Dança, músicas de compositores como Capiba e Antonio Madureira tocadas por uma camerata ou por uma dupla de músicos armoriais (a exemplo do Quarteto Romançal, da terceira fase do Movimento, a Fase Arraial, 1995-1998).

Havia nas aulas-espetáculo uma coerência por parte Ariano Suassuna, já que ele sempre defendeu os mesmos pontos de vista. Desde o surgimento delas, as opiniões do poeta guiaram as pautas que eram abordadas. E todo ideário que preenche os espetáculos se cristaliza no movimento criado pelo dramaturgo em 1970.

O Projeto Cultural Pernambuco – Brasil (Suassuna, 1995a), documento regente (e polêmico) que apresenta as diretrizes de sua gestão à frente da secretaria de cultura entre 1995 e 1998, traz elementos visuais e textuais que servem como justificativa para sua postura e escolhas enquanto secretário do estado. Nas aulas-espetáculo ele costumava declarar que não fazia distinção entre cultura popular e cultura erudita, considerava as duas manifestações valiosas da arte nacional. O Projeto corrobora com seu discurso quando se defendia das acusações de desconsiderar outras expressões artísticas pernambucanas. Ele declarava que sua prioridade seria apoiar os artistas populares locais, que não costumavam ser contemplados pelas políticas públicas (Suassuna apud Aula-espetáculo, 1997).

Para explicar e justificar sua linha de ação há no projeto imagens que reforçam e ilustram seu discurso em prol da arte popular, para comprovar que ela não estaria abaixo de nenhuma outra manifestação artística.

Figura 47 – Gravura de Amaro Francisco; Figura 48 – gravura de Gilvan Samico



Fonte: Projeto Cultural Pernambuco – Brasil (1995a).

A ideia do paralelismo e equivalência de valor artístico entre as artes popular e erudita presente no projeto é explicada através de imagens como as que acabamos

de apresentar e que são parte dele. A proposta cultural não deixa de ser uma renovação do olhar armorial de Ariano, agora voltado para um período de secretariado. Ali está a concepção de cultura que passeia pelos elementos e brincadeiras populares, e propõe esse universo cultural como pedra de toque para uma arte erudita original, e que por essa característica poderia ser considerada capaz de universalizar qualquer expressão de arte que prime pela originalidade.

Os preceitos armoriais estão didaticamente apresentados nos textos do documento elaborado para explicar a gestão cultural do estado durante quatro anos. A ideia que Ariano tenta passar e a forma como constrói o discurso funciona como um texto que serve de base para uma aula, uma aula armorial. “ele a firma que sua gestão da cultura pernambucana seria centrada na arte popular brasileira, ou então aquela que, não sendo popular de origem, é, porém, nacional por ser visceralmente ligada ao popular. Em seguida exemplifica suas posições com fotografias como as que apresentamos há pouco. Isso é a representação a completa representação de seu ideário.

Nas aulas-espetáculo os elementos e conceitos armoriais não são mencionados, mas permeiam o espetáculo durante todo o tempo: a ideia de defesa da cultura brasileira. A explanação sobre brincadeiras populares, enaltecendo a riqueza delas e apresentando-as como possível fonte de inspiração para a criação de expressões artísticas diversas, entre elas as de caráter erudito. A essência armorial ali presente tornava o ato final de cada apresentação um espetáculo. Suassuna abre as aulas com a graça e encerra com a emoção.

## 8 A ESTRATÉGIA DO HUMOR PERMEANDO AS AULAS-ESPETÁCULO

A beleza das obras de arte ligadas ao risível tinha aquela espécie de beleza e graça das obras musicais que duram somente enquanto executadas. (Suassuna 1996, p. 132).

Ao longo da investigação foi possível perceber que o humor não cabia em um único ponto como sendo um dos assuntos abordados nas aulas-espetáculo. Nossa afirmação se baseia no fato do riso não aparecer apenas em um desses momentos ou somente entre dois tópicos, mas sim em todos eles.

A contação de casos e piadas era o que mais se destacava nas aulas-espetáculo e era algo que estava presente em cada apresentação, do começo ao fim. Nenhum dos pontos que elencamos era tratado sem que Ariano provocasse o riso. As histórias, casos e anedotas que faziam rir abriam e fechavam cada tema. elas eram sequenciais e constantes. A presença do humor clivava os assuntos, atravessando todos os momentos do espetáculo. Em um texto intitulado 'Ariano Suassuna visto por Hermilo Borba Filho', o amigo e teatrólogo já se refere ao poeta como “[...] o homem, ou melhor, o personagem [...] uma figura ‘zombeteira’”. (Borba Filho 1963).

O hábito de fazer os amigos rirem foi levado para os espetáculos. Uma das coisas que se via entre um tema e outro durante as aulas era a contação histórias vividas pelo escritor. Suassuna sabia contá-las tornando-as ainda mais engraçadas do que provavelmente foram. O que era contado podia ser a respeito dele, de familiares ou mesmo de amigos. Alguns exemplos desses casos que divertiam os espectadores podem ser vistos em episódios do programa de TV *O Canto de Ariano*, no filme *O Auto da Boa Mentira* e em episódios da série televisiva *Histórias Quase Verdadeiras*.

Apresentamos aqui, em tópicos, algumas dessas histórias:

- O banho de rio sem roupa com os amigos, que teria rendido a ele uma noite na delegacia. (Palestra/Aula-espetáculo, 2012).
- Ter sido barrado em um evento no Palácio do Governo da Paraíba por não estar usando gravata. Em seguida teria dito ao segurança que a primeira vez

que esteve lá teria sido sem roupa (pois nasceu naquele local, quando seu pai, João Suassuna, governava o estado). (Palestra/Aula-espetáculo, 2007).

- Sua simpatia pelos mentirosos. Ele recebia muitas cartas de admiradores de seu trabalho, mas não conseguia responder pois eram muitas. Certa vez uma das pessoas que o escrevera perguntou se ele havia recebido sua carta. Ele então responde que não só recebeu como teria retornado enviando outra correspondência como agradecimento. Então ele diz que a pessoa sabia que ele estaria mentindo, mas que estava tudo bem pois aquela mentira não ‘ofendia’ ninguém. (Palestra/Aula-espetáculo, 2011). (O Auto, 2021); (Histórias, 2023).
- Seu apreço pelos doidos. Um deles morava em Taperoá (PB), e certa vez se encostou o ouvido em um muro, e todos que passavam por ali paravam e faziam a mesma ação. Até que alguém disse ao doido que não estaria ouvindo nada. Ele então responde: “pois é, tá assim desde de manhã...”. (Palestra/Aula-espetáculo, 2011).
- O convite para um jantar na casa de um dos imortais da ABL. Lá teria provado um salgadinho ruim que o anfitrião disse ser americano e em tom de ironia ele comenta que tinha tido a impressão de ser um salgadinho popular do Nordeste. (Compilação, 2022).
- Um casal que se queixa da falta de nível dos professores dos filhos por não terem um aparelho de alta tecnologia importado e nunca terem ido a Disney. ((Palestra/Aula-espetáculo, 2012); (O Auto, 2021); (Histórias, 2023).

Diante do material apresentado é possível perceber que, da oficialização das aulas-espetáculo no Projeto Cultural Pernambuco Brasil (1995) até a última aula (2014), as apresentações mantiveram uma constância quanto às suas realizações. Em outras fases do Movimento Armorial, os poucos registros jornalísticos mostram que as aulas do escritor costumavam acompanhar seus períodos de gestor público, diminuindo ao final de cada um de seus mandatos. Ou seja, entre as fases Experimental, Romançal e Arraial, a realização delas diminuía de acordo com a presença ou não de Suassuna em algum cargo. Já entre as fases Arraial e Ilumiara, mesmo Ariano deixando as secretarias ao final de cada mandato, as aulas se

popularizaram a ponto de continuarem acontecendo. Mas com o professor fora dos cargos elas costumavam acontecer como palestras.

Assim como o conteúdo geral, a presença do humor também se manteve e se mostrou crescente como o passar dos anos. Observando a aula-espetáculo que foi ministrada em uma universidade em 1997, é possível perceber que o conteúdo didático tinha mais espaço nos espetáculos do que nas últimas apresentações, quando as aulas itinerantes já tinham se transformado no *Circo da Onça Malhada*. Na trilha das aulas-espetáculo, aos poucos a figura do professor que abriu o espaço vai recuando para dar lugar à persona do palhaço.

Essa é uma constatação relevante para a tese que construímos. Entre as três aulas/palestra de fases e formatos diferentes, apesar de estar sempre presente durante todas as apresentações, o humor cresce e os conteúdos didáticos diminuem. Prova disso é a catalogação que fizemos entre as três apresentações sobre quantas vezes as piadas e os conteúdos didáticos se fazem presentes nelas:

- Aula-espetáculo (UnB, 1997) – humor: 9 vezes, conteúdos didáticos: 8 vezes;
- Aula-espetáculo/Palestra (Sesc-SP, 2011) – humor: 9 vezes, conteúdos didáticos: 2 vezes;
- Aula-espetáculo (Casa da Rabeca, 2014) – humor: 14 vezes, conteúdos didáticos: 3 vezes.

O literato trouxe para a aula-espetáculo registrada em formato de documentário, com o título *Homenagem a Ariano Suassuna* (1997), um conteúdo relevante tratando de diversos aspectos dentro do universo de arte e cultura. Temas que possivelmente compunham disciplinas ministradas por ele enquanto foi docente na UFPE. Na apresentação em questão (apud Aula-espetáculo, 1997) o escritor cita em suas falas: Tobias Barreto, o Movimento filosófico da Escola do Recife, Guimarães Rosa, Matisse, Akira Kurosawa, Gilvan Samico, Volpi, Mallarmé. Aborda os seguintes temas: culturas negra, ibérica e indígena, poesia medieval portuguesa. Explica o poema do romanceiro popular e suas características, a novela de cavalaria da Idade Média e a novela picaresca da renascença. Aborda também a arte rupestre nacional, o teatro indígena e o maracatu rural.

É nessa aula-espetáculo que vimos o literato explicar que aquela apresentação teria duas ideias gerais que formariam seu núcleo orientador: a comparação entre cultura erudita e cultura popular, e uma consideração sobre o tempo. Não encontramos em nenhuma das outras aulas-espetáculo as quais tivemos acesso uma fala como essa, que define aula e conteúdo a ser ministrado nela. Mas o uso da verve humorística que caracterizava seu personagem se manteve ao longo da trajetória dos espetáculos.

Ariano ministrou diversas disciplinas no campo das artes como Estética, Cultura Brasileira, Literatura Brasileira, História da Literatura Brasileira, entre outras. Saber exatamente quais foram é uma tarefa difícil, pois as disciplinas mudam de nome ao longo do tempo e também podem sofrer modificações de acordo com cada curso que integre.

A leitura que fazemos do trajeto das aulas-espetáculo é de que, a princípio, o criador e personagem principal delas começa a subir no palco trazendo a experiência dos anos de docência e o desejo de atuar como humorista. Durante o período inicial das apresentações havia uma quantidade considerável de temas como as teorias do risível, além de tantas outras que estavam presentes em seu repertório. Mas entre um conhecimento e outro, ele fazia rir.

Suassuna costumava dizer que experiências que tivessem sido ruins de passar eram boas de contar, mas boas de passar não eram nem boas nem interessantes de contar. Com essa máxima percebe-se que a contação de histórias que são permeadas pelo riso torna o espetáculo circense de Ariano peculiar. O humor que Ariano realizava nas aulas era o que tornava a sua figura e seu picadeiro populares. Trouxemos das aulas assistidas assuntos que foram abordados pelo escritor e que a princípio não teriam nada de engraçado. No entanto ele os transformava em argumento para um dos casos vividos por ele. Essas experiências particulares, quando passavam a integrar seu repertório, era com o intuito de provocar o riso.

#### *Crise de labirintite:*

Ariano comenta da crise de labirintite que sofreu no momento de aterrissagem do seu voo de avião para chegar na cidade da palestra, e que, por conta do ocorrido, saiu do aeroporto em uma cadeira de rodas, imaginando que as pessoas que circulavam no local estariam com pena daquele 'velhinho acabado'. (Paulinea-SP).

Em seguida conta uma piada de um bêbado que tentava entrar na própria casa, mas não acertava o buraco da fechadura, quando alguém se ofereceu para ajudá-lo colocando a chave na fechadura, ele disse que bastava que a pessoa segurasse a casa no lugar e ele conseguiria encaixar a chave e entrar na casa. O escritor conta que ficou tonto como o bêbado da piada por conta da labirintite. (Palestra/aula-espetáculo 2009a).

*Infarto:*

O artista conta que teria participado de um congresso de cardiologia que abordava o tema “pressão arterial”. Ao compor uma mesa redonda ladeado apenas por cardiologistas, ele abriu sua fala no evento afirmando que não sabia porque estaria ali, pois nem como paciente ele servia, já que desde de adolescente sua pressão arterial era a mesma. “Pois bem” (era sempre com essas palavras que ele trazia o desfecho do fato contado), uma semana após o evento o teatrólogo sofreu um infarto. Segundo Suassuna, os médicos o rogaram uma praga e por isso ele infartou. (Aula-espetáculo, 2014).

*Os brasileiros desconhecerem o filósofo Mathias Aires:*

No trecho 12 do compilado “Os Causos Engraçados de Ariano Suassuna” (Compilação, 2022), Ariano diz que “A universidade do país ensina de costas para o povo.”. Ele confirma a sua afirmação mostrando que o público da aula que ele ministrava, formado por 2 mil estudantes, conhecia Kant, o maior filósofo alemão do século XVII. No entanto, apenas um estudante conhecia Mathias Aires, que seria contemporâneo de Kant e o maior filósofo brasileiro na época.

Até para expressar uma informação que o preocupava e o indignava, Suassuna fez todos rirem ao contar que o único estudante que levantou a mão o alegrou por conhecer Aires, o literato então quis saber como ele tomou conhecimento do filósofo: se teria lido alguma obra dele ou ouvido falar dele em alguma aula que tivesse assistido. O estudante respondeu que só conhecia por ser esse o nome da rua em que morava. Ele finaliza dizendo que “A gente ri de uma situação dessas porque a história é engraçada, mas o que está por trás disso é muito ruim. A gente não dá importância a um pensador da qualidade de Mathias Aires”. (Suassuna apud Compilação, 2022).

*Falha em equipamento que exibiria imagens complementares da aula:*

Suassuna, ao tentar apresentar em slides fachadas de casas coloridas em cidades como Piranhas (Alagoas), quando o equipamento de projeção das imagens falha, o teatrólogo não desperdiça a oportunidade de provocar o riso ao dizer que a falha técnica era porque na verdade não era ele que não gostava de tecnologia, ela que não gostava dele. (Palestra/Aula-espetáculo, 2007).

*Ser criticado como gestor público:*

Ao ser chamado de secretário figurativo por um vereador recifense, o Ariano afirma ter ficado indignado, pois vivia viajando pelo estado de Pernambuco, desenvolvendo seu trabalho com músicos e bailarinos pela Secretaria Especial de Cultura. Mas ele conta que esperou o momento de se vingar. Ao encontrar o vereador em um evento, quando ele veio cumprimentá-lo (segundo Suassuna, como um Judas) e disse: “querido Ariano, como vai?”, ele respondeu: “figurando”. (Suassuna apud Palestra/Aula-espetáculo, 2011a).

*Ser importunado:*

O dramaturgo já foi confrontado com as ideias daqueles que para alguns seria um visionário, Marshal McLuhan (em tom de humor ele o chama ‘sujeito antipático’). Certo dia alguém foi na porta da sua casa dizendo para ele que parasse de escrever pois McLuhan afirmou que a televisão tinha tornado o livro ultrapassado. O poeta questiona como a pessoa soube do fato. Ao ouvir que McLuhan escreveu um livro dizendo isso, Ariano faz rir ao afirmar que não levava à sério não: um sujeito que para dizer que o livro estava ultrapassado escreve um livro ao invés de afirmar isso em um programa de TV. (Suassuna apud Palestra/Aula-espetáculo, 2009a).

Ainda exemplificando as importunações que sofria no portão de sua residência, Ariano contou que foi abordado na porta de sua casa por uma pessoa que discordava de suas ideias. Ela pergunta qual o signo dele, e ao descobrir que o teatrólogo era de Gêmeos, afirmou que todo geminiano tinha duas caras. E ele perguntou ironicamente a ela se realmente achava que se ele tivesse duas caras estaria usando aquela. (dando a entender que era feia). (Palestra/Aula-espetáculo, 2012).

*O medo da morte:*

Ele costumava afirmar: “Eu tenho uma língua afiada que só a peste, e essa tá a serviço do meu país e do meu povo [aplausos]. Eles vão ouvir desaforo meu até... eu não digo até eu morrer não pois eu não pretendo morrer, mas eles vão ouvir até eles morrerem.” (Suassuna apud Aula-espetáculo, 2010).

A capacidade de fazer rir quando se une ao conhecimento teórico que trata do humor gerou o *Circo da Onça Malhada*, palco das aulas-espetáculo do palhaço Ariano. Em algumas das citações presentes nos tópicos elencados, fizemos referência ao filme *O Auto da Boa Mentira* (2021) e à série *Histórias Quase Verdadeiras* (2023), que têm como inspiração as aulas-espetáculo e seus casos perpassados pelo humor.

Até então apenas a literatura do ensaísta tinha alcançado a TV e as telonas. Além da ‘ode ao mentiroso bom’, também presente na Aula Magna ministrada em 1992, na Universidade Federal da Paraíba (Suassuna, 1992), vários outros elementos das aulas-espetáculo estão presentes em *Histórias Quase Verdadeiras*. Para cada episódio foram selecionadas histórias e piadas que faziam sucesso nas apresentações do professor.

O conhecimento sobre as teorias que tratam do risível trabalhadas por Ariano em seu conteúdo programático enquanto docente na Universidade Federal de Pernambuco pode ser visto no episódio *O Vidente*, da série *Histórias Quase Verdadeiras*. O dramaturgo se apoia no estudo de Freud sobre a psicologia do risível, que, para ele, seria a revelação repentina do sexual sobre o simbólico. Na série televisiva um vidente revela uma infidelidade sexual que provoca uma reviravolta no desenrolar da história.

A anedota que inspirou parte do episódio *O Vidente* integrava o repertório humorístico das aulas-espetáculo suassunianas. Ela segue a mesma linha do pensamento freudiano que citamos. Apesar de não compor o conteúdo de nenhuma das apresentações que integram o *corpus* da nossa pesquisa, o caso foi contado por Ariano em outros eventos (presenciei uma das aulas com esse conteúdo, em 1998). É possível assistir apenas o recorte da piada na internet, com o título de *O Profeta* (2024), disponível na plataforma digital do YouTube.

No episódio ‘*O Profeta*’ o teatrólogo conta que uma figura que se autointitulava profeta vai a uma cidade afirmando ter o poder de adivinhar o presente, o passado e o futuro das pessoas. Quando desafiado por um personagem que estava na plateia

sobre onde estaria o pai desse espectador, o suposto profeta se concentraria para afirmar que o genitor estaria na cidade do Recife, bebendo cerveja em um bar. Quando o sujeito declara satisfeito que a afirmação era mentirosa, pois seu pai estaria morto há anos, o profeta responde que quem estava morto era o marido da genitora, o pai estaria bem vivo.

A interpretação do palhaço Ariano na contação das piadas era marcante, mas especificamente na do profeta a repercussão do riso alcançado fez com que o gestual produzido por ele se tronasse capa do livro que contém a aula magna ministrada na UFPB (edição de 2007), pois ele projetava os braços para frente, fechava os olhos e inclinava a cabeça, como um adivinho prestes a revelar fatos importantes. A força do gestual era marca do professor-espetáculo das aulas.

O Suassuna educador, ao assumir o cargo de secretário de cultura de Pernambuco, em 1995, traz de volta o professor que provocava o riso de seus alunos, dando vida ao palhaço que o habitava e que passa a ter um palco ao invés de uma sala de aula.

[...] eu tenho esse dom e eu fazia isso [usava nas aulas suas facetas de rei, palhaço e professor ao mesmo tempo]. Então, da parte do rei, do 'hemisfério rei', eu encarregava a parte de erudição que eu tinha que passar para os alunos. Mas, para tornar essa parte aceitável, eu usava os dotes do palhaço e do poeta. (Suassuna, 2015. p. 92).

Como consequência de seu estilo de ensinar, as salas de aula estavam sempre cheias de alunos, inclusive de alguns que não estavam inscritos na matéria que ele estivesse lecionando. “O professor que fosse designado para dividir turma na disciplina de Literatura Brasileira com o escritor Armorial, corria o risco de dar aula para uma sala vazia”. (Carvalho, 1997).

Há muito o poeta falava de seu sonho de estar nos tabladros e de sua fascinação pelo circo, uma representação do que, para ele, era algo maravilhoso na arte. Ele se considerava, em 1979, um palhaço frustrado. Ele afirmava não ter coragem de entrar num picadeiro muito menos de subir em um palco. A solução que encontrou foi de, como autor de teatro, escrever peças e colocar os outros representando. Dessa forma, conseguiria reproduzir para ele mesmo o universo circense. (Suassuna, 1979).

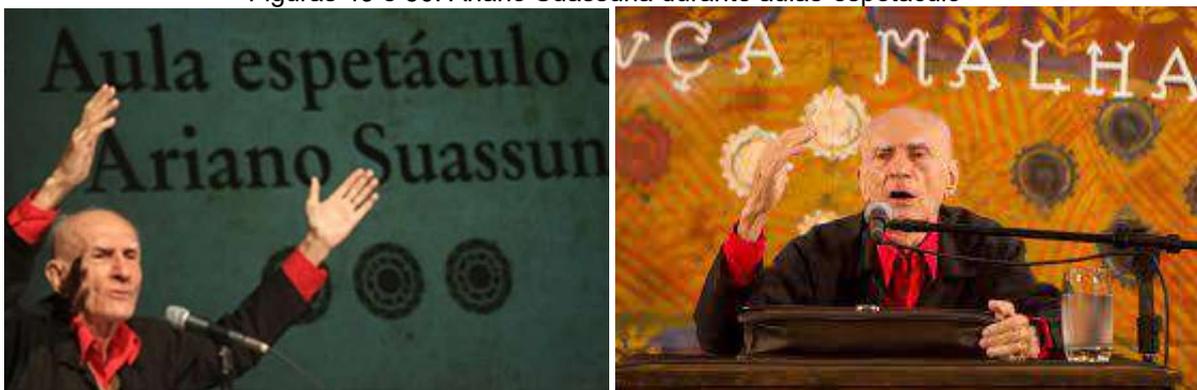
O escritor finalmente realizou seu circo como secretário especial de cultura, entre 2007 e 2014. Em uma das últimas aulas-espetáculo, *Tributo a Capiba*, (2014), é a figura de um homem que se realizou no picadeiro. Apesar da idade, ele quis se manter naquele palco, onde conseguiu ser o palhaço vaidoso que ele mesmo dizia ser. No *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* o literato deixou isso claro. Mesmo aos 88 anos Ariano seguiu à frente das aulas-espetáculo em busca dos aplausos desejados.

Eu já era ligado ao Palco e ao Circo, como encenador – condição em que pudera avaliar: a Comédia ganhava muito mais aplausos do Público do que a Poesia. Mas queria ser também Ator, porque não me conformava em ficar escondido nos bastidores do Teatro quando encenávamos nossos Espetáculo: queria ganhar, em cena aberta, aplausos que, já Velho, me compensassem da minha infância dura, sangrenta e atormentada, assim como do anonimato em que vivera como jovem e como adulto. (Suassuna, 2017, p. 91).

Assumindo o papel do palhaço de seu próprio circo, o dramaturgo fazia uso de elementos importantes para o sucesso das aulas-espetáculo: era o caso das pausas estratégicas entre as falas, além da acentuação das falas e dos conceitos que apresentava através do gestual (expressões faciais acentuadas e até mesmo dançando para o público). Os braços longos serviam para falar com a plateia inclusive enquanto soltava beijos para os que o aplaudiam demoradamente e de pé (e também para os que ele chamava de ‘equivocados’ que já o haviam vaiado). Essas ações otimizavam sua comunicação com os espectadores, marcavam o êxito dos espetáculos e a popularização do Ariano-espetaculoso.

Usando o corpo ele também se transformava em um maestro para puxar e entoar junto com os espectadores músicas de forte simbologia para seu ideário, como o frevo que se tornou hino do bloco carnavalesco Madeira do Rosarinho, do compositor pernambucano Capiba. Os braços serviam ainda para se dar um abraço, como se estivesse abraçando os espectadores que o prestigiavam, em sinal de agradecimento. Seu corpo por vezes fazia do professor um toureiro ou dançarino para ilustrar seu discurso em defesa de uma originalidade que estava presente nas manifestações culturais de cada país.

Figuras 49 e 50: Ariano Suassuna durante aulas-espetáculo



Fonte: Figura 49 – Com Lula (2023); figura 50 – Moura (2014).

Figuras 51 e 52: Ariano Suassuna durante aulas-espetáculo



Fonte: Figura 51 – Ariano (2023a); figura 52 – Ariano (2023b).

Figuras 53 e 54: Ariano Suassuna durante aulas-espetáculo



Fonte: Figura 53 – Ariano (2023a); figura 54 – Gomes (2023).

Figuras 69 e 70: Ariano Suassuna durante aulas-espetáculo diversas.



Fonte: Figura 69 – Silva Júnior (2023); figura 70 – Facebook (2023).

Todos os momentos das aulas eram alinhavados por suas interpretações, acentuação das falas para prender a atenção dos espectadores, e especialmente pelo humor e pela naturalidade com que improvisava durante as apresentações. O talento do escritor se sobressaia nos momentos em que ele desenvolvia livremente uma história ou anedota para acompanhar cada um dos tópicos elencados no roteiro que traçamos. Em suas apresentações não era exatamente o que ele dizia e defendia que prendia a atenção, mas a forma irreverente usada para transmitir seu ideário. Em todos os materiais de apoio havia a presença de histórias engraçadas, e do pensamento regente do Movimento Armorial.

Suassuna realizou o sonho de atuar no picadeiro de seus espetáculos, escolhendo encarnar um personagem com o qual conseguisse convencer e encantar o público, apresentando a poética que o habitava. O professor passou a educar plateias através do riso, refinando sua atuação nas apresentações e construindo o Ariano performático, refletido em Dom Pantero, o protagonista de seu último romance.

É no palco das aulas-espetáculo que o literato encerrou um trabalho que considerava ser sua missão de vida, iniciado na idealização do Movimento Armorial. Ariano dizia, em tom de brincadeira, que preferir ser ‘imorrível’ a ser imortal. (Aula-espetáculo, 2014). Para além das palavras escritas, as palavras ditas e por vezes encenadas por Ariano nas aulas-espetáculo, alcançaram até os que não o viram atuar nos palcos. Alguns o conheceram no universo virtual, que apresenta recortes de aulas-espetáculo, mas que ainda assim fazem sentido. Esse que seria um público inimaginável o poeta.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**  
**OU**  
**MADEIRA DE LEI QUE CUPIM NÃO RÓI<sup>45</sup>**

[...] aqui se despede de vocês, nobres Cavaleiros e belas Damas da Pedra do Reino, este que é, ao mesmo tempo, seu Soberano e seu companheiro de cavalgadas e Cavalaria. (Suassuna, 2017).

Buscando compreender as aulas-espetáculo, criadas e executadas pelo escritor Ariano Suassuna, foi necessário investigar quais elementos fizeram do circo-teatro suassuniano um sucesso. Entender a dinâmica das apresentações e o que fazia delas algo tão popular foi o ponto inicial da investigação. Fomos buscar as respostas em registros audiovisuais das próprias aulas e em documentos e dados que estivessem relacionados a elas.

Com o intuito de perceber como elas se tornaram um instrumento de comunicação tão potente para que seu criador divulgasse seus pensamentos e ideais sobre a cultura de maneira geral, levantamos dados em matérias de jornais, entrevistas televisivas, programa de TV, filmes, séries, fotografias, entre outros. Tentamos, ainda que minimamente, aproximar o leitor de nossa tese às emoções provocadas por uma aula-espetáculo. As apresentações descritas mostram as ações, a essência delas e como Suassuna as conduzia. Tivemos ainda a intenção de explicar o que seria a experiência de quem assistia a um espetáculo estrelado pelo professor Ariano.

O personagem principal desse circo-teatro se mostrou um elemento muito importante na pesquisa. Suassuna criou, executou e foi responsável por aperfeiçoar e direcionar as aulas-espetáculo para a direção que ele desejava. Logo percebemos que a trilha das aulas era paralela ao caminho da vida do escritor. As histórias vividas por ele eram parte essencial do espetáculo. Era alinhavando-as aos preceitos armoriais que o dramaturgo fazia rir com os casos e as anedotas que contava. Ele

---

<sup>45</sup> Ao definirmos dois títulos para esse que é o último capítulo de nossa tese, fazemos uma alusão à literatura de cordel, que costuma apresentar nos folhetos mais de um título para cada história. Nossa intenção é encerrar o trabalho chamando a atenção para ponto que estão entre as conclusões a que chegamos: a coerência das ideias e conceitos defendidos pelo professor Ariano Suassuna, entre eles a capacidade de resistência da cultura popular brasileira, que para ele estaria representada na letra do frevo Madeira do Rosarinho, de onde tiramos nosso título.

fazia isso com precisão e eficácia, pois seu talento para o humor vinha acompanhado do conhecimento e domínio das técnicas e teorias do risível, temas que integravam o conteúdo de algumas das disciplinas que ensinou enquanto foi professor universitário.

Ainda criança ele experimentou o sentimento de alegria que o palhaço de circo provocava. O encantamento pelo universo circense começou a inspirar o Ariano-espetáculo. Em seu palco também se via o encantamento que tinha pelo sertão, pela arte e por Zélia. Foi também no picadeiro das aulas que o poeta criou coragem para viver o ator frustrado que se considerava, pois não se via à altura para desempenhar tal ofício.

Desde o surgimento das aulas-espetáculo, elas eram guiadas pelas opiniões defendidas por Ariano. O pensamento suassuniano se baseia em sua proposta de criar uma arte brasileira original inspirada na cultura popular. Todo ideário que preenche os espetáculos se cristaliza no movimento criado pelo literato em 1970, o Movimento Armorial.

Nas aulas, os elementos e conceitos armoriais não são mencionados, mas o escritor, ao final de seus espetáculos, celebrava a cultura brasileira ilustrando o conteúdo que apresentou no palco com cenários, figurinos, dança e música criadas dentro dos preceitos do movimento. A depender do modelo de aula, isso era feito de diferentes maneiras: a aula-espetáculo completa (ou plena) contava com músicos e bailarinos; a aula reduzida trazia músicos para ilustrar romances medievais que ele costumava declamar e eram musicados para enriquecer sua fala e seus argumentos. Já o modelo de aula reduzidíssima contava apenas com sua presença na ribalta.

O formato reduzidíssimo de espetáculo era o mais popular e o que ele costumava levar para suas palestras. Elas eram apresentações que não tinham ligação com os cargos públicos que ocupou, mas que seguiam a mesma dinâmica e traziam o mesmo conteúdo que as aulas.

Nas plataformas digitais, lugar onde estão disponíveis as exposições de Suassuna (foi lá que coletamos a maior parte delas), não é feita uma distinção entre o que seria palestra e o que seria aula-espetáculo. Mas percebemos que havia características que tornavam possível a distinção entre elas: o tipo de evento em que as palestras eram realizadas, acontecerem fora do estado de Pernambuco e o recebimento de cachê por parte do dramaturgo. Esses eram os elementos que diferenciavam os dois tipos de apresentação. Os preceitos armoriais poderiam se fazer presente, no caso das

palestras, através do uso de materiais de apoio (fotografias ou vídeos contendo coreografias executadas pelo Grupo Grial de Dança.

Ao longo da pesquisa, descobrimos que o embrião das aulas aparece ainda durante a juventude de Ariano, então estudante de Direito. Ele organizou e apresentou um encontro de cantadores no Teatro de Santa Isabel. O Ariano docente tornou as salas de aulas um laboratório para os espetáculos. As primeiras plateias foram seus alunos, e nas aulas-espetáculo os espectadores eram admiradores de sua figura e de seus ideais.

Na função de Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco as apresentações passaram a ser chamadas oficialmente de aulas-espetáculo. Bailarinos e músicos foram recrutados na função de assessores culturais, para acompanhar Ariano em suas apresentações pelo estado. Esse era um dos objetivos propostos por ele no Projeto Cultural Pernambuco - Brasil. Ele considerava ser sua profissão de fé: levar aos brasileiros o conhecimento sobre uma arte original com a qual eles se identificassem no momento em que percebessem nela a grandeza e a diversidade cultural do país. Essa foi a bandeira defendida pelo teatrólogo durante toda a vida, sem nunca mudar em nenhum de seus aspectos.

Suassuna já cumpria essa missão como escritor. Mas as aulas-espetáculo se mostraram um instrumento mais eficaz do que a literatura para disseminar suas crenças. E para essa ação, o humor foi essencial, garantindo o sucesso das apresentações e com isso o alcance da mensagem de Ariano.

Ao trazer a descrição de um modelo de cada uma das aulas-espetáculo, ilustramos três de períodos distintos das apresentações. O que se percebe a partir disso é que, considerando o recorte temporal entre as duas secretarias de estado que ele geriu, a essência dos espetáculos não mudou. Mesmo quando o palco delas assumiu a forma de picadeiro e passou a se chamar *Circo da Onça Malhada*, eram abordados os mesmos assuntos. Fossem as apresentações palestras ou aulas-espetáculo propriamente ditas, o público ali presente vinha para assistir ao professor, o contador de histórias que fazia rir enquanto ensinava, tornando dessa forma qualquer conteúdo interessante, envolvente e encantador.

As apresentações não seguiam uma ordem fixa para a abordagem de cada assunto, mas havia um planejamento prévio do que seria explanado em cada evento. Os temas eram recorrentes, mas a sequência e a forma de abordá-los costumava

sofrer variações. Ariano, para dinamizar as aulas-espetáculo, fazia uso de materiais de apoio (matérias de jornais, fotografias ou vídeos), e, sempre que possível, mesclava seu auto espetáculo ao de bailarinos e músicos. Ainda assim a figura do escritor se destacava pelas histórias e piadas que costumava compartilhar com a plateia. O sucesso se devia ao carisma, a capacidade de improvisar e o domínio das técnicas e teorias do riso, a partir de autores como Freud e Bergson. O professor reflete sobre o tema e seus pensadores em seu livro *Iniciação à Estética* (1996).

Ele seguia idealizando um conjunto de artes que ele sozinho como escritor não poderia produzir. A complexidade de seu universo artístico e o desejo de transmiti-lo, o fizeram utilizar como instrumentos de comunicação, primeiro sua literatura, depois um movimento cultural, e por fim, mas não menos importante, seu espetáculo em forma de aula, que, assim como o Armorial, era um verdadeiro coletivo artístico.

É possível elencar o que se vê durante as aulas-espetáculo: autodepreciação de caráter cômico; crítica a artistas e/ou movimentos artísticos e culturais considerados por ele de menor valor estético; enaltecimento de manifestações culturais dos universos erudito e popular; apresentação de conceitos e exemplos da arte erudita; valorização da língua portuguesa; e um espaço para se defender de críticas veiculadas na mídia. E por fim, a coroação de seu discurso através da demonstração da arte armorial.

O repertório suassuniano era finito. As histórias muitas vezes já tinham sido contadas em outras apresentações. Das aulas-espetáculo e compilado assistidos por nós, alguns casos se repetiam, mas nunca eram contados da mesma forma, nem vinham em uma mesma sequência. Ariano tinha um jeito espontâneo de contar a anedota e acabava por rir junto com a plateia de sua própria piada. Mas seu riso era de satisfação de quem alcançava um objetivo, que no caso do Ariano era o de provocar o riso na plateia.

Percebemos que o humor não cabia em um único ponto entre os assuntos apresentados nas aulas-espetáculo. A contação de casos e piadas era o que mais se destacava e permeavam as apresentações do início ao fim. Na abordagem de todos os temas Suassuna provocava o riso. As histórias e casos que faziam rir abrem e fecham cada tema. Ele iniciava o espetáculo com suas histórias engraçadas e findava emocionando a plateia com seu discurso em defesa da cultura brasileira, que muitas vezes vinha acompanhado de música e dança armoriais.

Ariano, com seu carisma e espontaneidade, fazia das aulas-espetáculos o que ele chamava de circo-teatro para viver o palhaço que sempre o habitou. O humor presente nas apresentações era composto na essência pelas boas histórias e anedotas de seu repertório. Mas a comunicação do escritor, para ser eficaz, ia além das palavras: os braços longos, as pausas nos momentos certos, as expressões faciais necessárias para assumir diferentes personagens, e até a dança, transformavam as palestras/aulas em verdadeiros espetáculos.

As aulas-espetáculo foram para o escritor lugar de realização, e isso se confirma em seu livro póstumo, o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, esse que acabou sendo seu palco literário. A obra era considerada por ele o livro de sua vida. Em *Dom Pantero* o escritor uniu sua poesia, seu romance, seu teatro. A obra em questão gira em torno da preparação e realização do que na obra ele chama de grande aula-espetaculosa, planejada e realizada pelo personagem principal da trama para ser realizada no circo-teatro de Dom Pantero. O conteúdo das aulas-espetáculo inspirou ainda programa e série televisiva, filme, e ainda hoje geram conteúdo para as redes sociais.

As aulas-espetáculo começaram trazendo o Ariano docente que já se destacava pelo uso do humor como ferramenta para educar. E no momento em que o escritor sai da universidade, se aposenta e posteriormente assume um cargo público, ele passa a fazer humor da maneira como ele sonhava. O palhaço que já mostrava nuances nas aulas da universidade passa a ter o palco para ele.

O escritor se realiza em seu *Circo da Onça Malhada* criado enquanto esteve à frente da secretaria especial de cultura. Apesar da idade avançada ele quis se manter naquele tablado, podendo ser o palhaço vaidoso que dizia ser. No *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* ele deixa isso claro. E mesmo 'velho' ele ocupou esse palco, em busca dos aplausos, mesmo tendo receio se seria ou não aceito e compreendido pelos jovens.

Portanto, em 1995 ele começou trazendo o professor universitário para os palcos, e ele termina deixando o palhaço prevalecer e tomar o picadeiro para si. Isso sem jamais deixar de passar a sua mensagem, cumprindo sua missão.

Analisando as aulas-espetáculo que compuseram o corpus da pesquisa, é perceptível que o caráter didático das primeiras aulas diminuiu, mas nunca deixou de existir, o

conhecimento apenas abriu espaço para o humor. A arte de fazer rir, assim como a figura carismática de Suassuna, foram os responsáveis por imortalizar as apresentações.

Nossa tese teve como foco principal as aulas-espetáculo e a figura principal delas: o escritor Ariano Suassuna. Mas, assim como todas as outras teses e pesquisas, ela não se esgota aqui. É possível vislumbrar nos materiais levantados para a sua construção e nas conclusões a que chegamos diversas possibilidades de dialogar com diversas teorias e pensamentos, bem como a de se desdobrar em tentáculos que podem ser ainda mais discutidos e aprofundados.

E assim termina nosso conto, que buscou desvendar o universo do circo-teatro de Dom Suassuna, e um pouco da figura do palhaço-professor, que foi transformando-as em seu picadeiro. Ariano Suassuna se foi, mas suas aulas espetáculo o imortalizaram. Ele, como um bom contador de histórias, “Entrou por uma porta, saiu pela outra. Quem quiser que conte outra”.

## REFERÊNCIAS

AMIGOS da Leitura. Disponível em:

<https://releiturape.wordpress.com/2013/05/02/encantamento-poetico-bandeira-capiba-e-ariano-suassuna-em-aula-espetaculo/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ANDRADE, Francisco. **Antonio Madureira**: histórias e partituras. v1. São Paulo: Çacê, Letras da Cidade, 2023.

ANDRADE, MÁRIO. **Dicionário Musical Brasileiro**. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1989.

NO ANIVERSÁRIO de Ariano Suassuna, "Auto da Compadecida" é tema de selo especial. Disponível em: <https://jornaldamanhamarilia.com.br/caderno-2/noticia/90208/2021/06/18/no-aniversario-de-ariano-suassuna-auto-da-compadecida-e-tema-de-selo-especial>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ARIANO.SUASSUNA. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CDEbMBfhKXg/?igsh=MmZvbTJ4bHM0ZWR5>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ARIANO: Impressões. Direção: Claudio Brito. Produção: Claudio Brito, João Carlos Beltrão. Paraíba: TV IFPB, 2020.

ARIANO: Ilumiaras. Direção: Claudio Brito. Produção: Claudio Brito, João Carlos Beltrão. Paraíba: TV IFPB, Pigmento Cinematográfico, 2009.

ARIANO Suassuna: Cabra de Coração Valente ou o Cavaleiro da Alegre Figura. Direção: Claudio Brito. Produção: Claudio Brito, João Carlos Beltrão. Paraíba: CEFET-PI, CEFET-PB, 2007.

ARIANO: Suassunas. Direção: Claudio Brito. Produção: Claudio Brito, Humberto Borges, João Carlos Beltrão. Paraíba: TV IFPB, 2013.

ARIANO Suassuna: dramaturgo, romancista, poeta e defensor da cultura nordestina.

Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/ariano-suassuna/platb/2013/09/20/ola-mundo/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ARIANO Suassuna: Raízes Populares da Cultura Brasileira. Parte 1. Campinas: 2009a. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M3MSqbE2r04>. Acesso em: 26 set, 2020.

ARIANO Suassuna fala sobre a riqueza e encantos da cultura brasileira (Palestra). São Paulo. 2011. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HuRc-UVxlbk>. Acesso em: 20 abr. 2022a.

ARIANO Suassuna: Raízes Populares da Cultura Brasileira. Parte 2. Campinas: 2009b. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DbH4sike51Q>. Acesso em: 23 abr. 2022b.

ARIANO Suassuna e sua obra armorial. **Diálogos Políticos**. Disponível em: <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2014/07/23/ariano-suassuna-e-sua-obra-armorial/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ARIANO Suassuna vai ler o romance A Pedra do Reino para João Ubaldo e Rubem. **Notibras**. 23 jul. 2014. Brasília. Disponível em: <https://www.notibras.com/site/ariano-suassuna-87-vai-ler-a-pedra-do-reino-para-joao-ubaldo-mendes/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ARIANO leva sua aula para Casa da Rabeca. **Jornal do Commercio**. Recife, 28 mar. 2014.

ASSIS, Machado de. Comentários da semana. Publicado originalmente no **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 29 dez. 1861. Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938.

AULA-espetáculo para acadêmicos. **Jornal do Commercio**. Recife, 27 nov. 1996.

AULA-espetáculo de Ariano Suassuna divulga o programa mãe coruja pernambucana. **Notícias do Blog**. 12 maio 2012. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-qoCpbtqMcg0/T67DObz0YOI/AAAAAAAAAD1s/xrWOTDF0uk/s1600/aula+espet%C3%A1culo+5.JPG>. Acesso em: 25 jul. 2023.

AULA-espetáculo. **A Cadência, o Castelo e a Cantoria (Sagração nº3)**.

Panelas-Pe: 08 out. “2010a”. DVD.

AULA-espetáculo. **Chamada ao Piano**. Direção: Henrique Ferreira. Arcoverde: “2010b”. DVD.

AULA-espetáculo. **Homenagem a Ariano Suassuna**. Direção: Vladimir Carvalho. Recife, Brasília, DF : 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VBgMPRGzs5s>. YouTube. 2 mar. 2024.

AULA-espetáculo **Tributo a Capiba**. Direção: Cláudio Brito. Olinda: 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s4wvJEysMbk>. Acesso em: 2 mar. 2024. YouTube.

O AUTO da Boa Mentira. Direção: José Eduardo Belmonte. Produção: Guel Arraes, Fátima Pereira, Mônica Monteiro. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2021. TV.

‘O AUTO da Compadecida’ tem sessão virtual para celebrar lançamento. **Correio Brasileiro**, Diversão e Arte. 22 set. 2020. YouTube, Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-e-arte/2020/09/4877142-o-auto-da-compadecida-tem-sessao-virtual-para-celebrar-lancamento.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BORBA FILHO, Hermilo. Ariano, o personagem. **Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística – DEC**, Recife, n. 3, p. 7. 1963.

BRASIL, Ubiratan. Ariano segue com gosto de gás. **Jornal do Commercio**, Agência Estado. Recife, 21 abr. 2014.

CAMAROTTI, Gerson; ARRAES, Guel; VASCONCELOS, Luiz Carlos. [entrevista concedida a] Pedro Bial. **Conversa com Bial**, Rede Globo. Rio de Janeiro, 16 jun. 2017. TV.

O CANTO de Ariano. **Memória Globo**, 2022. YouTube, Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/netv/quadros-e-colunas/noticia/o-canto-de-ariano.ghtml>. Acesso em: 27 jan. 2024.

CARPEGGIANI, Schneider. O real sucessor de Ariano. **Jornal do Commercio**, Recife, 19 jul. 1998.

CARVALHO, Nelly. Salas são pequenas para as aulas do professor. **Jornal do Commercio**, Recife, 1997.

CASTELLO, José. Ariano, um cavaleiro em defesa da arte popular brasileira. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 29 mai. 1995.

CAVANI, Júlio. Um homem vestido de sol. **Diário de Pernambuco**. Recife, 1 ago. 2008.

COMPILAÇÃO **Os causos Engraçados de Ariano Suassuna**. Canal Território Conhecimento. Plataforma YouTube, Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aw\\_IZ6uTYtE](https://www.youtube.com/watch?v=aw_IZ6uTYtE). Acesso em: 23 abr. 2022.

COM LULA na plateia, Ariano Suassuna emociona e faz rir em 'Aula Espetáculo'. **V&C Garanhuns**. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/07/com-lula-na-plateia-ariano-suassuna.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.

D'OLIVEIRA, Fernando. Escritor Ariano assume a Secretaria da Cultura do Estado e divulga propostas de trabalho. **Diário de Pernambuco**. Recife, 19 dez. 1994.

A ERUDIÇÃO nordestina. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/ariano-suassuna/platb/2013/09/20/ola-mundo/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

FACEBOOK. Disponível em: [https://www.facebook.com/canalarte1/posts/ariano-suassuna-completaria-hoje-93-anos-no-youtube-do-arte1-voc%C3%AA-pode-conferir-2995191360565975/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/canalarte1/posts/ariano-suassuna-completaria-hoje-93-anos-no-youtube-do-arte1-voc%C3%AA-pode-conferir-2995191360565975/?locale=pt_BR). Acesso em: 25 jul. 2023.

FIGUEIRÔA, Alexandre. Marcos de uma tradução imagética. In. **Continente**. N. 118. Ano X. out. 2010.

DA FONTE FILHO, Carlos. **Espectáculos Populares de Pernambuco**. Bagaço. Recife: 1999.

GOMES, Drailton. **Socialismo Criativo**. 17 jun. 2022. Disponível em: <https://www.socialismocriativo.com.br/paraty-abre-comemoracoes-para-os100-anos-de-ariano-suassuna>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GONDIM, Alexandre. In: CAVANI, Júlio. Um homem vestido de sol. **Diario de Pernambuco**. Recife, 1 ago. 2008.

GUATELLI, Caio. **Folha Imagem**. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/album/2014/07/22/veja-fotos-de-ariano-suassuna.htm?foto=11>. Acesso em: 25 jul. 2023.

HEROLD, Valentine. Volta emocionada de Ariano ao palco. **Jornal do Commercio**, Recife. 17 dez. 2013.

HISTÓRIAS quase verdadeiras [Seriado]. Direção: José Eduardo Belmonte. Produção: Guel Arraes, Fátima Pereira, Mônica Monteiro. Globoplay. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2023. TV.

LACERDA, Ângela. Suassuna leva ao delírio estudantes. **Jornal O Poti**, Natal. 30 jul. 1995.

LEÃO, Carolina; L, Renato. Marco zero da nova era Armorial. **Diario de Pernambuco**. Recife, 16 mar. 2007.

LINS, Letícia. Movimento Armorial: livro “Poeira, Sagrado e Festa – 25 anos do Grupo Grial” é lançado. Oxe Recife. 24 nov. 2023. Disponível em: <https://oxerecife.com.br/movimento-armorial-livro-poeira-sagrado-e-festa-25-anos-do-grupo-grial-e-lancado/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

LIMA, Ana Paula Campos. **Armorial em movimento**. 143 p. Projeto Experimental em Relações Públicas (Graduação) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2000.

\_\_\_\_\_. O Auto da Compadecida: um encontro entre Guel Arraes e o Movimento Armorial. In: FIGUERÔA, Alexandre; FECHINE, Yvana (Ed.) **Guel Arraes: um inventor no audiovisual brasileiro**. Recife: CEPE, 2008.

MANTEUFFEL, Hans Von. **Agência O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/ultimas-aulas-espetaculo-de-ariano-suassuna-reforcaram-lado-popular-do-escritor-13357433>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MINDÊLO, Olívia. Nau é passaporte à liberdade. **Jornal do Commercio**, Recife, 01 ago. 2008.

MORAES, Fabiana. Ariano vai levar circo para favelas. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 abr. 1997.

MORRE aos 87 anos escritor, dramaturgo e poeta Ariano Suassuna, corpo está sendo velado no Palácio Campo das Princesas. <http://blogdoramonpaixao18.blogspot.com/2014/07/morre-aos-87-anos-escritor-dramaturgo-e.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MOSTRA celebra 50 anos de Movimento Armorial. 16 out. 2023. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/indicacoes/mostra-celebra-50-anos-de-movimento-armorial>. Acesso em: 25 jul. 2023a.

MOSTRA Movimento Armorial 50 Anos. Disponível em: <https://www.musea.art.br/exibicoes/32390af0-f799-475d-9247-d613bac17825>. Acesso em: 25 jul. 2023b.

MOURA, Diana. Aula-espetáculo de PE. **Jornal do Commercio**, Recife, 06 dez. 2010.

MOURA, Ivana. Ariano deixa legado. **Diário de Pernambuco**, Caderno Viver. Recife, 20 dez. 1998.

\_\_\_\_\_. Elegia ao criador Ariano Suassuna. **Diário de Pernambuco**, Caderno Viver. Recife, 17 set. 1995a.

\_\_\_\_\_. Pernambuco [Constituição (1989)]. Quixote da cultura brasileira. **Diário de Pernambuco**, Caderno Viver. Recife, 9 jul. 1995b.

\_\_\_\_\_. Polêmicas e vaias marcam abertura do Festival de Teatro do Recife. **Diário de Pernambuco**, Caderno Viver. Recife, 22 nov. 1997.

\_\_\_\_\_. Um imortal na Telinha. **Diário de Pernambuco**, Caderno Viver. Recife, 13 mar. 1994.

MOURA, Ricardo. Ariano Suassuna apresenta aula-espetáculo “Tributo a Capiba” no FIG. **Notícias Cultura.PE**. 11 jul. 2014. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/fig2023/com-tributo-a-capiba-ariano-suassuna-leva-a-magia-do-circo-poesia-musica-e-danca-a-abertura-do-24o-fig/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

A MÚSICA Armorial: do Experimental à Fase Arraial. Direção e Produção: Ana Paula Campos Lima. Recife: 2005. DVD.

NACHTERGAELE, Matheus. Ariano, só sei que foi assim. **Jornal do Commercio**, Caderno Especial. Recife, 24 jul. 2014.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. **Ariano Suassuna, arte como missão: vida e obra em almanaque**. Recife: Caixa Econômica Federal, 2014.

\_\_\_\_\_. **Ariano Suassuna, cadeira 32, ocupante 6**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2018.

\_\_\_\_\_. **Cantos**. Destinatário: Ana Paula Campos Lima. Recife, 1 set. 2023a.

\_\_\_\_\_. **O Circo da Onça Malhada: uma Introdução à Obra de Ariano Suassuna**. Artelivro: Recife, 2000.

\_\_\_\_\_. Cronologia. In: SUASSUNA, Ariano. **História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023a.

\_\_\_\_\_. [entrevista concedida a Ana Paula Campos Lima]. Residência do entrevistado: Recife, 5 nov. 2023b.

\_\_\_\_\_. **Redenção de Agosto**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2023c.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **Ariano Suassuna: o cabreiro tresmalhado**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ariano Suassuna e a cibercultura ou a Peleja do Cavaleiro do Sertão com a Parafernália**. (artigo não publicado). [Recife]: 1998.

NOGUEIRA, Rui. Suassuna só quer saber de arte popular. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 13 fev. 1995.

NOVA aula do mestre e secretário Ariano. **Folha de Pernambuco**. Recife, 28 jul. 2008.

OBRA inédita de Ariano Suassuna é lançada na Livraria Cultura. 5 dez. 2017. Disponível em: <https://vivariomarrecife.com.br/eventos/obra-inedita-de-ariano-suassuna-e-lancada-na-livraria-cultura/>. Acesso em: 30 maio 2024.

OROFINO, Maria Isabel. **Mediações na produção de TV: um estudo sobre O Auto da Compadecida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

PALESTRA/Aula-espetáculo. **Raízes Populares da Cultura Brasileira\_parte 1**. São Paulo: 1999a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M3MSqbE2r04>. Acesso em: 26 set. 2020. YouTube.

PALESTRA/Aula-espetáculo. **Raízes Populares da Cultura Brasileira\_parte 2**. São Paulo: 1999b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DbH4sike51Q>. Acesso em: 23 abr. 2022. YouTube.

PALESTRA/Aula-espetáculo. **Uma visão do Brasil: Encontro com o Barão, Acadêmico Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro, 2007. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7lvpTqDC32o>. Acesso em: 09 abr. 2022. YouTube.

PALESTRA/Aula-espetáculo com Ariano Suassuna. São Paulo: 2011a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ljmKDvQ4knA>. Acesso em: 3 maio 2022. YouTube.

PALESTRA/Aula-espetáculo. **A riqueza e encantos da cultura brasileira**. São Paulo: 2011b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HuRc-UVxlbk>. Acesso em: 20 abr. 2022. YouTube.

PALESTRA/Aula-espetáculo. Tribunal Superior do Trabalho. Brasília: 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac>. Acesso em: 4 maio 2021. YouTube.

PEREIRA, Marcelo. Ariano não alimenta polêmica sobre seu projeto. **Jornal do Commercio**, Caderno C. Recife, 16 jul.1995.

PORTARI, Douglas; RODRIGUES, João Claudio Garcia. Ariano Suassuna: o Arauto dos Compadecidos. **Desafios do Desenvolvimento**. Brasília, Ano 8, n. 69, 2011. Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2639:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2639:catid=28). Acesso em: 18 fev. 2024.

O PROFETA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F0AcXIQml1Y>. Acesso em: 3 jun. 2024.

RECORDAR é TV reverencia o talento de Ariano Suassuna. **Programa Os Mágicos**. Rio de Janeiro: 1979. YouTube, Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JYwkqT5LX\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=JYwkqT5LX_0). Acesso em: 21 ago. 2020.

RIVAS, Lêda, Um imortal esperançoso. **Diário de Pernambuco**, Recife, 25 nov. 1993.

RODRIGUES, José Mario. Ariano e cultura popular. **Jornal do Commercio**, Recife, 21 jan.1999.

SÁ, Nelson de. Suassuna apresenta seu 'Romeu e Julieta' em 'aula'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 jul. 1996.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. Ariano Suassuna: um intelectual a serviço da cultura brasileira. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (Org.). **Intelectuais e Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SCARPA, Paulo Sérgio. Ariano aprova versão de sua peça para a TV. **Jornal do Commercio**, Recife, 14 jul. 1994.

O SENHOR do Castelo. Direção: Marcus Vilar. Produção: Durval Leal Filho. Paraíba: Para'iwa, 2007.

O SERTÃO MUNDO de Ariano Suassuna. Direção: Douglas Machado. Produção: Elisa Tomonelli. Trinca Filmas, 2003.

SILVA JUNIOR. **Folhapress**. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/album/2014/07/22/veja-fotos-de-ariano-suassuna.htm?foto=9>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SOARES, Carlos. **Escritor Ariano Suassuna dá aula a professores do Paraná**. Disponível em: <https://arquivo2003.aen.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Escritor-Ariano-Suassuna-da-aula-professores-do-Parana>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SOUBHIA, Marcelo. **Folhapress**. Disponível em: <https://folhapress.folha.com.br/foto/14484988>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SUASSUNA, Ariano. O Movimento Armorial. Recife, Condepe, 1977. Separata da **Revista Pernambucana de Desenvolvimento**. 39-64, jan./jun. 1977.

\_\_\_\_\_. **Dez Sonetos com Mote Alheio**. Recife: edição manuscrita e iluminogravura pelo autor, 1980.

\_\_\_\_\_. O missionário da cultura popular. [entrevista concedida a] Geneton Moraes Neto. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 abr. 1989.

\_\_\_\_\_. **Aula Magna**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 1992.

\_\_\_\_\_. O missionário da cultura popular. [entrevista concedida a] Alexandre Belém. **Jornal do Commercio**, Recife, 18 dez. 1994.

- \_\_\_\_\_. **Projeto Cultural Pernambuco Brasil**. Recife: Cepe, maio 1995a.
- \_\_\_\_\_. Movimento Armorial faz 25 anos. [entrevista concedida a] Mário Hélio. **Jornal do Commercio**, Recife, 2 out. 1995b.
- \_\_\_\_\_. De quinta categoria. [entrevista concedida a] Gerson Camarotti. **Revista Veja**, São Paulo, 3 jul 1996a. p. 7-9.
- \_\_\_\_\_. **Iniciação à Estética**. Recife: Editora da UFPE, 1996b.
- \_\_\_\_\_. [entrevista concedida a] Pedro Bial, **Rede Globo**. Recife, 1997. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bwASBXgOeQ4>. Acesso em: 9 abr. 2022.
- \_\_\_\_\_. O armorial faz as contas do que realizou em 4 anos. [entrevista concedida a] Diana Moura Barbosa. **Jornal do Commercio**, Recife, 20 dez 1998.
- \_\_\_\_\_. **Discurso de posse para a Academia Paraibana de Letras**. João Pessoa: Revista da Academia, out. 2000.
- \_\_\_\_\_. **Programa Roda Viva**, TV Cultura. São Paulo, 6 maio 2002. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUjcJNtSaqU>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- \_\_\_\_\_. Ariano Suassuna, 80 anos. [entrevista concedida a] Eliane Lobato. **Revista Isto É**, São Paulo, 6 jun. 2007a.
- \_\_\_\_\_. Um autor se medo do adjetivo. [entrevista concedida a] Gustavo Acioli. **Revista Língua Portuguesa**, n. 21, ano II. jul. 2007b.
- \_\_\_\_\_. [entrevista concedida a] Jô Soares, **Rede Globo**. Rio de Janeiro, 2007c. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_hV7LuHh4Pc](https://www.youtube.com/watch?v=_hV7LuHh4Pc). Acesso em: 15 jul. 2022.
- \_\_\_\_\_. **Almanaque Armorial**. (Seleção, organização e prefácio: Carlos Newton Júnior). Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- \_\_\_\_\_. [entrevista concedida a] Nildo Ouriques. **Instituto de Estudos Latino-Americanos - IELA** (UFSC), Santa Catarina, ago. 2013. YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0k5l1uPuqiE>. Acesso em: 10 set. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Programa Autor por autor**, TV Cultura. São Paulo, 25 jul. 2014. YouTube, Disponível em: <https://youtu.be/KRHunfq7ljQ>., Acesso em: 12 set. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Revista Hobicua**, Teresina, 2015.
- \_\_\_\_\_. 1927-2014. **Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- \_\_\_\_\_. 1927-2014. **Teatro completo de Ariano Suassuna**; organização Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- \_\_\_\_\_. 1927-2014. **O sedutor do sertão ou o grande golpe da mulher e da malvada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

\_\_\_\_\_. **História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023.

TAVARES, Braulio. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

TELES, José. Nova sagração armorial de Ariano. **Jornal do Commercio**. Recife, 19 mar. 2007.

\_\_\_\_\_. Ariano reedita projeto Armorial. **Jornal do Commercio**. Recife, 08 mar. 2007.

\_\_\_\_\_. **Do frevo ao Manguebeat**. São Paulo: Editora 34, 2012.

TIENGO, Rodolfo. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/01/escritor-ariano-suassuna-ministra-aula-espetaculo-em-joao-pessoa.html>. Acesso em: 30 maio 2024.

ÚLTIMA Aula-espetáculo de Ariano Suassuna foi no FIG em Garanhuns. **V&C Garanhuns**. 24 julho 2014. Disponível em: <https://www.vecgaranhuns.com/2014/07/ultima-aula-espetaculo-de-ariano.html>. Acesso em: 30 maio 2024.

VERAS, Luciana. Ariano explica caso do “sucessor”. **Diario de Pernambuco**. Caderno Viver, Recife. 22 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Ariano monta time de assessores-artistas. **Diario de Pernambuco**. Caderno Viver, Recife. 8 mar. 2007.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna**: um perfil biográfico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

VIEIRA, João Luiz. Ariano à luz da Globo. **Jornal do Commercio**. Recife, 10 mar. 1994.

\_\_\_\_\_. Muitas vaias para Romero de Andrade Lima e Ariano Suassuna. **Jornal do Commercio**. Recife, 22 nov. 1997.

## **APÊNDICE A – PALESTRA/AULA-ESPETÁCULO UMA VISÃO DO BRASIL: ENCONTRO COM O BARÃO - ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA (80 ANOS)**

### **Palestra no formato de aula-espetáculo ‘reduzidíssima’**

Palácio do Itamaraty - Rio de Janeiro. 7 de maio de 2007. Canal da Fundação Alexandre de Gusmão, 43,6 mil inscritos

112.721 visualizações, 3,2 mil likes.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7lvpTqDC32o>

Acesso em: 9 abr. 2022.

O evento acontece nos jardins do Palácio do Itamaraty (Rio de Janeiro) e apresenta uma certa formalidade. Ariano, como bom comediante que era, usava questões engraçadas do seu cotidiano para fazer o público se divertir com os episódios. A pompa do evento poderia lhe causar algum desconforto, mas ela se torna a deixa para que ele puxar de seu baú de contos uma de suas histórias engraçadas do passado. A de quando ele foi barrado nos anos 1960, em um almoço no palácio do governo da Paraíba, por não estar usando gravata. Na ocasião ele disse ao funcionário que o barrou que era a segunda vez que entrava lá, e na primeira ele entrou nu e ninguém teria reclamado, e agora só pela falta de uma simples gravata não entraria. O que o funcionário não imaginava é que Suassuna nasceu naquele palácio, quando o pai João Suassuna governou a Paraíba.

Segue pela vertente da graça e novamente brinca com uma característica sua, seu pigarro (que seria uma herança genética de seu avô). Ele conta que quando foi secretário de cultura de Miguel Arraes (que também pigarreava muito), em reuniões os colegas achavam que ele estava ‘imitando o chefe’ para agradá-lo.

Ele segue fazendo rir ao contar que por conta de sua rouquidão teria tentado, no dia do presente evento, poupar a voz para a aula, mas alguns embaixadores foram ao seu encontro mais cedo e não paravam de elogiá-lo. O escritor se viu numa situação delicada, queria retribuir e desenvolver a conversa, no entanto precisava poupar a voz. Foi aí que um deles teria dito que pararia de fazer elogios pois ele provavelmente estaria cansado de ouvir isso de todos sempre. Foi então que

Suassuna disparou: “eu não estou cansado de ouvir isso não. Mas era só o que faltava: os equivocados não se incomodam de tacar o pau em cima de mim, agora os meus amigos não vão me elogiar para não ferir meu pudor? Não senhor! Passe meu elogio para cá!” (risos).

O escritor brinca com o fato de que se sua aula estiver tediosa as pessoas podem ir saindo que ele não vai achar ruim. Diz que não vai a aula de ninguém, só as dele pois não tem outro jeito. (o ‘fazer pouco de si’ era uma estratégia que sempre utilizava para cativar o público).

Antes de entrar no assunto que teria escolhido para a aula em questão (uma visão do Brasil), Ariano comenta que seria um louco pois voltou a ser secretário de cultura (se referindo ao trabalho árduo e ao quanto fica exposto estando a frente do cargo).

O literato apresenta críticas à arquitetura de Brasília pela falta de cor, que não combinaria com o que é o Brasil, mas enaltece a genialidade de Oscar Niemeyer. Já encaixa mais uma de suas tiradas conhecidas, a de que acha muito deselegante falar mal de alguém na cara desse alguém, afinal, não custaria nada esperar a pessoa dar as costas e sair para poder falar-lhe mal (risos).

Ele entra em questões políticas e elogia o momento de união da América Latina, tira de sua pasta além dos óculos, alguns materiais de apoio que costumava carregar para ilustrar suas falas durante as apresentações. Traz dados estatísticos e refaz um caminho histórico que chega até o império Romano, para explicar a arrogância dos Estados Unidos. Mas o professor garante que eles não vão derrotar os países pobres (como o Brasil) e suas pluralidades e riquezas culturais. Esse olhar sobre a ameaça que Ariano considerava existir, se manteve. No entanto ele aprendeu a fazer uso da mídia e não mais confronta-la por completo.

O poeta paraibano sai em defesa da língua portuguesa, um tema recorrente nas aulas, mas que era abordado sempre de maneiras diversas. Vários acontecimentos pelos quais o dramaturgo passou levavam ao enaltecimento da língua portuguesa. É o caso de quando analisou a possível pobreza da língua inglesa,

destacando quão caricato eram nomes próprios de pessoas e lugares americanizados. Mas o caminho para as críticas passava sempre pelo humor.

Ariano alerta para o risco de cair na uniformidade e perdermos nossa identidade. Para isso cita frases de Napoleão Bonaparte e Cervantes. Diz que não liga ao ser chamado de arcaico, e diz que nunca vai se vender para tentar ser moderno. Ele defende o que realmente acredita. Arranca risos e aplausos ao justificar a pobreza do idioma inglês ao explicar, pegando um copo de vidro, que o objeto, em inglês seria apenas “*glass*” (que significa vidro e copo ao mesmo tempo). Brinca ainda que o alemão seria uma língua ‘rosnada’ e que se ele tivesse nascido na Alemanha ele seria burro e nunca aprenderia a língua. Emenda a fala nos elogios à musicalidade da língua portuguesa. O humor segue presente em cada abordagem.

Em um determinado momento ele enaltece o compositor Vila Lobos, o escultor Aleijadinho e diz não ter inveja de país nenhum, dada a riqueza cultural brasileira. Se mostra indignado com quem afirma que o Brasil começou com a chegada dos portugueses, para contrapor tal ideia ele apresenta imagens de esculturas rupestres em baixo relevo, com mais de 2000 anos, desenhadas em uma pedra localizada no interior da Paraíba, a Pedra do Ingá. (conteúdo didático sobre arte brasileira).

Apresenta em slides fachadas de casas coloridas da cidade de Piranhas (Alagoas). Quando o equipamento de projeção das imagens falha, o teatrólogo não desperdiça a oportunidade de fazer a plateia sorrir com ele, ao dizer que a falha técnica era que a tecnologia não gostava dele. O improviso era comum em seu auto-espetáculo.

Se defende das acusações de xenófobo dizendo que não entende o fato de não ter o direito de defender, enaltecer e se encantar com a própria cultura. E ainda por cima considerar uma falsa ideia de modernidade de outros países como algo superior ao que se vê no Brasil. Suassuna segue colhendo risos e aplausos durante todo o tempo que dura seu espetáculo.

## APÊNDICE B – PALESTRA/AULA-ESPETÁCULO RAÍZES POPULARES DA CULTURA BRASILEIRA\_PARTE 1

### **Palestra no formato de aula-espetáculo ‘reduzidíssima’**

(Parte 1) Raízes Populares da Cultura Brasileira foi tema da aula magna de Ariano Suassuna (82 anos) no Theatro Municipal de Paulínia, São Paulo, em 2009a, organizado pelo Diretório Central dos Estudantes Celso Furtado da Facamp. Duração: 41min 47seg.

Canal Anderson Rodrigo dos Santos, 2,41 mil inscritos. 313.118 visualizações, 9,5 mil likes.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M3MSqbE2r04>

Acesso em: 26 set, 2020. YouTube.

Suassuna começa sua palestra falando do quanto se assombra diante de uma plateia nova, comenta da labirintite que teria sofrido na viagem de Recife para São Paulo, e emenda com uma piada de um bêbado que tentava entrar na própria casa, mas não acertava o buraco da fechadura, quando alguém se ofereceu para ajudar o bêbado colocando a chave, ele disse que bastava que a pessoa segurasse a casa no lugar e ele conseguiria encaixar a chave e entrar na casa. O escritor conta que ficou tonto como o bêbado da piada por conta da citada labirintite. Como um bom comediante, o poeta aproxima o público do seu dia a dia e faz piada com sua própria situação.

Ele brinca com a idade, de antemão já se desculpa e promete tentar dar uma aula razoável. E só após essa introdução (que durou pouco mais de 5 minutos), que ‘quebra o gelo’ com a nova plateia, ele inicia o conteúdo da aula em si.

Se quisermos tornar o país uma verdadeira nação, termos que nos atentar e lutar pelo que chamo de quarto estado, que seria o povo do que Machado de Assis chama de Brasil real, e não do Brasil oficial. E foi isso que desde muito cedo eu tentei fazer dentro do meu ofício de escritor, dramaturgo, romancista e poeta: eu resolvi prestar atenção à arte do povo do Brasil real. Isso pra ver se eu conseguia assim criar uma arte, que do ponto vista político apresentasse um caminho para que a nossa nação se torne uma nação verdadeira. Eu não queria imitar o teatro de nenhum outro país, eu queria um romance, um teatro e uma poesia, que expressasse meu país e meu povo. E foi aí que eu me vi diante da literatura de cordel, que é a literatura do povo do Brasil real. (Ariano, 2020).

Em um determinado momento o poeta explica detalhadamente o que é a novela picaresca e a novela de cavalaria (apresentação de conteúdo didático, que geralmente era precedida por alguma história de cunho humorístico).

Dentro das provocações descritas em aulas-espetáculo que abordam as questões polêmicas entre Suassuna e a cultura massiva, ele fala que há muitos anos era confrontado com as ideias de alguém que os 'equivocados' considerava ser um pensador visionário, Marshal McLuhan (com quem Ariano brinca ao se referir como um 'sujeito antipático'). Um dia uma dessas pessoas foi na porta da sua casa sugerindo que ele parasse de escrever pois McLuhan já havia provado que a televisão tinha tornado o livro ultrapassado. Ariano então pergunta: "Ah é? E como você tomou conhecimento dessas teorias dele?" Aí o sujeito me respondeu: "McLuhan escreveu um livro dizendo isso." "eu disse: 'como é rapaz???? Esse eu não levo à sério não: um sujeito que pra dizer que o livro tá ultrapassado escreve um livro? Por que não sustentou isso em um programa de televisão? É porque ele sabe que a televisão é efêmera, e o livro fica, se prestar. Ninguém me engana não: sou sertanejo e tenho os olhos abertos para essas besteiras todinhas. (risos da plateia).

## APÊNDICE C – PALESTRA/AULA-ESPETÁCULO RAÍZES POPULARES DA CULTURA BRASILEIRA\_PARTE 2

### **Palestra no formato de aula-espetáculo ‘reduzidíssima’**

Raízes Populares da Cultura Brasileira foi tema da aula magna de Ariano Suassuna (82 anos) no Theatro Municipal de Paulínia, São Paulo, em 2009b, organizado pelo Diretório Central dos Estudantes Celso Furtado da Facamp. Duração: 41min 05seg. Canal Anderson Rodrigo dos Santos, 2,41 mil inscritos. 41.152 visualizações, 1,8 mil likes.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DbH4sike51Q>

Acesso em: 23 abr. 2022.YouTube.

Durante a palestra Ariano lê alguns textos, discute questões políticas, menciona o presidente Lula e aqueles que seriam seus grandes feitos, traz exemplos de importantes representações da cultura popular nacional.

O professor faz piada com a Banda Calypso (mencionada em algumas aulas-espetáculo, pois o escritor considerava o grupo um exemplo de falta de qualidade musical). A opinião funcionava bem durante as aulas, fazia a plateia rir. Mas repercutiu a ponto de se tornar notícia nos jornais com direito a desdobramento e resposta por parte do produtor da banda paraense.

Na sequência o teatrólogo apresenta um vídeo da dança e da música armorial, mas era comum que os equipamentos eletrônicos demorassem a reproduzir seus materiais, e Suassuna usava o fato para provocar o riso no público.

Antes da exibição do material audiovisual, Ariano faz outra colocação que lhe é bem característica. Ele pede à plateia que após o vídeo lhe dê um sinal se gostaram (aplausos). São cerca de 24 minutos apresentando música e dança armoriais, a fim de ilustrar a arte idealizada por ele em uma representação do Brasil com o qual sonhava para o povo brasileiro, que teria o direito de conhecer e se reconhecer através dos elementos identitários que, na sua opinião, estariam presentes nas brincadeiras populares.

O professor encerra comentando uma matéria do crítico musical Eduardo Miranda, que considera a Banda Calypso 'a cara do Brasil'. Com seu jeito humorado Ariano tira de sua pasta o periódico e lê trechos da matéria. O artista circense escolhia as frases que teriam maior efeito no público e lia dando pausas (planejadas) fazendo uso de expressões faciais engraçadas como quem se espanta com o texto, e com isso arranca gargalhadas da plateia.

Em seguida o literato demonstrava sua indignação (mas sem perder o bom humor) sobre a afirmação do crítico musical Miranda de que o Brasil tinha a cara do brega. Ariano prontamente afirma que o Brasil seria belo e multifacetado, e teria a cara dos jovens que ali estavam e dos músicos e dançarinos armoriais que teriam sido vistos no vídeo. Ele é ovacionado e aplaudido de pé.

## APÊNDICE D – AULA-ESPETÁCULO CHAMADA AO PIANO

### **Aula-espetáculo, formato ‘reduzida’**

Músicas de Padre Jaime Diniz e Capiba, coreografadas pela bailarina Maria Paula Costa Rêgo e dançadas por ela e pelos bailarinos de formação popular Meia Noite, Ana Paula Ferreira, Jafelis Nascimento e Pedro Salustiano. A ideia do nome da aula é “chamar” o povo brasileiro para ouvir a boa música para piano feita por compositores nacionais. Local: no Ginásio do Colégio Cardeal Arcoverde, Arcoverde – PE

Direção: Henrique Ferreira

Possível data: 2010

Assistida em 26 de setembro de 2020. DVD.

O teatrólogo inicia o espetáculo comentando sobre um tal de Ariano Suassuna. Contava que “esse danado desse Ariano era um velho cabuloso que dava um trabalho danado”. As vezes ele deixava escapar que quem estava o tempo todo ali era ele próprio, e falava de seu amor por Zélia, do apreço pela cultura popular brasileira, ou mesmo sobre o sentido de seu vestuário. A intenção com as citações de sua própria figura era começar o espetáculo descontraindo, ao fazer a plateia rir dele.

O dramaturgo brinca com o que ele considerava algo apenas ‘barulhento’, no caso o rock, mencionando a música Cérebro Eletrônico, de Gilberto Gil (que pela interpretação do escritor, parece fazer apenas uma homenagem ao eletrônico). Mas o próprio Suassuna já afirmou “Eu e a máquina temos alguma coisa em comum, alguma coisa de cada um de nós se encontra também no outro; ao mesmo tempo, só eu posso falar por mim. Somos humanos e máquinas.” (Suassuna apud Nogueira, 1998).

Ariano justificava sua desconfiança com a tecnologia afirmando que na verdade não era ele que não gostava do computador, e sim o computador que não gostava dele. Para explicar sua afirmação ele citava um exemplo de quando um de seus netos teria digitado o nome do educador na tela do computador e a máquina teria recusado. Suassuna faz a graça ao revelar que a máquina teria sugerido uma correção: de ‘Ariano Vilar Suassuna’ para ‘Ariano Vilão Assassino’. Mas se digitarmos nos dias

atuais o nome seu nome em páginas de pesquisa da internet teremos uma vastidão de informações sobre Ariano Suassuna.

O professor comenta que já teria sido acusado de nepotismo, pois os cenários de seus espetáculos foram feitos por seu filho, o artista plástico Dantas Suassuna, mas ele esclarece que a escolha se deu pela linha estética do trabalho de Dantas, que dialoga com sua proposta de buscar nos elementos mais remotos basilares para a formação artística brasileira, seguindo os preceitos do Movimento Armorial.

Ao final da aula, ele relembra que tinha o sonho de ser palhaço, já que esse é o artista que espalha alegria por onde passa. Destaca ainda que sempre foi, desde pequeno, apaixonado pelo circo. E diz que o espetáculo que ele idealizou e está ali realizando é o seu *Circo da Onça Malhada*, e que com ele viaja por Pernambuco e pelo Brasil, levando a arte e o riso. O protagonista do episódio *O Vidente*, da série *Histórias Quase Verdadeiras*, é um sujeito amargurado, pela perda prematura do pai. Mas a trama apresenta como contraponto à dor, a alegria do circo e o encantamento de uma criança pela figura do palhaço.

## APÊNDICE E – AULA-ESPETÁCULO A CADÊNCIA, O CASTELO E A CANTORIA

### **Aula-espetáculo, formato ‘reduzida’**

(Participação do músico violonista Antonio Carlos Madureira. Local: Ginásio (no município de Panelas – Pernambuco).

Provável data: 8 de outubro de “2010”

Assistida em 2 out. 2020. DVD.

Começa enaltecendo os cantadores, lembra de quando, aos 19 anos, organizou um encontro de cantadores (essa é considerada por nós a primeira aula-espetáculo). Recita os versos populares que serviram de inspiração para o enterro do cachorro no *Auto da Compadecida*.

Explica o formato dos versos de martelo agalopado (trazendo um conteúdo formal de conhecimento).

Sobre o assédio para ir para a televisão (não identifica com quem foi a conversa) ele explicou que a tiragem de um livro seu era de 2.000, 3.000, a pessoa riu e respondeu que o público da televisão se conta em milhões. Então foi perguntado por que esnobava a televisão. Ele afirmou não aceitar como a televisão estava caminhando, se ele permitisse a adaptação de uma obra sua, um dos dois (ou ele ou a TV) teria que mudar o passo. O que de fato aconteceu, a TV concordou em trazer para as telas não só o teatro de Suassuna, mas o universo armorial na sua completude, que cerca a obra literária dele.

Volta a afirmar que lutará pela cultura brasileira até o fim: “Eu tenho uma língua afiada que só a peste, e essa tá a serviço do meu país e do meu povo [aplausos]. Eles vão ouvir desaforo meu até... eu não digo até eu morrer não pois eu não pretendo morrer, mas eles vão ouvir até eles morrerem.” Ariano faleceu em 23 de julho de 2014, após sofrer uma parada cardíaca. Mas como ele mesmo profetizou, mesmo após sua morte, seu legado, palavras e ideário, seguem vivos. Isso graças ao poder da comunicação massiva: televisão, *streaming*, sites e páginas eletrônicas (como a plataforma YouTube).

## APÊNDICE F – PALESTRA/AULA-ESPETÁCULO A RIQUEZA E ENCANTOS DA CULTURA BRASILEIRA

### **Palestra no formato de aula-espetáculo ‘reduzidíssima’**

Evento especial promovido pelo Sinprosp – Sindicato dos Professores de São Paulo. 29 de setembro de 2011. Duração: 1h44min 45seg.

Canal do SINPROSP, com 13,7 mil inscritos. 1.210.151 visualizações, 26 mil likes.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HuRc-UVxIbk>

Acesso em: 20 abr. 2022. YouTube.

É possível perceber ao assistir à apresentação que se tratou de um evento menor. Ariano estava visivelmente cansado, o peso da idade é um fato a ser levado em conta. Ele abre a aula-espetáculo se desculpando pela péssima condição de sua voz, ainda mais fraca e rouca, segundo ele por conta da mudança climática. Mas ainda assim ri da situação e ri de si.

Ele conta uma piada sobre doidos e emenda dizendo que tem certeza de que o povo brasileiro o escolheu para uma missão, mas brinca que qualquer dia o povo brasileiro vai dizer: “eu???? Eu mesmo não!”. O público se diverte.

Segue enaltecendo o povo brasileiro e contando que em outros tempos o brasileiro não tinha orgulho de si, mas sim vergonha, que bom mesmo era ser suíço.

Ao contar que divide a humanidade em dois grupos: um a formado pelos que compartilhavam de seus ideais e o outro grupo era o dos equivocados. Ele já aguarda as gargalhadas que logo vêm. Um desses ‘equivocados’ o teria chamado de Dom Quixote arcaico considerando o escritor um sujeito que travara uma luta inútil contra os moinhos de vento da globalização. Mas para ele ser chamado de Dom Quixote não era uma ofensa e sim um elogio, pois é um personagem que sempre admirou.

Lembrando de histórias e piadas antigas, ele envereda pela política e pelas artes ao contar a história do riso, a teoria aristotélica do cômico, e exemplifica com histórias/piadas trágico-cômicas. O professor faz com que todos riam dele, ao afirmar

que mais parecia uma caricatura (por se achar feio). Ele se diverte e ri junto com o público. Em seguida retoma a exposição da teoria de Bergson.

Conta sobre sua antipatia por viagens de avião já que nunca eram boas: pois quando não eram tediosas eram fatais. Ele rezaria sempre para que a dele fosse a tediosa. Percebemos que alguns temas, ainda que recorrente, se desdobram e viram gancho para novos comentários engraçados.

O episódio 3 da série televisiva *Histórias Quase verdadeiras – Verdades no Ar* – brinca com os ‘avionistas’ (pessoas que tentavam convencer Suassuna de que o avião era um meio de transporte seguro. No conto três amigas de longa data resolvem fazer uma viagem de avião juntas e em plena turbulência durante o voo várias mentiras que existiam entre elas vêm à tona.

Ao falar das suas duas paixões, a leitura e o circo (que para ele era uma representação do teatro nas cidades do interior do país), declara com felicidade que tinha seu próprio circo, o da *Onça Malhada*.

O literato compara bandas de rock (como os Rolling Stones) com Machado de Assis, e faz assim a mesma defesa da cultura brasileira de sempre. Critica a ideia de que a história do Brasil teria cinco séculos, sem considerar a cultura indígena e a arte rupestre.

Para ilustrar a sua colocação de que existe sim uma cultura brasileira, Ariano coloca uma música instrumental espanhola, e depois explica como a tal música nos remete a touradas e elementos locais da Espanha. De repente, como que de improviso, ele pede para colocarem novamente a música que ele vai representar a Espanha. A plateia vai abaixo de tanto rir com o sujeito magro e alto, que faz cara e bocas enquanto incorpora um toureiro. Ele dança já ao som de muitos aplausos. Por fim o artista diz que espera que todos tenham visto como ele acertou o touro enquanto dançava.

Outro assunto trazido é a chatice que ele considerava ser a Suíça. Na sequência Suassuna conta algumas piadas já mencionadas aqui. Ele aborda o fato de considerar que as universidades no Brasil ensinarem de costas para o país,

exemplificando como os estudantes geralmente não conhecerem o filósofo Mathias Aires.

Com fotos que seriam os primeiros registros do teatro indígena brasileiro ele compara essa arte ao teatro de máscara que acontece em diversas festividades brasileiras. O literato alerta que o Brasil precisaria se enxergar melhor para se dar mais valor. Nesse momento tem-se uma visão do professor exibindo seus materiais de apoio (fotografias e cartazes).

## APÊNDICE G – PALESTRA/AULA-ESPETÁCULO COM ARIANO SUASSUNA (TST)

### **Palestra no formato de aula-espetáculo ‘reduzidíssima’**

18 de abril de 2012, na inauguração do auditório Ministro Mozart Victor Russomano. Brasília, DF. Duração: 1h4min 15seg.

(Ariano Suassuna, 85 anos).

Canal do Tribunal Superior do Trabalho, 200 mil inscritos. 5.658.721 visualizações, 122 mil likes.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac>

Acesso em: maio 2021.

Suassuna se apresenta com a voz bastante debilitada.

Por ser um evento da área do Direito, o palestrante começa usando o tema como gancho para lembrar que, apesar de ser formado em direito (além de filosofia), isso se devia apenas à falta de opção na sua época, pois ele era ruim em fazer conta, então não poderia ser engenheiro, e não gostava de abrir barriga de lagartixa na infância, então também não seria médico. Assim, só lhe restou estudar Direito. A cada anedota contada ele aguarda o *feedback* da plateia.

Ariano que se dá mal com aparelhos tecnológicos desde jovem e exemplifica com sua falta de jeito até para atender o telefone fixo. Ele conta que seu primeiro emprego foi no escritório de advocacia

O literato descreve a situação: “Olhe, eu vou dizer uma coisa a vocês, até advogado eu já fui (risos). Me perdoe se tem algum advogado aqui. Eu fui estudar direito porque me juntei com um bando de gente que não dava pra nada feito eu: Hermillo Borba Filho, diretor de teatro; Aloísio Magalhães, artista plástico. Pois bem, eu fui trabalhar no escritório de um grande advogado, Murilo Guimarães. Eu fiquei lá por falta de emprego. Olhe, eu nunca sofri tanto. Eu não tenho habilidade nenhuma para ser advogado. Eu não sei nem usar um telefone (gesticula e fala pausadamente, para chamar a atenção para o que está falando). Eu não simpatizo com os aparelhos eletrônicos e eles retribuem a antipatia. Eu quero celular nada, ele fala com a gente sem a gente estar vendo a pessoa (a plateia ri). Telefonema para mim tem que ser no

estilo tradicional. Tem que dizer: “alô, quem fala?” Se não disser isso eu me atrapalho todo. Pois bem, um dia eu estava sozinho no escritório de advocacia. Aí tocou o telefone perto de mim. Eu tive que atender. A pessoa em vez de dizer “alô, quem fala?” o homem disse logo, “quem fala?” Disse: “Ariano Suassuna”. Ele se desculpou e afirmou ter ligado errado. Eu fiquei agoniado, ele queria falar com Doutor Murilo. Tocou de novo, eu atendi e quando ele perguntou quem era, eu disse que era Murilo Guimarães. (risos). Ele perguntou: “como vai você Murilo? Eu disse que eu não era Murilo não.” Ele perguntou por que eu menti. Expliquei que quando eu dizia meu nome ele desligava. (aplausos). Ele me mandou chamar Doutor Murilo e eu disse que ele não estava. O rapaz perguntou: “E ele demora?”. Eu respondi que achava que sim, ele estava na Europa. Ele perguntou porque eu não tinha dito logo. Eu respondi: “por que o senhor não perguntou”. (gargalhadas). Quando eu disse que eu era o assessor do advogado ele se espantou e disse que eu não sabia nem atender o telefone e me mandou deixar a carreira. Aí eu deixei. (risos).

Comenta sobre um jornalista que o chama de ‘o último nordestino vivo arcaico e nefasto’, os outros já teriam morrido (Lampião, Padre Cícero e Antônio Conselheiro). Ele disse que até para ofendê-lo o jornalista foi incompetente, pois se sentiu honrado ao ser comparado a um guerreiro, um padre e um profeta.

Critica a Banda Calypso, e a matéria de Eduardo Miranda na Folha Ilustrada, que considera a banda a verdade do povo brasileiro, e o guitarrista Ximbinha genial. Ariano se queixa disso que seria o nivelamento pelo gosto médio.

O dramaturgo conta orgulhoso que já tinha visitado 72 municípios de Pernambuco com seu circo, oferecendo essa arte brasileira. Apresenta vídeo com música Toré (de Zoca Madureira) dançada por Maria Paula Costa Rêgo em outra aula-espetáculo, para provar a qualidade daquela que, segundo ele, era a real arte brasileira.

O professor relembra uma história vivida por ele e já contada em outras aulas, que trata do desgosto por ter sido chamado por um opositor político de Eduardo Campos, de secretário figurativo. Ele protestou, pois mesmo detestando viajar andava pelo Estado e pelo país levando uma proposta cultural com bases estéticas semelhantes às que integram o pensamento armorial.

## APÊNDICE H – COMPILAÇÃO “OS CAUSOS ENGRAÇADOS DE ARIANO SUASSUNA”

Canal Território Conhecimento (não consta o número de inscritos).

Duração total: 1h10min 14seg. 4.968.243 visualizações, 189 mil likes.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aw\\_IZ6uTYtE](https://www.youtube.com/watch?v=aw_IZ6uTYtE)

Acesso em: 23 abr. 2022. YouTube.

### *Trecho 1:*

Ariano Suassuna faz uma defesa da língua portuguesa, comparando-a ao espanhol e ao inglês, falando da pobreza que é o termo “copo de vidro” no idioma americano. Para defender sua opinião, ele cita algumas histórias, sempre fazendo uso do humor. Ele brinca com as limitações do idioma inglês, que seria ‘menos variável’.

### *Trecho 2:*

Traz uma história vivida por Ariano e famosa nas aulas-espetáculo bastante conhecida. Ele conta sobre um jantar elegante<sup>46</sup> onde se espantaram por ele nunca ter ido a Disney (Orlando-EUA). A descrição do jantar é repleta de piadas que ele faz com diversas situações que compõe o evento. Na sequência ele tece as críticas ao que parecia uma adoração ao capitalismo e aos Estados Unidos. Contra isso, ele faz menção à definição de Machado de Assis do Brasil real e do Brasil oficial.

Suassuna exemplifica o que representaria o oposto aos dois parques temáticos criticados por ele: a Oficina Cerâmica Francisco Brennand (Pernambuco), a catedral Sagrada Família, de Antonio Gaudí (Barcelona, Espanha), o Santuário de Congonhas, de Aleijadinho (Minas Gerais).

Para Ariano, as pessoas que fazem o rock brasileiro seriam ‘do partido’ de Beto Carrero. O festival musical Rock in Rio (que acontece no Rio de Janeiro) e a

---

<sup>46</sup> Ele chegou a mencionar que o jantar em questão oferecido pela esposa de um dos imortais da ABL. Suassuna floreava as histórias para ficarem ainda mais divertidas, mas nunca expunha as pessoas envolvidas.

Cavalcada de Pirinópolis (Goiás) estariam em lados opostos. Ele considerava as apresentações de simulações de rodeios que aconteceriam no Beto Carrero World “[...] a versão caricaturada e traída da cavalcada.” (Suassuna, 1996).

Para o literato a guitarra não era um instrumento e sim uma bandeira da descaracterização do Brasil. Afirma que a música que o agrada não se harmoniza com a guitarra. “vá tocar Villa-Lobos com guitarra. Fica uma porcaria. Gosto de violino, rabeça, viola brasileira, violoncelo, viola de arco, de orquestra sinfônica.” (Suassuna, 1996). Todos os instrumentos que ele citou estiveram presentes em alguma das fases da música proposta pelo Movimento Armorial.

### *Trecho 3:*

Traz parte de uma fala que já apresentamos. Trata da indignação (permeada pela graça) de alguém vir até a porta de sua casa para lhe dizer ‘verdades’ desagradáveis. Ele traz a história com humor, até na introdução, quando diz:

Eu não vou na casa de ninguém convencer ninguém a fazer coisa nenhuma. Mas na minha casa, de vez em quando baixa uma pessoa para me dizer o que que eu devo gostar, o que é que eu devo fazer, o que é que eu devo ler, que falta de sorte. (Ariano, 2022b).

Ainda nesse mote dos que tentavam convencê-lo de algo com o qual Suassuna não concordava, ele debocha dos adeptos das viagens de avião, chamados por ele de ‘avionistas’, ou praticantes do ‘avionismo’.

O poeta conta que uma pessoa, tentou convencê-lo de que o negócio agora seria o punk e o funk (faz questão de destacar que só pronuncia as palavras como elas são escritas. O público gargalha). Ao contar a história Ariano faz expressões faciais de um sujeito marrento, admirador do rock. O humorista finge tocar uma guitarra enquanto entoava a letra da música.

Rutherford, Bohr,  
Rutherford, Bohr,  
Toda parede espera um prego,  
Toda parede espera um prego  
Rutherford, Bohr,  
Rutherford, Bohr,  
Um cavalo morto é um animal sem vida,  
Um cavalo morto é um animal sem vida,

Rutherfor, Bohr,  
 Rutherfor, Bohr,  
 Em redor do buraco tudo é beira,  
 Em redor do buraco tudo é beira,  
 Rutherfor, Bohr,  
 Rutherfor, Bohr. (Autor desconhecido).

Dessa maneira ele leva a plateia ao riso em segundos. Mas o sorriso que ele dá deixa claro que era ele quem mais se divertia ao contar as histórias.

*Trecho 4:*

Trata da razão pela qual o dramaturgo ter cursado Direito. A história engata no fato de Suassuna ser inimigo da tecnologia. Na sequência sua fala é sobre o quanto ele era ruim em se comunicar por telefone e que nem celular possuía. Aqui ele trabalha com as pausas entre as falas para dar uma boa entonação humorística aos fatos.

*Trecho 5:*

É sobre uma conversa que Suassuna teve com um amigo espanhol. Nela o paraibano defende que a língua portuguesa seria a mais bonita de todas. Ele externaliza a sua indignação ao mencionar um lugar no nordeste do Brasil, que tinha um shopping chamado *Macambira's Center*. Para alcançar o tom do humor, Ariano faz 'caras e bocas' para pronunciar o termo americanizado.

Ele então brinca com nomes próprios 'americanizados', mas não sem antes se desculpar, caso alguém da plateia tivesse um nome assim. Outra história vivida e contada por ele em outros espetáculos é a de que ele, enquanto dava autógrafos, atendeu uma admiradora chamada Whendyja e outra chamada Whemytda tiveram que soletrar seus nomes para que ele escrevesse na dedicatória. O poeta questionou a segunda moça sobre ela ser irmã de Whedyja, e ela o pergunta: "como é que o senhor adivinhou?". O rapaz que viria na sequência, ao ouvir as duas primeiras teria pensado, segundo Ariano, que o escritor era analfabeto, e foi logo dizendo: "meu nome é Hugo: H-U-G-O." Essa é mais uma história presente em um dos episódios de *Histórias Quase Verdadeiras*. Vê-se no vídeo da aula-espetáculo uma plateia imensa (gente sentada até no chão do lugar) que ri do início ao fim da apresentação.

*Trecho 6:*

Suassuna trata do tema do riso, e para tanto cita Molière e seu pensamento. Ele começa contando que se encanta muito com o fato de que o povo brasileiro gosta de rir e de fazer rir, e se usa como exemplo, afirmando que fica muito contente quando ele, “que gosta de dizer besteiras” e de ver o público rindo do que fala. A autodepreciação é um dos pontos do roteiro de aulas-espetáculo que elaboramos.

*Trecho 7:*

É parte de uma entrevista concedida por Suassuna. Nela o autor apresenta o que na nossa categorização seria uma ‘história de vida’, e fala da emoção ao ter o *Auto da Compadecida* adaptado pela primeira vez em um teatro no Rio de Janeiro, onde ele seria, na época do fato, totalmente desconhecido. A peça teria sido vaiada nos três primeiros dias de apresentação e no quarto dia, quando ele estava presente (e temeroso pelas vaias que estariam por vir) a peça foi ovacionada pelo público e premiada no mesmo festival. Os entrevistadores não conseguem disfarçar o encantamento ao ouvir o sertanejo contador de histórias.

*Trecho 8:*

Suassuna fala de mais um visitante que vem vê-lo para convertê-lo. As ações e reações dos ‘equivocados’ (palavras de Ariano) era um assunto de riso garantido, já que era tão comum que seus posicionamentos e opiniões causassem polêmicas. Essa história também pode ser vista em outras aulas-espetáculo e palestras.

Certa vez Ariano foi questionado sobre qual seria sua próxima peça. Ao comentar sobre o *Auto da Compadecida*, o crítico já se adianta em afirmar que seria um fracasso, pois ninguém aguentaria mais seca, sertão e cangaceiro (risos do público). Ao ouvir os nomes dos dois personagens principais da peça (Xicó e João Grilo) o interlocutor se mostra preocupado, pois acha que ninguém terá interesse em traduzir a peça para outras línguas, pois os nomes dos personagens não seriam ‘universais’ (mais risadas ecoam da plateia). Ariano diz: “eu sou um escritor brasileiro, eu escrevo para o povo do meu país, se os outros gostarem eu acho ótimo.”

O personagem com quem o escritor estaria dialogando também seria um dramaturgo, e diz que para suas obras só escolhe nomes que possam ser traduzidos, como Martin, e exemplifica como ficaria em francês e no inglês o nome em questão. O escritor paraibano o imita na pronúncia, sempre acentuando sua interpretação com expressões faciais. Ele finaliza a história contando que, com tanto preparo da obra, o tal dramaturgo agoureiro nunca teria tido um texto seu traduzido para outro idioma. A cereja do bolo é contar como traduziram para o francês e para o inglês o nome do personagem João Grilo. (risos e aplausos).

*Trecho 9:*

O mote para o riso é a fala do educador sobre o quanto não gostava de palavrão (muito presente nos espetáculos de humor dos comediantes atuais que fazem *stand up*). Ele teria ido a uma apresentação de um humorista no Recife e não teria gostado, pois em meia hora de apresentação ele não tinha achado graça em nada, e o humorista só tinha até então falado palavrões, e Suassuna afirma que conhecia muito mais do que o humorista, pois trazia um repertório de palavrões urbanos e rurais também. A plateia se diverte. Ele segue então contando duas piadas sobre palavrões. Para contar as anedotas, o humorista Ariano literalmente dramatiza o que conta: faz as falas, os gestos, as ‘mungangas’ de cada personagem dos casos contados e isso sempre se repetia nas aulas, em diferentes trechos das histórias. O próprio espetáculo mostrava a hora certa de acentuar as expressões e as falas.

Outro episódio bem conhecido pelos admiradores do escritor é como se originou sua convicção, defendida até na simplicidade presente no seu traje, na roupa que costumava usar. Esse é o tema do trecho 10 da compilação. Ele formou tal convicção a partir da leitura de um texto de Mahatma Gandhi, sobre a importância política das vestes de cada cidadão. Em outras aulas o teatrólogo apresenta mais detalhes sobre a história.

*Trecho 11:*

Suassuna fala da simpatia que tinha pelos ‘doidos’, que, assim como os escritores, viam as coisas sempre por um ponto de vista original, procurando sempre uma verdade por trás da aparência. O caso contado envolvendo um louco de seu

estado de origem (que conduz a gargalhadas no seu final) teria ocorrido durante o período em que o pai governou a Paraíba e inaugurou um hospício durante sua gestão. Ele conta como se tivesse vivido a história.

*Trecho 12:*

“A universidade do país ensina de costas para o povo.” Frase presente no trecho 12 do vídeo. Ele teria provado a veracidade de sua afirmação mostrando que o público da aula que ele ministrava, formado por 2 mil estudantes, conhecia Kant, o maior filósofo alemão do século XVII. No entanto apenas um estudante conhecia Mathias Aires, que seria contemporâneo de Kant e o maior filósofo brasileiro na época.

Até para expressar uma informação que o preocupava e o indignava, Suassuna trazia a graça, pois ele diz que o único estudante que levantou a mão o alegrou por conhecer Aires, então quis saber como ele tomou conhecimento do filósofo: se teria lido alguma obra dele ou ouvido falar dele em alguma aula que tivesse assistido. O estudante respondeu que só conhecia por ser esse o nome da rua em que morava. Ele finaliza dizendo que “A gente ri de uma situação dessas porque a história é engraçada, mas o que está por trás disso é muito ruim. A gente não dá importância a um pensador da qualidade de Mathias Aires.” E finaliza declamando um texto do filósofo. O poeta transformava em riso algo ruim, a partir da graça que fazia. Em seguida destaca a seriedade do fato, lamentando a desinformação exemplificada por ele.

*Trecho 13:*

Esse é um dos episódios do programa televisivo *O Canto de Ariano*. nele Suassuna trata da importância para ele, do Dia de Reis, 6 de janeiro, pois teria sido nesse dia, no ano de 1948, que o poeta teria pedido a esposa Zélia em casamento.

Em mais um trecho de palestra (o de número 14), Suassuna conta a sua história de amor com a esposa Zélia, que teria se encantado com ele no primeiro encontro. Como eles se conheceram e o quanto eles se encantaram um com outro. Ele brinca que a sorte de homens feios como ele, é que algumas mulheres lindas como ela teriam um mal gosto sem igual, e se refere a Zélia, diante de toda plateia como um ‘esplendor’

que ali estava. Ele termina a fala sobre aplausos incansáveis e com a voz embargada, emocionando a todos.<sup>47</sup>

Trecho 15:

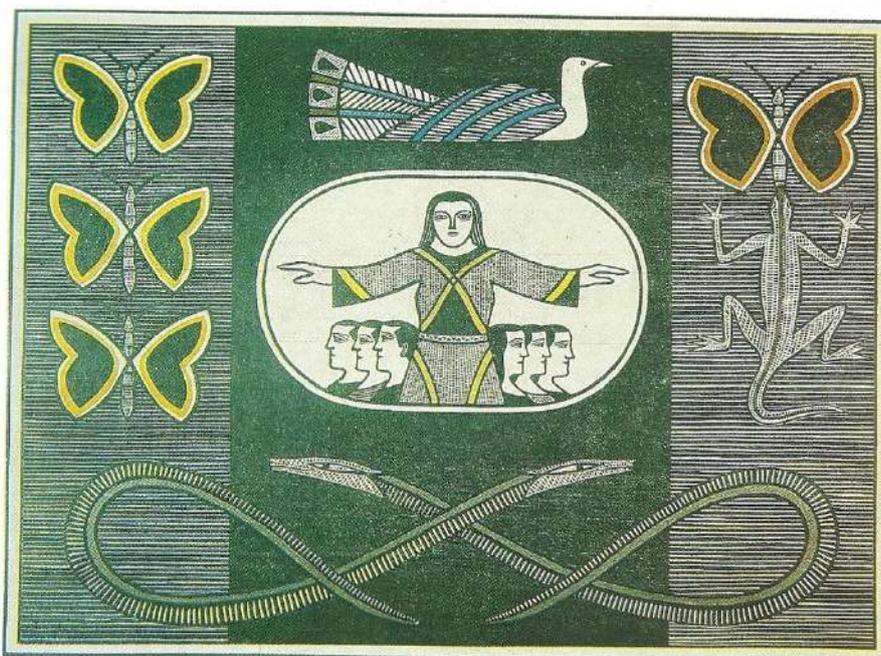
Assim como o 14, o 15 também nos apresenta o palestrante sob forte emoção, que o faz pausar sua fala para se recuperar e não chorar. Ele relembra uma aula-espetáculo ministrada em uma praça pública, no município do sertão pernambucano, Belém do São Francisco. Destaca o respeito e a alegria do público. Fala ainda da alegria que sentiu ao ouvir de uma senhora, que nunca tinha pensado em ver um espetáculo tão lindo como o dele antes de morrer. Ele disse que aquele elogio pagou todo o cansaço e sacrifício de, naquela idade que ele tinha, sair viajando pelos municípios apresentando com seu circo armorial. As experiências compartilhadas nos palcos pareciam revigorá-lo.

---

<sup>47</sup> O trecho mencionado, a história do amor de Zélia e Suassuna, vem atualmente sendo, como diz a própria mensagem que aparece no aplicativo WhatsApp “mensagem encaminhada com frequência”. A mensagem em questão nada mais é do que um trecho da aula-espetáculo que estamos tratando aqui, que vem sendo repassada com o áudio acompanhado de uma foto do casal.

**ANEXO A – Projeto Cultural Pernambuco - Brasil**

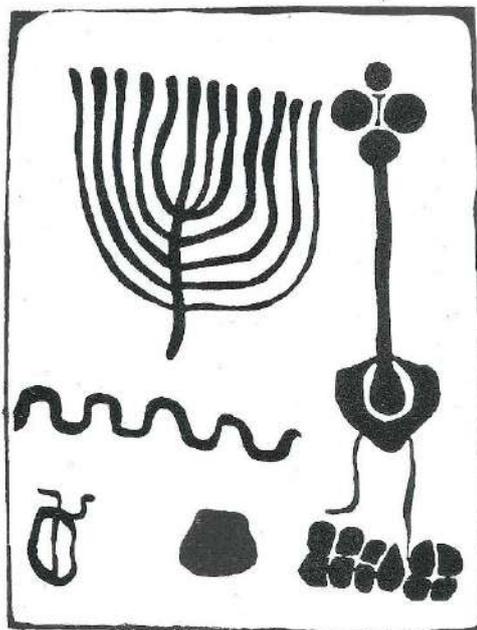
# **PROJETO CULTURAL PERNAMBUCO — BRASIL**



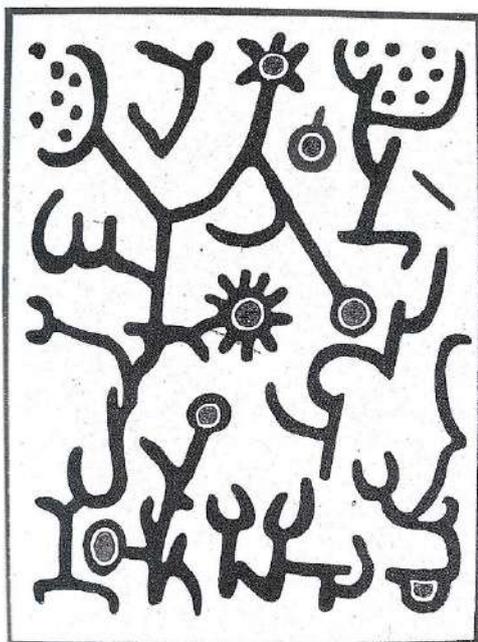
**GOVERNO DE PERNAMBUCO  
SECRETARIA DE CULTURA**

## ARTE ARCAICA E ARTE DE VANGUARDA

Joan Miró, um dos maiores pintores do século XX, afirmou certa vez: “Depois da arte das cavernas tudo é decadência”. Não indo tão longe, acreditamos porém que a arte rupestre é tão importante quanto qualquer outra. Não existe progresso em Arte: existem mudanças, variações. A visão exclusivamente eurocentrista da Cultura é que tem causado certos preconceitos e graves erros de avaliação em tal campo. Por exemplo: o uso da perspectiva não indica que a arte renascentista seja superior à medieval. Significa apenas que, no século XVI, houve uma mudança nos caminhos da Pintura. E tanto assim é que, no século XX, houve outra variação e a perspectiva foi novamente abandonada.



Pintura rupestre nordestina

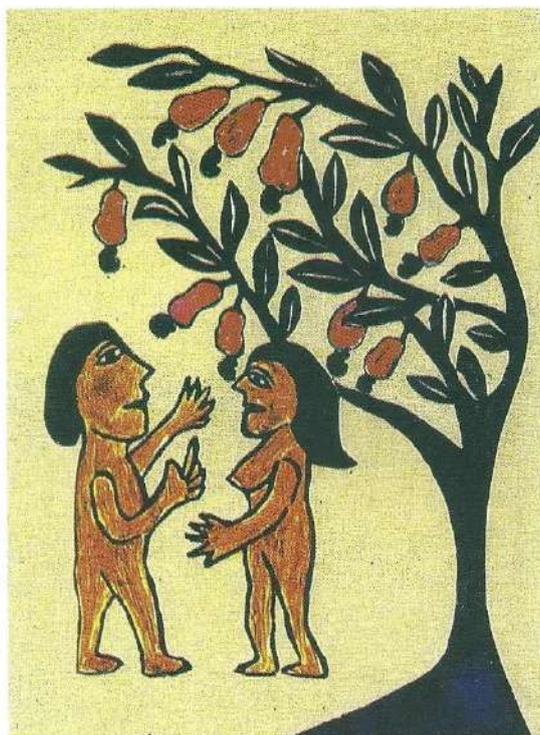
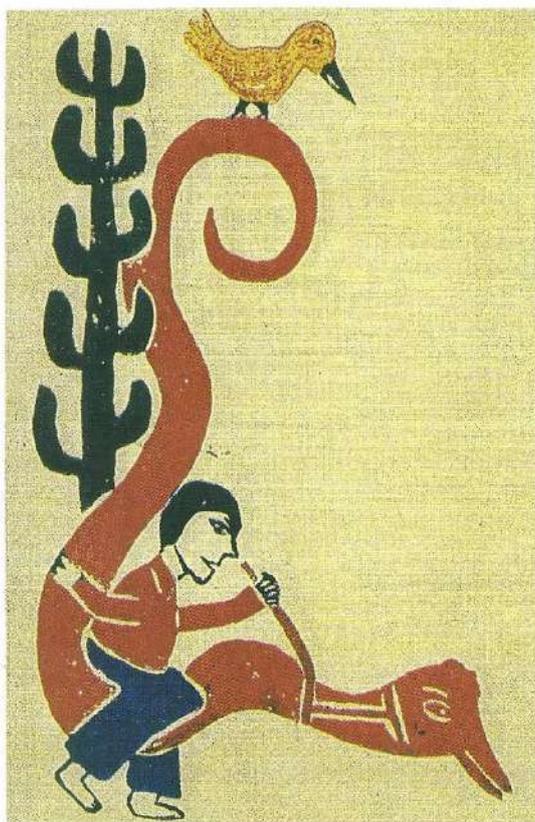


Paul Klee — Vegetação sobre rochas

Por isso não se pode dizer que “Vegetação sobre rochas”, de Paul Klee, seja superior a certas pinturas rupestres nordestinas, por serem estas “arcaicas” e a dele “de vanguarda”. São igualmente valiosas, e, curiosamente, mantêm entre si um parentesco estético, apesar dos mais de 2.000 anos que as separam no tempo.

## ARTE NACIONAL E ARTE UNIVERSAL

Por outro lado, de início toda obra de arte é ligada a um lo-



Gravuras de Amaro Francisco

cal determinado, toda arte é nacional. Ninguém mais alemão do que Lucas Cranach, ninguém mais espanhol do que Cervantes, ninguém mais veneziano do que Goldoni, ninguém mais russo que Dostoievski, ninguém mais francês do que Debussy. Agora, as obras de Cranach, Cervantes, Goldoni, Dostoievski e Debussy, criadas em locais determinados e com todas as características dos países em que foram realizadas, tornaram-se universais por sua alta qualidade e pela divulgação que alcançaram, o que permitiu a cada uma delas ser incluída no patrimônio comum da Arte mundial.

Assim, é também um mero preconceito considerar estreita e arcaica toda obra de arte que se preocupe com a identidade nacional. Não existem obras de arte universais: as que assim são consideradas são apenas universalizadas, pela qualidade e pela divulgação.

### **ARTE ERUDITA E ARTE POPULAR**

Um terceiro dado a destacar é que a distinção entre arte e-



Gravura de Amaro Francisco

rudita e arte popular só pode ser formulada no caso de países em que uma cultura dominou outra. Logo após a invasão da Península Ibérica pelos romanos, a cultura latina, dominante, tornou-se lastro da cultura erudita, enquanto os povos ibéricos, dominados, faziam o mesmo com a sua em relação à cultura popular. Na verdade, é da reinterpretação da cultura romana pelos povos ibéricos (e por outros povos da Europa mediterrânea) que, a partir daquela recriação, surge a cultura românica, cuja arte, por isso mesmo, guarda tanta semelhança com a arte popular brasileira.

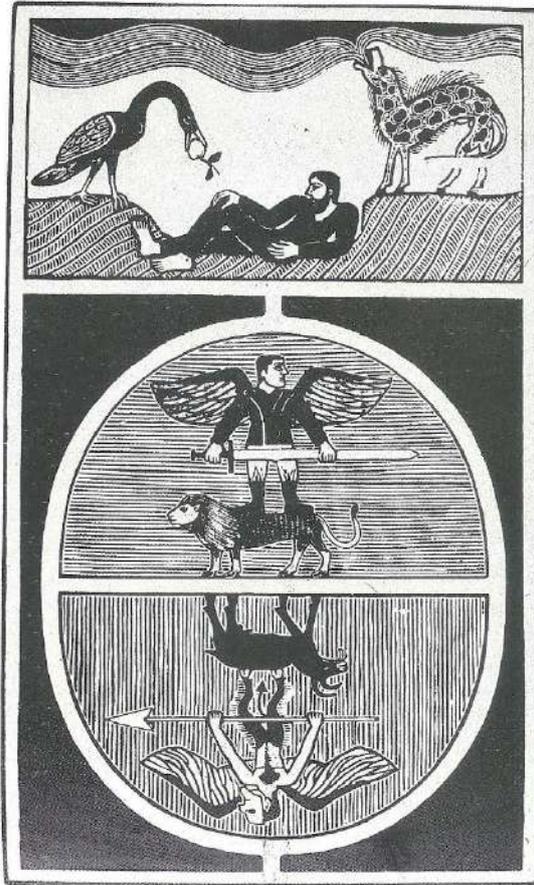
h

É que, no Brasil como nos demais países da América latina, a cultura ibérica romanizou o país, tornando-se base da cultura chamada erudita. E ao ser reinterpretada por negros, índios e mestiços, deu origem à cultura popular. A distinção entre as duas pode ser mantida, portanto.

Mas não como se houvesse qualquer superioridade de uma sobre a outra.

Por isso o "Projeto Cultural Pernambuco-Brasil", planejado para os quatro anos do Governo Arraes, terá como centro a arte popular brasileira, ou então aquela que, não sendo popular de origem, é porém nacional por ser visceralmente ligada ao popular. Amaro Francisco é um grande artista brasileiro que faz gravuras em madeira e, como pessoa, é de origem popular. Gilvan Samico é um grande gravador brasileiro que, não sendo popular, cria porém sua extraordinária gravura em ligação estreita

com a gravura popular (que, a partir de certo tempo, passou, inclusive, a receber influência dele). Mestre Galvão, de Caruaru, é um grande ceramista brasileiro — e popular. Francisco Brennand é um grande ceramista brasileiro cuja obra (hoje universalizada, como a de Miró) entre outras características tem a de se ligar à cerâmica feita pelo povo de nosso País. O Cego Oliveira, tocador de rabeca do Sertão nordestino, é um grande músico brasileiro, popular pela origem assim como pelo espírito e pelas formas de sua composição e execução. Heitor Villa-Lobos é um grande compositor brasileiro cuja obra se fundamenta nas raízes nacionais e populares da nossa música.



Gravura de Gilvan Samico

h

É por isso que, no Projeto, não se faz qualquer discriminação entre arte “arcaica” e arte “moderna”, entre arte “nacional” ou “universal”, entre arte “erudita” e arte “popular”. Todas elas são encaradas como pertencentes a uma imensa fraternidade, na linha da riqueza e variedade das diversas etnias que compõem nossa população. A única restrição dirige-se contra os servís e imitadores, isto é, aqueles que, confundindo inovação com renovação, se curvam ansiosos diante de qualquer “novidade” que nos vem de fora como se fosse verdadeiramente de vanguarda.

É, portanto, sob a visão desta bela e fecunda “unidade de contras-

tes” que é o Brasil que o Projeto foi concebido, abrangendo as manifestações artísticas referidas a seguir.

### PROJETO LUIS ÁLVARES PINTO — GRUPO ROMANÇAL — AS AULAS- ESPETÁCULO

Para iniciar as atividades que, no Projeto, se ligam à Música e às Artes Cênicas, criou-se o Grupo Romançal, onde se reúnem músicos, atores e dançarinos. O grupo é o responsável principal pelas “aulas-espetáculo”, das quais a primeira já foi ministrada, com explicação sobre a cultura brasileira popular e erudita, com exibição de números de música e dança ou de

imagens ligadas à Arquitetura, à Escultura, à Pintura, à Gravura, à Cerâmica e à Tapeçaria.

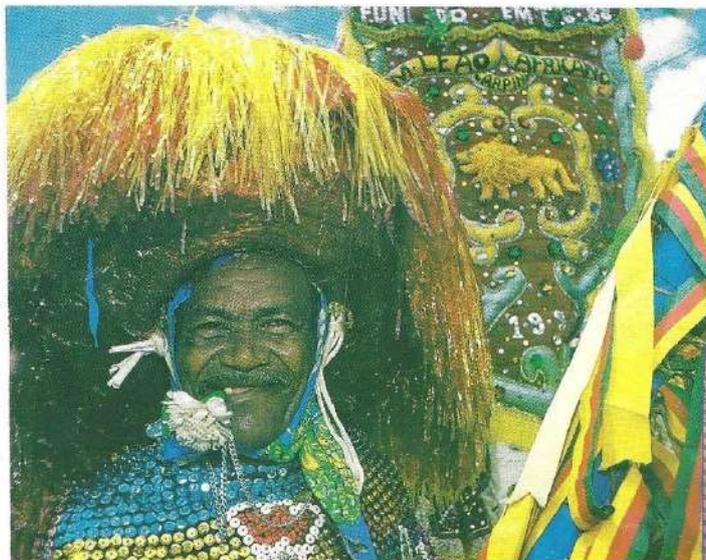


Cerâmica de Picasso



Escultura indígena brasileira

Da aula, foi feito um vídeo que vai servir de ponto de partida para os trabalhos do Projeto no campo do Cinema e da Televisão. Além disso, o Grupo Romançal contém em si os embriões de três outros — o Balé Romançal, o Conjunto Romançal de Câmera e a Trupe Romançal de Teatro. Se tivermos condições para tanto, eles serão criados. Senão, o Grupo Romançal se encarregará dos espetáculos e concertos necessários ao programa traçado. Dando como certa a primeira hipótese, começemos a falar deles pelo Balé Romançal.



Caboclo-de-Lança de Maracatu Rural

## BALÉ ROMANÇAL

No que se refere à Dança, pretendemos que nossos coreógrafos e dançarinos sigam o caminho que se adotou na Europa mediterrânea renascentista (e posteriormente na barroca) para a criação daquilo que hoje chamamos de “dança

clássica”. Ali, no século XVII (o de Lully e outros), foi que os passos da dança popular italiana foram codificados e introduzidos, na corte, como uma dança a partir daí universalizada e com foros de erudita.

Seguindo caminho parecido, teremos que estudar os diversos passos da nossa bela e forte dança popular, partindo-se então daí para a criação da dança brasileira total, por enquanto ainda apenas em começo mas que deve, inclusive, fundir a popular e a clássica. A nosso ver, o caso do Brasil é semelhante ao da Espanha ou, talvez mais ainda, ao da Rússia, onde, ao lado da tradição importada do balé clássico (adotado, no século XVIII, por influência do Czar Pedro, O Grande), existe a outra, não menos importante de uma dança nacional e popular originada dos povos mongóis dominados pelos russos brancos e que está sendo desenvolvida e recriada em pé de igualdade com a clássica. Experiências



Alunas da Professora Marisa Queiroga

como a do pernambucano Antônio Carlos Nóbrega são de vital importância para esta recriação da dança popular. Por outro lado, obtivemos o apoio da Professora Marisa Queiroga, que vem incluindo adolescentes e meninas pobres do Recife como alunas de dança clássica. Marisa Queiroga já está participando do Grupo Romançal. Mas, no Projeto, pretende-se ir adiante com suas experiências através do Balé Romançal, grupo de dança no qual serão levadas em conta as raízes negras, indígenas e ibéricas, miscigenadas em nossa cultura. Isto, porém, sem desprezar as contribuições que foram paulatinamente nos enriquecendo no curso de nossa História — o que inclui, naturalmente, a dança clássica.

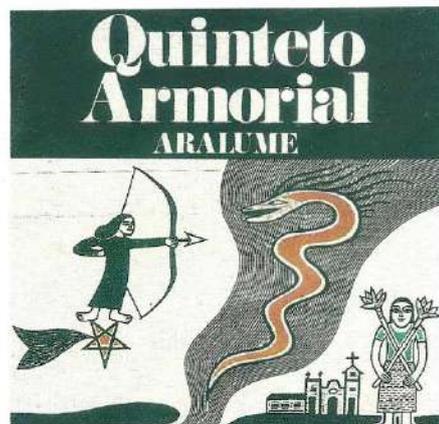
O primeiro passo para a concretização deste programa será a encenação de um espetáculo, "Os Cisnes", criado a partir de uma narrativa de Germano Barros de Souza, com músicas de Schubert, Saint-Saens, Ravel e Villa-Lobos.

### CONJUNTO ROMANÇAL DE CÂMERA

O Coordenador das atividades musicais do Projeto é Antônio Madureira que desempenhou o mesmo papel em relação ao Quinteto Armorial. Além disso, na mesma linha das



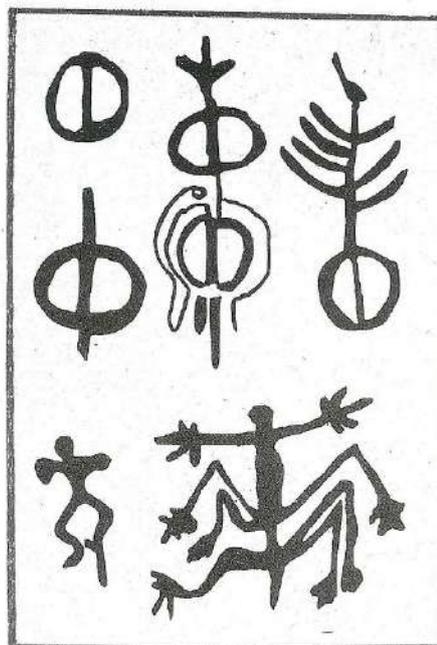
idéias que nos levaram a pedir que Marisa Queiroga colaborasse conosco, chamamos para integrar o Grupo Romançal a Professora Clarisse Amazonas que, também no Recife, ensina crianças carentes a tocar violino. Foram escolhidos seis dos seus melhores alunos para tocarem, com outros instrumentistas jovens, as músicas mais fáceis dos nossos espetáculos.



Pretende-se recrutar esses outros músicos jovens entre os alunos do Centro de Criatividade Musical da Secretaria de Educação de Pernambuco.

Em nível mais rigoroso de interpretação, porém, o objetivo principal do projeto em termos de Música é a criação do Conjunto Romançal de Câmera, cujo repertório incluirá a música barroca brasileira (erudita e popular) do século XVIII; a romântica do século XIX; e a dos nossos maiores compositores do século XX, principalmente a dos discípulos que o notável compositor brasileiro César Guerra Peixe deixou em Pernambuco.

Por aí, buscar-se-á a criação de uma música erudita brasileira composta a partir da música e dos instrumentos tocados pelo povo, começando pelos "romances" ibéricos (que têm, semelhança tão acentuada com as "toadas" dos cantadores) e encaminhando-nos, por esse roteiro, até os "galopes" e "repentes" acompanhados por viola, rabeca ou marimbau, músicas cujo espírito e cujas formas se harmonizam tão admiravelmente com as do Romanceiro do qual se originaram.



Pintura rupestre nordestina



Pintura nordestina com citação rupestre

h

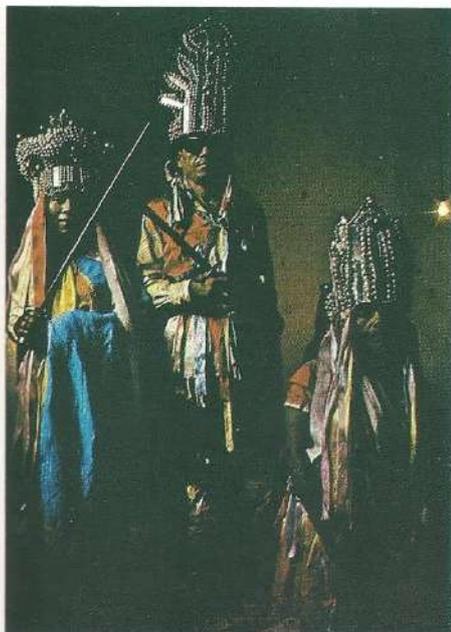
Foi tendo em vista tudo o que se acaba de afirmar que escolhemos como patrono da parte do projeto que cuida de Teatro, Música e Dança, o grande compositor e dramaturgo pernambucano Luis Alvares

Pinto, cuja obra, do século XVIII, foi redescoberta e divulgada através de admirável pesquisa do Padre Jaime Diniz.

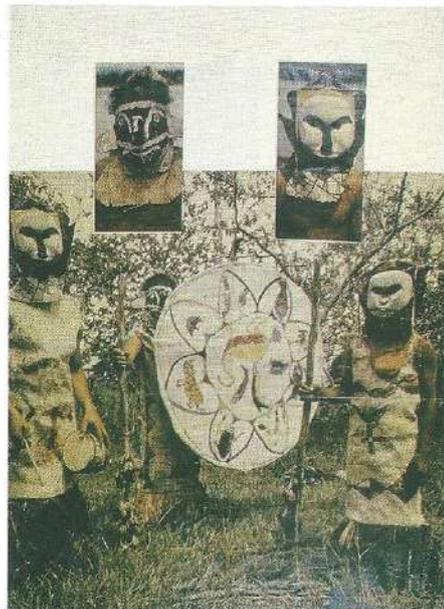
### TRUPE ROMANÇAL DE TEATRO

O Projeto prevê ainda a criação da Trupe Romançal de Teatro, cujos espetáculos, assim como os do Grupo Romançal, serão orientados por Romero de Andrade Lima.

Seguindo a linha do que se faz no campo do teatro popular, as encenações a serem promovidas pela Trupe Romançal serão mistos de teatro e dança, com roupas baseadas nas dos nossos “guerreiros” e “brincantes”. Assim como, no cinema japonês, os tipos, as roupas e os personagens são baseados nos do teatro nacional e popular do País — o “nô” e o “kabuki” — no Brasil podem sê-lo nos dessas fortes e imaginosas expressões da nossa cultura que são o “Auto de Guerreiros”, o “Reisado”, o “Cavalo Marinho”, o “Fandango” e outros.



Cena de teatro brasileiro popular



Cena de teatro brasileiro indígena

Por isso, no próprio espetáculo imaginado para iniciar o Projeto, as músicas de Schubert, Saint-Saens, Ravel e Villa-Lobos serão apresentadas em versões novas que, recriadas por Antônio Madureira, serão executadas por instrumentos originados da tradição popular brasileira. São instrumentos como a rabeca, a viola dos cantadores e o marimbau



Pintura nordestina contemporânea, com citação de Goya

(berimbau de lata ou de cabaça), este último percutido ou tocado com arco.

Considerando o que aí fica dito, solicitamos, também, para o Projeto, a colaboração de Antúlio Madureira que, além de se dedicar à Dança, está levando adiante uma pesquisa interessantíssima sobre os instrumentos populares brasileiros para recriá-los e introduzi-los nas salas de concerto, de modo a executar com eles também a música erudita, brasileira ou não.

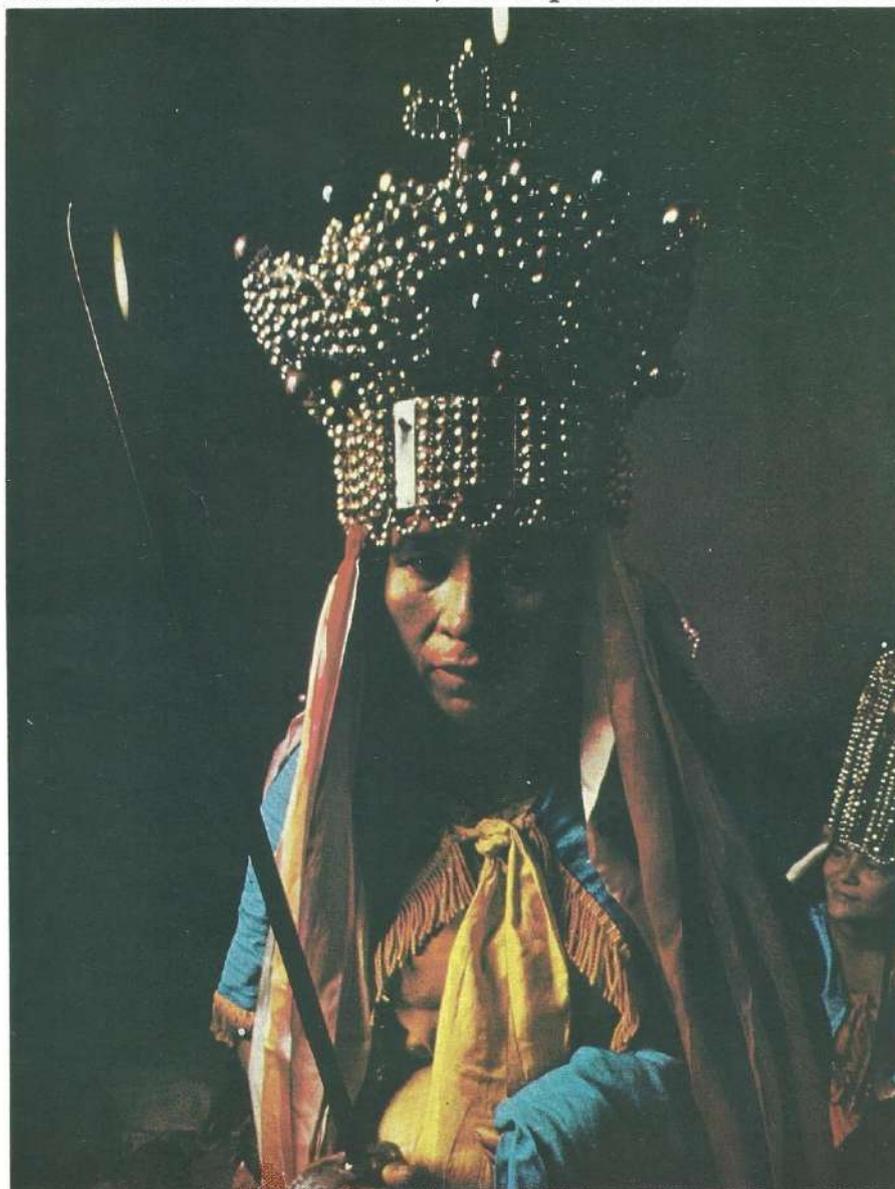
De outra parte, nos espetáculos romances, surgirão em cena atores e bailarinos clássicos e populares, buscando-se a fusão harmoniosa da tradição erudita com a do povo, pois as próprias figurantes adolescentes da dança clássica serão integradas, como as "bailarinas" jovens do Maracatu Rural, a coros e figuras outras que, como o próprio "caboclo de lança", pertencem à rica e variada tradição do nosso espetáculo popular.

O público privilegiado dos espetáculos ligados ao Projeto serão os estudantes das universidades, escolas e colégios, principalmente os da

rede estadual de ensino. Este público será buscado em seus próprios locais de estudo, afim de que não sejamos forçados, para mobilizá-lo, a lançar mão de indesejáveis e dispendiosas campanhas de publicidade.

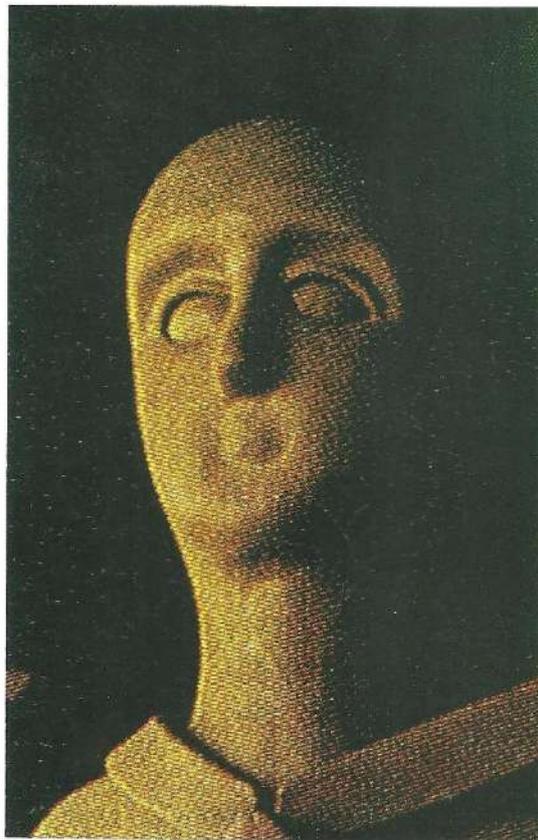
### CIRCO — TEATRO ARRAIAL

No que se refere ao público comum, os espetáculos e concertos serão realizados no “Teatro Arraial”, nome que alude ao Arraial de Canudos e



“Guerreiro” de espetáculo popular brasileiro

ao de Palmares. Além disso, o nome Arraial foi escolhido para, com o de Romançal, marcar a terceira fase do movimento cultural que é a base de apoio do Projeto. O Teatro Arraial será instalado na Rua da Aurora, e nele haverá lugar, também, para o espírito, as formas e os figurantes do Circo. Será um teatro modesto, adaptado às condições reais do Estado. De qualquer modo, ficará marcada, nele, a presença de mágicos, equilibristas, palhaços e malabaristas que surgirão em cena juntamente com atores e bailarinos eruditos ou populares.



Cerâmica popular nordestina

h

Tudo isso é tanto mais importante na medida em que se constata um fato: o povo brasileiro nunca separou o circo do teatro. Normalmente, é mesmo através dos espetáculos circenses (inclusive os que aparecem na televisão, sucessora do circo) que as crianças e adolescentes brasileiros entram, hoje, em contato com as peças de teatro. O que nos remete a outro item importante do Projeto, o que se refere a cinema e vídeo.

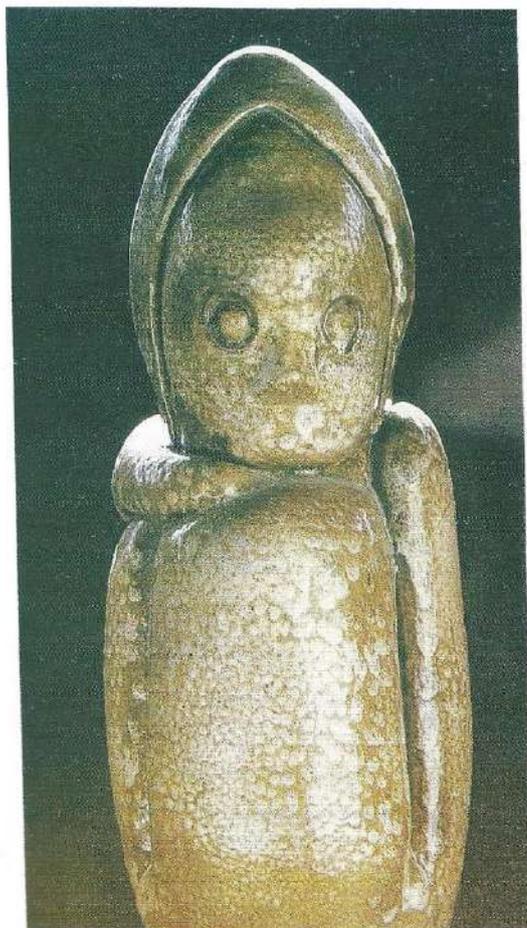
#### PROJETO JOTA SOARES — VÍDEO E CINEMA

Levando-se em conta o papel cada vez mais importante que a televisão desempenha hoje — principalmente em relação aos mais jovens — planeja-se realizar um vídeo de cada espetáculo que vier a ser realizado,

o que já se tentou com a primeira aula-espetáculo. Entretanto, ao contrário do que ocorreu nessa primeira experiência, os vídeos, como os imaginamos, não devem ser simples registros, mas sim novas obras de arte, criadas a partir dos espetáculos, a exemplo do que já se fez, entre outros casos, com os balés “Giselle” e “Dom Quixote”, este a partir da famosa coreografia de Marius Petipas.

Tais vídeos serão fundamentais para o programa de interiorização da Cultura, meta cuja importância é sempre destacada, mas que também nunca é cumprida. A interiorização torna-se possível através do vídeo. Ao mesmo tempo, com ele, pode-se restaurar, até no interior, a tradição dos Cine-clubes, que prestavam tantos serviços e se encontram em dificuldade, correndo até o risco de extinção.

Romero de Andrade Lima (que, além de artista plástico e encenador, também se interessa por cinema e televisão) será o coordenador do “Projeto Jota Soares”, nome escolhido em homenagem ao grande pioneiro do cinema mudo em Pernambuco.



Cerâmica de Francisco Brennand

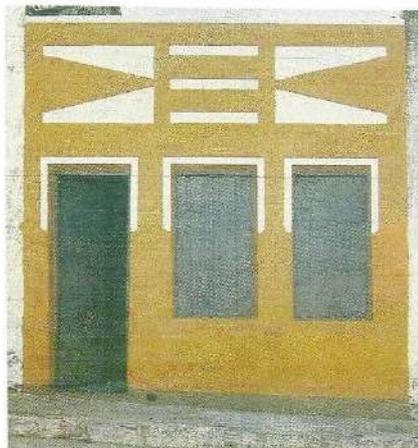
h

**PROJETO ANTÔNIO  
FERNANDES DE MATOS —  
ARQUITETURA, PINTURA  
E ESCULTURA**

A lei que criou a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco — Fundarpe — hoje vinculada à Secretaria de Cultura, estabeleceu a necessidade de se promover a interiorização de suas atividades por meio dos Centros

Intermunicipais de Cultura. Até hoje só se fez uma tímida tentativa neste sentido com o Museu do Barro, situado em Caruaru.

Inquieta-se, porém, o fato de que, no Brasil, os “centros culturais” e “casas da cultura” quase sempre são criações artificiais enormes, impostas de cima para baixo e sem qualquer correspondência com a realidade econômica e social do País.



Fachada de casa popular brasileira

Entre nós, pensam-se os Centros Culturais como grandes obras arquitetônicas criadas pelo poder público e que logo se mostram inviáveis pelo alto custo de sua vitalização e até de sua manutenção.



Fachadas barrocas da Rua da Aurora, Recife

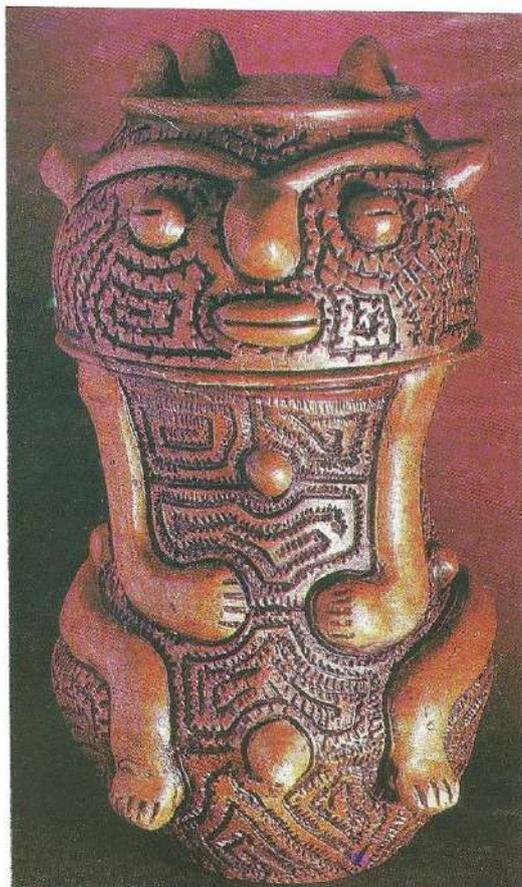
h

Diferentemente do caminho comum, nossa idéia é partir de locais e grupos comunitários onde o próprio povo tenha organizado atividades ligadas às artes cênicas ou plásticas, assim como à música e à literatura. Em nosso entender, os locais onde estas artes são praticadas é que são os verdadeiros centros culturais. Deles podemos partir

para a criação de um centro real, barato, possível e que, ao mesmo tempo, corresponda à verdade profunda do nosso Povo, o qual se encarregará, ele mesmo, de manter vivo e atuante o centro cultural que se originou do seu.

É necessário, porém, ficarmos atentos para que a oficialização e a burocracia não prejudiquem, ou mesmo sufoquem, a beleza e a verdade da criação popular.

Foi com todas estas idéias como guia que se imaginou aliar os Centros Intermunicipais da Cultura às "Ilumiaras", nome ligado às **itaquatiaras**, pedras pintadas ou lavradas em baixo-relevo e que, normalmente situadas perto das águas e no centro de anfiteatros naturais, povoam o interior do Nordeste e de outras regiões do Brasil. Datam elas da mesma época pré-histórica à qual pertencem algumas esculturas e pinturas rupestres já referidas aqui.



Cerâmica brasileira indígena

Não esqueceremos, porém, um outro dado que foi decisivo na formação da cultura brasileira: a influência do barroco ibérico, presente ao longo de toda a nossa História e cuja marca é visível em obras como a do Aleijadinho ou a de Antônio Fernandes de Matos (arquiteto da Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Recife, e artista que dá nome a esta parte do Projeto), a de Euclides da Cunha ou a de Villa-Lobos.

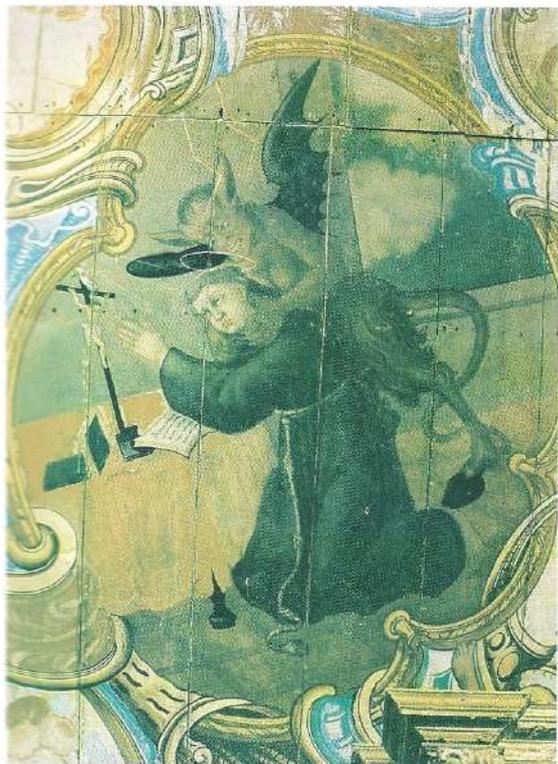
h

No Convento de Santo Antônio, em Igarassu, existem obras



Detalhe de um dos painéis da Paixão, óleo sobre madeira, Igarassu

que revelam três linhagens do barroco brasileiro. A primeira, é a dos painéis da Paixão, realizados numa linha semelhante à dos discípulos de Jerônimo Bosch, e conseqüentemente considerados “eruditos”. A segunda, é a dos painéis votivos, “populares”. Finalmente a de painéis como “A Tentação de Santo Antônio”, obra na qual o pintor, do século XVIII,



A tentação de Santo Antônio — Igarassu

executou uma espécie de “popularização” ou “primitivização” do barroco brasileiro, o que terminou por aproximá-lo do espírito e das formas do românico e da xilogravura popular nordestina.

Para ajudar nosso trabalho, o Governador Arraes nomeou como assessor da Secretaria de Cultura o escultor “popular e primitivo” Arnaldo Barbosa, em cuja obra parecem fundidos o barroco brasileiro “primitivizado” e o estilo das itaquatiras.

Quanto às Ilumiaras, propriamente, pensamos em delimitar seus espaços através da pintura e do



Painel votivo “popular” da fundação de Igarassu



Baixo-relevo em pedra, de Arnaldo Barbosa

baixo-relevo. Os espaços para a pintura serão as fachadas, o que se fará sempre com atenção ao admirável trabalho que a fotógrafa Anna Mariani realizou sobre as casas populares nordestinas. Nos muros e paredes, serão encravados os baixos-relevos de Arnaldo Barbosa.

h

Além disso, onde for possível, pretende-se ligar as Ilumiaras a datas e locais importantes da nossa História e da

nossa cultura. Identificamos, já, alguns locais para sedes dos futuros Centros Intramunicipais de Cultura, cada um deles unido a uma Ilumiara: Olinda, pelo maracatu-rural; Bezerros, pela oficina de folhetos e gravuras de J. Borges; Caruaru, pela cerâmica; Matriz da Luz, em São Lourenço da Mata, pela tapeçaria; Buíque e Salgueiro, pelo artesanato e pelos sítios arqueológicos; Brejo da Madre de Deus e Cimbres, por seus santuários; e as sete comunidades indígenas de Pernambuco, que receberão, no Projeto, atenção especial. São elas: a tribo Xucuru, de Pesqueira; a Fulniô, de "Águas Belas; a Cambiwá, de Ibimirim e Inajá; a Pankararu, de Petrolândia e Tacaratu; a Capinawá, de Buíque; a Atikum, de Floresta e Carnaubeira; e a Truká, de Cabrobó. Para assessorar-nos no trabalho junto a essas comunidades foi nomeado o índio fulniô Paulo Ribeiro, que está nos prestando, já, valiosa ajuda

no sentido de resgatar e revitalizar a cultura indígena de Pernambuco.

Entretanto, existem dois outros locais que devem ser mencionados aqui, se bem que não se trate, neles, do estabelecimento de Ilumiaras, pois são tombados: o Morro dos Guararapes e o das Tabocas, este situado em Vitória de Santo Antão. Falar sobre a importância de Guararapes para o Brasil é talvez desnecessário. Quanto ao Morro da Tabocas, porém, ali se travou a batalha que

foi o primeiro grande marco da insurreição contra os holandeses. Em 1995 a Batalha das Tabocas estará completando 350 anos, uma vez que foi travada a 3 de agosto de 1645.



Cerâmica nordestina

Data também importante — e esta a ser comemorada por uma Ilumiara — é o centenário do Arraial de Canudos, estabelecido em 1893 e destruído a 5 de outubro de 1897. Pensamos em fazer a “Ilumiara Antônio Conselheiro” no Alto do Moura, em Caruaru, local em que se reúne uma quantidade impressionante de artistas populares que, em comunidade, trabalham com barro.



Procuramos, então, o grande ceramista pernambucano Francisco Brennand, tendo em vista que seu trabalho — hoje universalizado por ser reconhecido internacionalmente — é uma espécie de coroa e cume da arte dos nossos ceramistas populares. Falamos do projeto, e Brennand a ele se integrou com entusiasmo. A equipe da Secretaria de Cultura deslocou-se até o Alto do Moura, re-

gressando ao Recife com a idéia de pedir a Brennand que recrie 13 figuras do falecido Mestre caruaruense José Caboclo. Com as figuras recriadas, pensa-se em fazer um monumento que, como centro da Ilumiara, represente o profeta de Canudos como um Cristo brasileiro cercado por seus 12 apóstolos. Como sucederá, aliás, com todas as Ilumiaras, o monumento é apenas um marco simbólico do trabalho que se pretende fazer em apoio à própria comunidade que já trabalha no local.

Outro lugar pensado para sede de uma Ilumiara é Salgueiro, no alto sertão de Pernambuco. Aí, além da existência de importante sítio arqueológico, assinala-se a presença de uma comunidade de artesãs. São mulheres descendentes dos negros que ali se fixaram para lutar contra a escravidão. A presença delas é tão marcante que dá nome ao local até hoje — Sítio das Crioulas.



Tapeçaria nordestina

## h

Entretanto, a primeira Ilumiara a ser criada no curso do Projeto é a "Ilumiara Zumbi", o que foi decidido porque no dia 20 de novembro de 1995 ocorrem os 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, líder maior do grande povo negro do Brasil. Pedimos a um integrante do Movimento Negro Unificado,



Tapeçaria nordestina

Josafá Mota, que nos assessorasse nos assuntos ligados à cultura negra do Brasil, e o local escolhido para a Ilumiara Zumbi foi uma praça situada em bairro pobre de Olinda. Nela, por acaso, já existem dois maracatus rurais em funcionamento — o "Leão Formoso" e o



**Baixos-relevos  
em pedra.  
Inscultura  
pré-históricanordestina**



“Piaba de Ouro”. Nossa intenção é fazer da praça um anfiteatro para espetáculos de toda natureza, uma vez que, por causa da liderança exercida sobre o pessoal dos maracatus rurais por Manoel Salustiano Soares, mestre do “Piaba de Ouro”, já é este o papel que a praça desempenha ali. Como já foi sugerido, antes, de passagem, o espaço arquitetônico da Ilumiara, ou seja, do anfiteatro, será delimitado por grandes painéis em baixo-relevo, insculpidos por Arnaldo Barbosa especialmente para este fim. O Mestre Salustiano foi também nomeado assessor da Fundarpe. Assim, a partir do espetáculo “Os Cisnes” aparecerão harmoniosamente em cena recriações eruditas dos figurantes do maracatu rural e as jovens dançarinas ensaiadas por Marisa Queiroga, todos como participantes do “Grupo Romançal”.

Em acordo com a Prefeitura de Olinda, estuda-se ainda a possibilidade de fixar na “Ilumiara Zumbi” outros grandes artistas populares do município, o que ampliará e aprofundará o significado da praça como verdadeiro Centro de Cultura.

### **PROJETO LEANDRO GOMES DE BARROS — LITERATURA, ARTES PLÁSTICAS, MÚSICA E ARTES CÊNICAS**

Além dos prêmios e edições que já se incluem na programação nor-



**Pedra nordestina insculpida com baixos-relevos pré-históricos**

mal da Secretaria de Cultura, no curso do Projeto pretende-se criar o Prêmio Leandro Gomes de Barros, conferido anualmente a praticantes de qualquer das artes, isto é, romancistas, pintores, dramaturgos, atores, dançarinos, poetas, escultores, cineastas, ceramistas, gravadores, músicos, arquitetos etc.

O prêmio será conferido em duas categorias — a de coroamento de obra e a de estímulo à criação — ambas porém com importância em dinheiro igual.



Forma insculpida em pedra. Arte pré-histórica nordestina

h

Quanto aos livros, seguindo uma sugestão do Governador Arraes, pensa-se em preparar edições didáticas e cuidadosas dos nossos clássicos, que merecem atenção igual à que vem sendo dispensada aos contemporâneos. Tanto no caso dos prêmios quanto no das edições (e como, no Projeto, se agirá com todas as artes) não se faz, aqui, qualquer distinção entre literatura erudita e popular. Um autor de folhetos como Francisco Sales Areda, autor da obra clássica que é “O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna”, é tão importante para a cultura brasileira quanto qualquer poeta erudito. Aliás esse folheto dará seqüência a nossos espetáculos imediatamente depois de “Os Cisnes”. E, em linha semelhante,



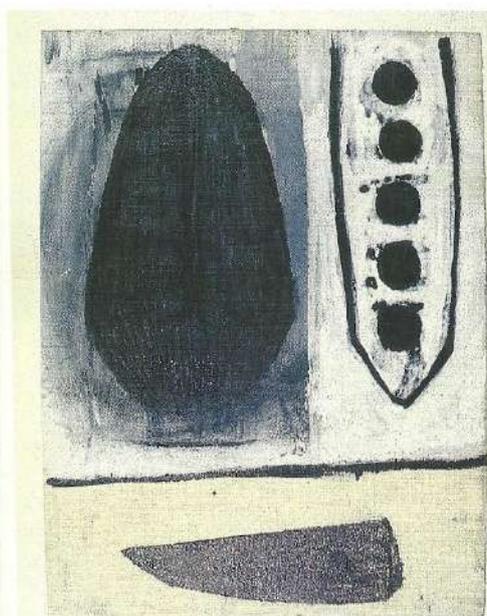
Cervídeo pintado em pedra. Arte pré-histórica nordestina



Desenho nordestino contemporâneo. Arte de vanguarda com citações rupestres

pensa-se na realização de outros espetáculos também baseados na poesia narrativa do Romanceiro Popular do Nordeste. Na seleção deles será seguido um critério que é no mínimo curioso

para as pessoas que consideram a cultura popular apenas “curiosa e pitoresca”: para as encenações, dar-se-á preferência a folhetos cuja ação tenha como núcleo uma história popular já usada por um grande escritor da literatura universal. É o caso, entre outros, de “O Enterro do Cachorro”, anedota já usada por Le Sage; da “História de Dona Genevra”, recriada por Boccaccio; de “O Cavalo que Defecava Dinheiro”, história aproveitada por Apuleio, em “O Asno de Ouro”, e por Cervantes no “Dom Quixote”; e de “Romeu e Julieta”, assunto de conto de Luigi da Porto e



Desenho nordestino contemporâneo



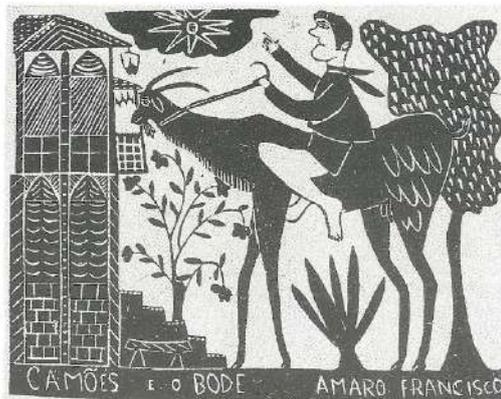
Baixo-relevo nordestino da época pré-histórica

da novela-curta de Matteo Bandello que inspirou a Shakespeare a criação de sua peça.

h

Outro fato a ser levado em conta é que atualmente fala-se muito na possibilidade de extinção da Literatura de Cordel. Talvez isto venha a ocorrer. Mas não será por falta de vitalidade, pois são inumeráveis os poetas populares que, hoje como sempre, escrevem folhetos no Nordeste. Será porque a Literatura de Cordel não recebe qualquer tipo de apoio, da empresa privada ou dos organismos oficiais. É por aí que se chega a definir o papel do Estado na cultura: apoiar as manifestações culturais que, sendo importantes, vitais, mesmo, para o país, por sua própria natureza não têm condições de receber apoio do mercado — para repetir idéia do atual Ministro da Cultura, Francisco Weffort. Os gravadores, os ceramistas, os tapeceiros, os escultores, os músicos e os grandes poetas do Romanceiro Popular do Nordeste (que começaram seu fecundo trabalho desde os séculos XVI e XVII e ainda hoje estão em plena atividade) precisam e merecem receber tal apoio do Estado. Assim como age o Governador Arraes em relação aos trabalhadores (inclusive os rurais), na medida em que nos for possível procuraremos compensar com o nosso apoio a injustiça secular que vem sendo imposta no curso da nossa História aos geniais trabalhadores anônimos da Cultura brasileira. Nossa idéia é criar um programa

no qual cada folhetista receberá por folheto selecionado um prêmio que lhe permita editá-lo. Com isto, pretende-se que a Literatura de Cordel retome a vitalidade editorial que tinha até recentemente. A nomeação de Amaro Francisco como assessor da Secretaria de Cultura não teve, portanto, a conotação assistencial e paternalística que alguns julgaram enxergar nela: Amaro Francisco é quem vai orientar o programa dessas edições, contando para isto com o vasto conhecimento que ele e seu irmão J. Borges têm do universo e das pessoas ligadas ao Romanceiro Popular.



Por outro lado, a Companhia Editora de Pernambuco, ligada à Secretaria de Governo, já nos comunicou que possui aparelhagem gráfica apta a editar folhetos, o que permitirá aos poetas publicar suas obras a um custo bem mais baixo do que o comum.

Quanto ao patrono do programa, foi escolhido para isto o nome do mais genial de todos os poetas do Romanceiro Popular do Nordeste, Leandro Gomes de Barros, sobre o qual escreveu Carlos Drummond de Andrade:



“A láurea de **príncipe dos poetas brasileiros**, outorgada, em 1913, a Olavo Bilac, a rigor só podia caber a Leandro Gomes de Barros, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Leandro foi o grande consolador e animador de seus compatriotas, aos quais servia sonho e sátira, passando em revista acontecimentos fabulosos e cenas do dia-a-dia, falando-lhes



Painel da Paixão, em Igarassu

tanto do boi misterioso, filho de vaca feiticeira, que não era outro senão o demo, como do real e presente Antônio Silvino, êmulo de Lampião.” (Citado por Homero Senna em “Literatura Popular em Verso — Antologia, Tomo III Leandro Gomes de Barros — 2”, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de

Rui Barbosa/Universidade Federal da Paraíba, Rio, 1977, pgs. VII/VIII.)

### PROJETO AYRTON CARVALHO — PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Três lugares foram escolhidos como símbolos do trabalho que a Secretaria de Cultura deseja realizar em relação ao Patrimônio histórico: o “Cinema Guarani”, em Triunfo, a igreja do Convento de Santo Antônio, em Igarassu, e a Rua da Aurora, no Recife.

h

Em Triunfo, levando-se em conta a comemoração dos 100 anos do Cinema, o que se pretende é concluir a restauração do “Cinema Guarani”, se possível fazendo-se dele centro de um Cine-Clube que

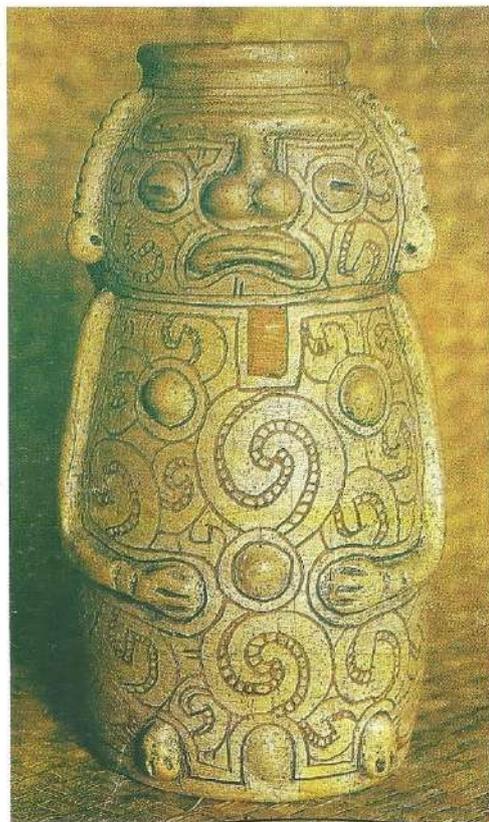


Pormenor do Painel da Paixão

venha se juntar aos videoclubes já referidos.

Em Igarassu, o Convento e a pinacoteca foram restaurados em excelente trabalho da administração anterior. Conseqüentemente, estão em bom estado. Mas a igreja está urgentemente necessitada de trabalho semelhante, que salve da ruína tão importante obra do nosso patrimônio cultural, e esta é outra meta prioritária do Projeto.

Finalmente, merece menção especial o trecho da Rua da Aurora situado, no Recife, entre a Ponte de Santa Isabel e a Rua do Riachuelo. O Estado de Pernambuco possui aí 7 imóveis. Deles, 4 são, hoje, vinculados à Secretaria de Cultura: em dois, funcionam a Fundarpe e a própria Secretaria; no terceiro, o Museu da Imagem e do Som de Pernambuco; o quarto está sendo restaurado para nele se instalar o Teatro Arraial. Outros dois imóveis do Estado abrigam o Centro de Criatividade Musical e a Secretaria de Segurança Pública. O sétimo, antigamente sede do extinto Senado Estadual, está fechado, aguardando, também, restauração.



Urna Funerária. Cerâmica brasileira indígena

h

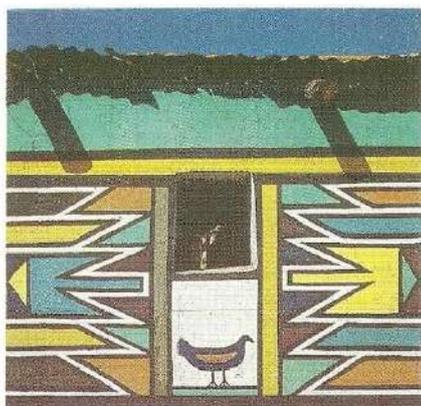
Se as condições forem favoráveis, esse trecho da Rua da Aurora será inteiramente restaurado e entregue ao Povo pernambucano, não só como o monumento que já é, mas como um outro Centro Cultural vivo, uma espécie de enorme "Ilumiara Barroca" que celebre o passado, por

sua forma, mas que, por sua atividade, assinale o presente e aponte para o futuro.

### FESTIVAIS

O Projeto prevê, ainda, apoio a Festivais, privilegiando aqueles que, como o de Arcoverde, são orientados no sentido de uma arte nacional e popular — no caso, a dos Cantadores. Outros, como o de Garanhuns, serão redirecionados, evitando-se contratações dispendiosas de artistas que se apresentam por uma noite e desaparecem, sem qualquer proveito duradouro para a cultura do Estado.

Além dos Festivais mencionados, pretende-se promover outros, entre os quais alguns que, em teatros como o de Santa Isabel, por exemplo, apresentem aos meios de comunicação e ao público urbano instrumentistas populares como os de rabeca, percussão, viola e marimbau. Será ocasião para estudar e revalorizar os timbres e os ritmos da música feita pelo nosso Povo, tão rica de sugestões mas que, quase sempre servindo apenas de suporte a espetáculos e secundarizada perante a ação e os figurantes, não recebe a atenção que merece. Voltamos a lembrar que ela pode servir de roteiro a nossos compositores eruditos para a criação de uma música que expresse nosso País e nosso Povo.



Fachada de casa popular africana

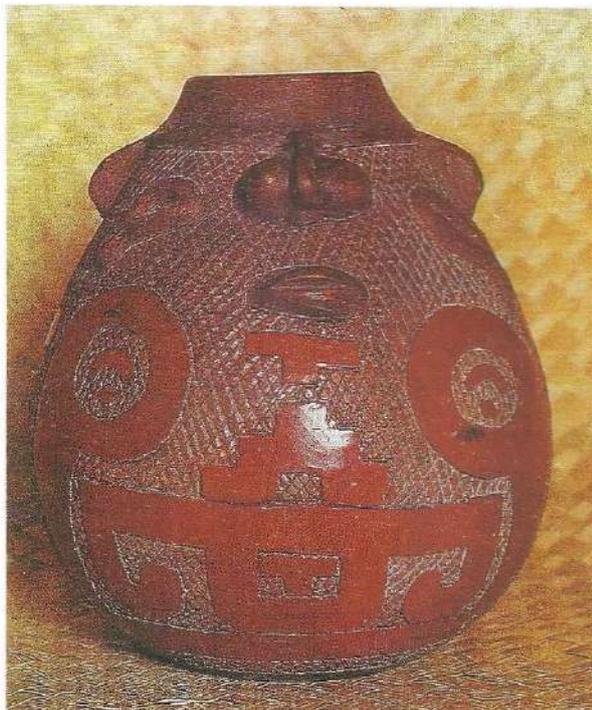


Fachada de casa popular brasileira

h

Agora, tudo o que está aqui exposto apresenta, só, as linhas-mestras do Projeto: outras iniciativas serão tomadas, acolhidas ou apoiadas nele, outros nomes de pessoas, grupos ou lugares aparecerão em seu curso, al-

guns já identificados. É o caso da Torre Malakov, situada no bairro do Recife e cedida à Fundarpe pela Marinha: pretendemos revalorizá-la como um outro espaço cultural. É o caso das Caravanas Culturais, por cujo intermédio pretende-se intensificar o programa de interiorização. E é o caso de grupos de teatro, música e dança, como a “Companhia Babel” e o grupo “Alma em Água”. Apoiaremos tais grupos e, de modo geral, todos aqueles que, fazendo Cinema,



Cerâmica brasileira indígena

Vídeo, Artes Plásticas ou Literatura, se interessam pela arte brasileira. Não somos exclusivistas e radicais. Mas também não somos indefinidos nem amorfos a ponto de ficar na rotina do simples e indiscriminado repasse das poucas verbas de que dispomos para apoio à Cultura brasileira. Como já se afirmou antes, dentro de nossas possibilidades, artistas como Eveline Borges ou grupos que se preocupam com a criação e interpretação da Arte brasileira, receberão nosso apoio — nem que seja, na falta de verba, o da nossa presença e da nossa palavra. Se esta posição nos trazer a pecha de **puristas**, ou de arcaicos, nós a assumiremos, convictos que estamos de que, assim agindo, estamos fazendo o melhor pela Cultura brasileira, nordestina e pernambucana.

\*

Estão aí resumidas, portanto, as metas relacionadas com a Cultura para os 4 anos do Governo Arraes. Sejam quais forem as condições que



difícultem sua realização (como, por exemplo, a pobreza que aflige todas as unidades da Federação), as idéias aqui reunidas estão sendo, já, expostas e debatidas nas Aulas-Espetáculo, as quais podem ser ministradas apenas com a presença de um explanador e um músico. Se pudermos juntar a eles um projetor e um vídeo, a custo muito baixo serão exibidas aos alunos da rede estadual de ensino — do Recife até o Sertão mais longínquo — imagens imóveis, fotografadas, ou imagens ani-

madadas pelo movimento em filmes e vídeos. Em ambos os casos, as imagens serão representações concretas das idéias alinhadas aqui. Por outro lado, nas aulas, dar-se-á preferência à mostra de obras que, como “Viva México”, de Eisenstein, revelem a mesma preferência que elegemos pela cultura nacional e popular. Salvo melhor juízo, foi o que nos ocorreu para tentar cumprir a missão recebida.



ARIANO SUASSUNA  
CARLOS DA FONTE  
RAIMUNDO CARRERO  
BRIVALDO CAMPELO FILHO